

SÍLVIA CHRISTINA MADRID FINCK

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE: UMA VISÃO NA ESCOLA PÚBLICA

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA

PIRACICABA-SP

1995

SÍLVIA CHRISTINA MADRID FINCK

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE: UMA VISÃO NA ESCOLA PÚBLICA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação (Educação Motora), do Programa de Pós- Graduação, da Universidade Metodista de Piracicaba, sob orientação do Prof. Dr. Ademir Gebara.

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA

PIRACICABA-SP

1995

SÍLVIA CHRISTINA MADRID FINCK

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE: UMA VISÃO NA ESCOLA PÚBLICA

Área de concentração:
Educação Motora

Orientador:
Prof. Dr. Ademir Gebara

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA

PIRACICABA-SP

1995

RESUMO

O estudo realizado objetiva discutir algumas questões presentes nas relações entre a Educação Física Escolar e o Esporte, enquanto elemento de Educação, no espaço da Escola Pública de 1º grau, especialmente no período de 5ª a 8ª série. Aborda-se sobre a crise da Educação Física identificando-a com um contexto maior; faz-se o caminho inverso do geral para o particular, da crise da sociedade, dos seus diferentes sistemas, da escola e da Educação Física. A linha básica de argumentação foi de início discutir sobre as possibilidades de Educação, evidenciando a escola como principal instituição formal, onde se dá a Educação das pessoas, embora reconheça-se não ser a única forma de se educar. O Esporte é destacado como elemento de Educação em algumas instituições não-formais, onde aponta-se para as limitações existentes; quer seja pela elitização nos clubes esportivos (número reduzidos de pessoas), ou pelo excesso de informalidade com que o Esporte é desenvolvido nos programas e projetos esportivos públicos (ênfasis apenas no aspecto lúdico). Busca-se subsídios para estabelecer a discussão entre Educação Física e Esporte e tenta-se relacioná-los. Aponta-se através de alguns fatos históricos, para a diferença na forma de como a Educação Física e o Esporte se escolarizaram, isto é, passaram a fazer parte do contexto escolar, embora se reconheça que hoje são sinônimos na escola. Destaca-se o fato de o Esporte ser o conteúdo predominante da Educação Física Escolar, assim como chama-se a atenção para formas “pedagógicas” opostas de desenvolvimento, efetivadas pelo professor; a padronização de movimentos ou então, os alunos “jogam” aquilo que “sabem” e “querem”. Faz-se uma abordagem sobre as tendências presentes na Educação, pois considera-se toda prática pedagógica referendadas nas mesmas, inclusive as da Educação Física Escolar. Aponta-se para as diferentes manifestações do Esporte, relacionando e identificando-as na Educação Física Escolar. Evidencia-se a escola pública como o espaço democrático para a prática do Esporte, que pode se dar tanto nas aulas de Educação Física, como nos treinamentos esportivos. Para tanto o professor precisa ter uma postura diferenciada diante do Esporte, ou seja, deixar de perspectivá-lo só na visão de rendimento, favorecendo uma minoria. Não se trata de negar o Esporte, ao contrário, enfatiza-se a necessidade e a importância de tematizá-lo na escola de forma ampla, significativa, democrática e prazerosa. Visualiza-se o Esporte em suas finalidades educativas, como possibilidade de contribuir para o enriquecimento do indivíduo como um todo.

Palavras chaves: Educação Física/Educação Física Escolar/Esporte/Escola Pública

ABSTRACT

The present study aims at discussing some of the matters involved in the relationship between Physical Education at school and Sports as educational elements in the context of elementary level state school curricula, mainly from the 5th through the 8th grade. The crisis in Physical Education is considered through its identification within a larger context, the crisis in society and its different systems, including the school system and Physical Education. The main line of discussion covered the possibilities of Education, highlighting the school as the central formal institution where instruction takes place, but keeping in mind that is not the only source of education. Sports is an emphasized element outside the educational system, where some limitations such as the social segregation in sports clubs and the excessive informality of public sports programs, which focus on the ludic aspect. We search for subsidies to arouse a discussion on the relationship between Physical Education and Sports. From some historical facts, we point out the diverse ways in which Sports and Physical Education were incorporated in the school system programs, although they came to be taken as synonyms. That is due to the predominance of Sports in the Physical Education contents. Besides that, we consider opposite “pedagogical” forms of development carried out by the teacher, for instance, the standardization of movements or the permission for the students to “play” what they “know” and “want”. The current trends in Physical Education are also analyzed, once they are regarded as the frame of reference for the pedagogical practice. Our analysis presents the various performances of Sports, as identified in the school programs. The state school is shown as the democratic space for sports practice, either in the form of Physical Education sessions or specific sports training. Therefore, the teacher must assume a different attitude towards Sports, i. e. move away from an exclusively goal-oriented approach that favours only a few. We are not neglecting Sports, but rather trying to emphasize the need and importance of giving it a wide, significant, democratic and enjoyable status in the school. To that effect, Sports is seen as having educational objectives which can contribute to the development of the individual as a whole.

Key-words: Physical Education, Physical Education School, Public School.

INTRODUÇÃO

O exercício do cargo de professora, há treze anos, na rede pública de ensino, na área de Educação Física, tem oportunizado desempenhar diferentes papéis, de professor e técnico desportivo, em turmas de 1º grau, 5ª à 8ª série, e 2º grau. Os alunos na faixa etária dos 11 aos 14 anos são muito receptivos no tratamento para com o professor de Educação Física e demonstram muito entusiasmo nas aulas.

A oportunidade de trabalhar ao longo desses anos em diversas escolas, possibilitou a aquisição de um universo de experiências, as quais em parte relata-se nesse trabalho. O desempenho, também, da função de técnica desportiva, por opção, tem sido uma vivência significativa, tanto para a docente como percebe-se a atração que exerce nas crianças e jovens.

Reconhece-se a importância da Educação Física para o desenvolvimento integral do indivíduo no período escolar, e o Esporte como importante elemento educacional. Percebe-se que é priorizado enquanto conteúdo a ser desenvolvido pelo professor, assim como nem todos os alunos têm acesso à sua aprendizagem.

O objetivo principal deste estudo é discutir algumas questões presentes nas relações entre a Educação Física Escolar e o Esporte, enquanto elemento de Educação, no espaço da Escola Pública de 1º grau, especialmente no período de 5ª à 8ª série.

O estudo possibilita visualizar a Escola Pública, enquanto o espaço que pode democratizar o ensino do Esporte, pois um grande número de crianças e jovens freqüentam-na, embora muitas ainda estejam fora da escola.

O Esporte é desenvolvido em algumas instituições não-formais, como o clube sócio-esportivo e os programas e projetos esportivos públicos, que utilizam-no como elemento educativo, embora com objetivos diferenciados. O desenvolvimento do Esporte nessas instituições é um tanto limitado; quer seja pela elitização que se dá de diferentes formas (clube sócio-esportivo), ou pelo excesso de informalidade com que é objetivado e ensinado (programas e projetos esportivos públicos), não atendendo muitas vezes às expectativas de grande parte da clientela participante.

Acredita-se que há possibilidade de alguns elementos característicos do jogo serem utilizados para o ensino do Esporte na escola, assim sua prática seria democratizada, significativa e prazerosa. Portanto, as oportunidades de sua aprendizagem para o aluno seriam maiores nas aulas de Educação Física, se o professor priorizasse a ludicidade.

Diante disso, há necessidade do professor de Educação Física redimensionar o ensino do Esporte na Escola de 1º grau, revendo a metodologia utilizada, de maneira que todos os alunos tenham acesso à sua aprendizagem.

Reconhecendo a importância da Educação Física para o desenvolvimento integral do indivíduo, no período escolar, bem como o valor educativo do Esporte e acreditando que a maioria da clientela freqüentadora da Escola Pública deve ter acesso à sua aprendizagem, colocam-se algumas questões inquietantes e preocupantes.

Existe, num primeiro momento um grande interesse por parte dos alunos em participar das aulas de Educação Física. Com o decorrer do processo ensino-aprendizagem, os alunos afastam-se das aulas, principalmente nas 7^a e 8^a séries.

No cotidiano escolar, percebe-se que as aulas acabam sendo privilégio de uma minoria de alunos, quando deveria ser um direito da clientela majoritária que frequenta a escola pública.

Num primeiro momento, a maioria dos alunos participa das aulas de Educação Física e posteriormente os praticantes são uma minoria. Por quê?

Será que os procedimentos utilizados pelo professor têm colaborado para que os alunos adquiram os conhecimentos básicos do Esporte?

Será que as aulas têm sido motivantes para os alunos?

Não deveria a escola ser o principal local para a aprendizagem dos movimentos básicos do Esporte?

Para se discutir as questões, organizou-se o seguinte plano de abordagem: No Capítulo I aborda-se sobre alguns aspectos da crise da Educação Física, a qual gerou a instalação de polêmica pela classe acadêmica e científica a partir da década de oitenta. Evidencia-se que tal crise não é específica, mas também encontra-se na escola, nos seus diferentes sistemas e na sociedade.

Apresenta-se a escola enquanto importante instituição social, onde se dá a Educação das pessoas e aparecem as contradições. Acredita-se que é possível através deste espaço intervir na sociedade buscando sua melhoria e possível transformação.

Considera-se algumas instituições não-formais, especificamente o clube sócio-esportivo e os programas e projetos esportivos públicos, como veiculadores da prática do Esporte com enfoques educativos. Analisa-se aspectos referentes à limitação da prática do Esporte nessas instituições. Evidencia-se a escola como principal local para sua democratização.

No Capítulo II, primeiramente busca-se através de dados históricos, indicar como a Educação Física passou a fazer parte do contexto escolar, isto é, sua escolarização. Em seguida, se faz breves considerações sobre algumas tendências presentes na Educação Física brasileira. Considera-se que a ou as tendências sempre permeiam toda prática pedagógica. Posteriormente, busca-se através de dados históricos, apontar para onde e como teve início a prática do Esporte na escola. Objetiva-se evidenciar algumas diferenças na origem da Educação Física e do Esporte. Finalizando o capítulo aponta-se para as diferentes manifestações do Esporte, relacionando-as com a Educação Física Escolar.

No Capítulo III relata-se sobre a forma, como percebe-se o discurso, isto é, o que se tem hoje enquanto proposta curricular para as Escolas Públicas no que se refere à Educação Física. Posteriormente explicita-se parte do cotidiano, observado através da experiência profissional, enquanto educadora, em algumas Escolas Públicas Estaduais da cidade de Ponta Grossa, campo de atuação de vivência pedagógica. Na seqüência, aponta-se para a necessidade de reflexão, análise e transformação da prática pedagógica da Educação Física que hoje é percebida. Finalmente, perspectiva-se algumas possibilidades de mudança para o ensino do Esporte enquanto conteúdo da Educação Física Escolar.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE

1.1. DA CRISE GERAL PARA ALGUMAS CRISES PARTICULARES

A Sociedade é formada por diferentes sistemas, entre os quais, o educacional, o econômico e o social e como um todo sofre constantes transformações, onde ocorrem melhorias, mas também problemas. Tais sistemas estão inter-relacionados e dependem uns dos outros, tendo cada qual sua complexidade específica, assim como suas necessidades e problemas.

O sistema educacional, na sua complexidade, depende do sistema econômico e social que o geram e o determinam. Os problemas de cada um refletem nos demais, como uma engrenagem, onde as partes têm que funcionar para que o todo funcione. “A educação não pode ser analisada abstratamente, mas sim condicionada e condicionante de uma sociedade determinada.”¹

A Educação dos indivíduos de uma sociedade interfere no seu desenvolvimento, sendo que, nos indicadores de desenvolvimento da O. N. U. (Organização das Nações

Unidas), é amplamente reconhecido que existe uma ligação estreita entre educação, progresso econômico e social. “É falsa a afirmação de que nada é possível fazer na educação enquanto não houver uma transformação da sociedade, porque a educação é dependente da sociedade. A educação não é, certamente, a alavanca da transformação social. Porém, se ela não pode fazer sozinha a transformação, essa transformação não se consolidará sem ela.”²

A Educação, enquanto fenômeno social, tem evidenciado duas funções opostas: de um lado a conservadora, de outro a renovadora. A função conservadora da Educação torna-se evidente, consistindo num processo de transmissão das tradições ou da cultura de um grupo, de uma geração à outra. Por outro lado a função renovadora da Educação visa à promoção do ser humano e, portanto são suas necessidades que determinam os objetivos educacionais, as quais devem ser consideradas de forma concreta, pois a ação educativa é sempre desenvolvida num contexto existencial.³

Assim sendo, de acordo com a função renovadora da Educação, as necessidades e a realidade de cada comunidade deveriam ser levadas em consideração, na elaboração e execução do planejamento educacional, para que a Educação realmente tivesse significância e cumprisse sua função, a qual está relacionada com a modificação e enriquecimento da realidade do indivíduo, suprimindo necessidades diferenciadas e específicas.

¹ CUNHA, D. A. As utopias na educação. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985. p. 15.

² GADOTTI, Moacir. Educação e poder: Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1984. p. 63.

³ AZEVEDO (1964), SAVIANI (1982). Apud, José Guilmar Mariz de OLIVEIRA, Mauro BETTI, Wilson Mariz de OLIVEIRA. Educação Física e o Ensino de 1º grau: Uma abordagem crítica. São Paulo, SP: EPU-EDUSP, 1988. p. 2-3.

A ação educativa se dá nas relações entre as pessoas, nas mais diferentes formas, nos mais diferentes lugares, acontecendo de forma constante na sociedade. Não se pode deixar de lado o fato de que não existe um modelo único de Educação, a escola não é o único lugar onde se educa e o professor não é o único educador, independentemente de quem e onde se educa, é possível dizer que, a Educação é uma ação eminentemente humana e social.

Considerando a Educação num sentido amplo, uma multiplicidade de instâncias sociais legítimas envolvem o sistema educacional, interferem na sua efetivação, sendo responsáveis pela transformação da sociedade, entre elas: a família, a religião, a empresa, o clube, os partidos políticos e os meios de comunicação.

Segundo Dias, o sistema escolar “[...] cuida de um aspecto especial da educação a que se poderia chamar escolarização.”⁴ À Escola compete maior parte da orientação para o saber sistematizado, cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade (historicamente) e, esta apresenta-se constituída por classes com interesses divergentes.

A prática escolar apresenta condicionantes sócio-políticos que caracterizam e revelam diferentes concepções de homem e de sociedade. Portanto, em cada formação social e em cada época, a prática educacional apresenta características próprias e cumpre funções específicas. “Para Freitag [...], todos os autores que tratam da educação num contexto social

⁴ DIAS, J. A. Apud, Ibid., p. 5.

concordam que ‘a educação sempre expressa uma doutrina pedagógica, a qual, implícita ou explicitamente, se baseia em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade.’⁵

Uma boa escolarização pode contribuir para que o educando adquira uma visão de mundo menos mística e folclórica, tornando-se assim um ponto de partida para um conhecimento crítico da sociedade. O profissional da Educação desempenha um papel importante nesta questão e sua competência (formação, consciência política, comprometimento com a maioria dos educandos) está diretamente relacionada com a garantia de uma boa escolarização.

Seria muita pretensão afirmar que é competência apenas da escola e da Educação a transformação da sociedade, pois é ao conjunto da sociedade que se confere este poder, porém, o que se pode e deve-se fazer, enquanto educador compromissado, é sintonizar a escola com o movimento social mais amplo de transformação da sociedade. “Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade.”⁶

A Escola tem sofrido nas últimas décadas inúmeras críticas, tanto por parte da sociedade quanto por parte dos educadores. Através de dados comprovados é evidenciado que não tem correspondido às necessidades da sociedade. Aquilo que é transmitido e considerado como essencial, muitas vezes, está distante do que a comunidade escolar espera e precisa, certamente por não se considerar, “[...] que o processo educacional se dá numa situação concreta, dirige-se a indivíduos particulares, num determinado contexto histórico.”⁷

⁵ Apud, José Guilmar Mariz de OLIVEIRA, Mauro BETTI, Wilson Mariz de OLIVEIRA, op.cit., p. 31.

⁶ LIBÂNEO José Carlos. A Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 9ª ed. São Paulo: SP: Loyola, 1990, p. 39.

⁷ José Guilmar Mariz de OLIVEIRA, Mauro BETTI, Wilson Mariz de OLIVEIRA, op. cit., p. 31.

O enorme índice de evasão escolar, a repetência em massa, a péssima qualidade de ensino, o salário irrisório dos professores, os milhões de brasileiros analfabetos, enfim, o caos da educação brasileira revela que a escola não está cumprindo sua função social.

Constata-se que a escola não tem cumprido de forma satisfatória seus objetivos, enquanto instituição responsável pela transmissão do ensino e da cultura, não tem correspondido aos anseios, expectativas e necessidades da maioria dos indivíduos da sociedade na qual está inserida. Temos hoje ainda, na eminência da entrada de um novo milênio, a escola homogeneizadora, racionalista e disciplinadora da década de 30. Parece que a escola não acompanhou na mesma velocidade o desenvolvimento de outros setores da sociedade, de certa forma estagnou, vista hoje como uma instituição em crise. Entretanto, é importante salientar que o fracasso escolar é, de certa forma, decorrente da organização social no modo de produção capitalista.

Tais fatos denunciam a crise da Escola. A Educação Física Escolar não está alheia a esta realidade, coloca-se necessariamente em discussão, “[...] a intelectualidade da Educação Física brasileira parece acordar apenas a partir dos anos 70 para uma reflexão sobre a crise em suas áreas pedagógica e de pesquisa.”⁸ O amplo debate se instaura e “Desde o início dos anos 80, qualquer observador da área pode constatar que em vários estados do país pululam núcleos empenhados na rediscussão de temas que vão desde a redefinição do papel da Educação Física brasileira até questões ligadas às mudanças necessárias ao nível da prática efetiva nas quadras, ginásios e campos.”⁹

⁸ MOREIRA, Wagner Wey. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. In MOREIRA (org.). Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papirus, 1992. p. 203.

⁹ GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Educação Física Progressista-A Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo, SP: Loyola, 1988. p. 15.

A Educação Física, enquanto disciplina integrante do currículo escolar, tem sido avaliada e questionada pela sociedade, assim como discutida pela sua comunidade científica, que tenta encontrar sua identidade. A última década foi marcada pela chamada “crise” da Educação Física, quando intensificou-se o questionamento sobre o ensino desta disciplina na escola brasileira. A partir de então, procurou-se buscar uma identidade própria para a Educação Física, que não se caracterizava nem como disciplina, tão pouco como área de conhecimento ou matéria essencial, mas sim como atividade, embora regulamentada por lei.

As questões pertinentes à prática da Educação Física sempre tiveram suas bases em leis e decretos que a legalizaram sem, no entanto, a legitimarem. A falta de legitimidade decorre, também, da ausência de organização de uma matriz teórica que a identifique, resgatando sua legitimidade social a partir de sua construção histórica e, da definição do corpo teórico que lhe seja próprio e específico. Para Bracht,

Em termos gerais procurou-se legitimar a Educação Física via: a) contribuição para o desenvolvimento da aptidão física para a saúde; b) contribuição para o desenvolvimento integral da criança e, neste sentido, a contribuição (específica) da Educação Física era principalmente sobre o ‘domínio psicomotor’ ou ‘motor’; c) contribuição para a massificação esportiva e detecção de talentos esportivos (a famosa base da pirâmide); d) a Educação Física trata de dimensões do comportamento humano que são básicas: o movimento e o jogo.¹⁰

¹⁰ BRACHT, Valter. Educação Física e Aprendizagem Social. Porto Alegre, RS: Magister, 1992. p. 47.

A “crise” da Educação Física não pode ser vista e analisada como algo isolado, pois de certa forma, está relacionada com a crise pela qual passa a sociedade e a escola, que é um dos principais campos de intervenção da Educação Física, sendo que, a mediatização de seus conteúdos interfere no processo educacional de inúmeras crianças e jovens.

Da fase crítica que atravessa a Educação Física, muitas perspectivas surgem e conseqüentemente, muitos estudos e algumas tentativas de colocá-las em prática, embora muitas vezes sejam atuações pedagógicas isoladas. Valores são questionados, práticas são revistas, pesquisas realizadas, a polêmica instaurada. Este esforço dos profissionais da área significa um crescimento qualitativo para a disciplina, estarmos sintonizados com estas discussões é de suma importância para que possamos nos situar enquanto educadores. “[...] os períodos de crise são extremamente férteis porque abrem novas possibilidades ao pensamento. Neste sentido, eles permitem o surgimento de alternativas aos modos de pensar anteriores. Revelam também que, muitas vezes, o verdadeiro sentido do momento pelo qual passamos só pode ser estabelecido e avaliado *a posteriori*, em retrospecto, quando e se, de acordo com a terminologia de Kuhn, se instaurar um novo contexto de ‘normalidade’.”¹¹

Para alguns estudiosos, a Educação Física correu paralela às tendências e concepções que acompanharam a Educação no Brasil, as quais foram estudadas e

¹¹ BRANDÃO, Zaia (org.). A crise dos paradigmas e a educação. 2ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 1995. Coleção questões da nossa época; v. 35. p. 28-29.

classificadas, sendo denominadas com terminologias diferentes, embora, com leituras de certa forma semelhantes.¹²

Historicamente, coube à Educação Física o aspecto disciplinador, militarista e homogeneizador. Seria injusto enfatizar tais aspectos apenas à Educação Física, pois na década de 30, a escola como um todo tinha tais características, era também profundamente nacionalista.

A Educação Física surgiu num ambiente escolar que separava completamente corpo e mente, como elementos absolutamente distintos, onde os aspectos que diziam respeito ao corpo eram menosprezados e àqueles relacionados ao intelecto valorizados. Pode-se verificar tal concepção de indivíduo ainda presente muitas vezes hoje na escola, colaborando para a desconsideração da Educação Física, enquanto disciplina curricular comparada às demais que compõem o universo escolar.

Para Platão, o corpo era visto como instrumento e cárcere da alma. A doutrina da instrumentalidade do corpo apregoava o enaltecimento do campo das idéias e o menosprezo a tudo que se referia a ele.

A partir de Descartes, a doutrina acima referida foi substituída. Passou a prevalecer o conceito de que o corpo e a alma constituíam duas instâncias diferentes e independentes, sendo a alma, por se tratar do mundo espiritual, superior ao corpo, que por sua vez pertence ao mundo material. Temos como herança histórica para a Educação Física a dicotomia corpo-mente.

¹² CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil-a história que não se conta. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. Paulo GHIRADELLI JÚNIOR, op. cit.

O dualismo cartesiano teve grande influência sobre o pensamento ocidental, levando-se a atribuir ao trabalho mental um valor superior ao do trabalho manual. Em relação a estes conceitos vê-se a Educação Física trazendo arraigada em si, o estigma do trabalho manual, ainda hoje menosprezado na sociedade por herança dos tempos coloniais, quando o trabalho físico era destinado apenas aos escravos e o trabalho intelectual à elite dominante.

Será que hoje estes conceitos são diferentes na sociedade? Por outro lado, vê-se hoje a hipervalorização do corpo, enquanto aparência. Padrões de imagem do corpo são veiculadas das mais diferentes formas, o dualismo corpo-mente continua existindo às avessas, as mais diversas atividades físicas são praticadas pelas pessoas, objetivando conseguir este corpo padronizado.

Gonçalves declara: “Essa separação se faz sentir na Educação Física até os nossos dias, tanto na sua prática pedagógica como nas ciências que a embasam. Estas últimas se constituem em campos estanques, que não se intercomunicam; cada uma trata do corpo sob sua perspectiva, como se esta fosse absoluta, ignorando a globalidade do homem.”¹³

Será que hoje, na entrada de um novo milênio, o educando é visto na escola de maneira diferente? Freire nos diz:

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um só organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar. Por causa dessa

¹³ GONÇALVES, Maria Augusta Salim. Sentir, Pensar, Agir. Corporeidade e Educação. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 51.

concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará.[...] Sugiro que, a cada início de ano letivo, por ocasião das matrículas, também o corpo das crianças seja matriculado.¹⁴

Na escola, de certa forma, a criança e o jovem são destituídos de seus poderes motores. Concorde-se com o autor no sentido de que, a escola visualiza o educando dicotomicamente, considerando que ou só sua mente aprende ou só o corpo, assim como, valoriza mais o aspecto cognitivo ao motor, ao social, ao afetivo, no processo educacional.

Moreira nos diz: “A tradição educativa positivista, hegemônica ainda hoje em nossas escolas, advoga uma educação racional, abstrata, individualizante, onde os educandos evoluem por suas próprias potencialidades. Entenda-se ainda potencialidade como capacidade de memorização dos conteúdos já ministrados e definidos, numa ênfase à idéia, ao privilégio cognitivo, em detrimento do corpo como um todo.”¹⁵

Hoje discute-se e perspectiva-se a educação escolar visualizando o educando como um todo, questões fundamentais são abordadas, mas no cotidiano percebe-se poucas mudanças, a escola continua sendo quase a mesma da década de 30.

A educação escolar precisa ser repensada. A Escola é vista hoje como uma instituição em crise que é discutida e analisada pela comunidade científica. Portanto, a Educação Física não poderia estar bem numa escola que vai mal.

¹⁴ FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro-teoria e prática da Educação Física. São Paulo, SP: Scipione, 1989. p. 13-14.

¹⁵ MOREIRA, Wagner Wey. Perspectivas da Educação Motora na Escola. Texto apresentado no Iº Congresso Brasileiro de Educação Motora. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 1994. p. 3.

Quem é o professor de Educação Física nessa escola em crise? Quais são os conteúdos da Educação Física Escolar (em crise) nela desenvolvidos? De que forma o professor conduz sua prática pedagógica escolar cotidiana? Como tornar a Educação Física Escolar significativa?

É possível reconhecer que apesar da Escola e da Educação Física não estarem bem, ainda é ela que enquanto disciplina ou atividade (não cabe aqui a discussão), se diferencia das demais. O professor de Educação Física é o “diferente”, proporciona “atividades e coisas diferentes” para os alunos, atividades que estes experimentam movimentando-se, o que é extremamente atrativo. A escola é um tanto monótona e entediante, pelo próprio aspecto formal. A criança e o jovem passam o maior número de horas sentados, o professor de Educação Física acaba sendo uma das exceções na escola. Para o aluno, na escola, as aulas de Educação Física são, talvez, a maior chance que possuem para movimentarem-se.

Entre os estudos que tratam a crise da Educação Física, esta foi identificada de uma forma mais abrangente em estudos realizados por Parlebas¹⁶, que generaliza esta crise em todos os seus setores: das suas técnicas (conteúdos transmitidos), da formação de futuros profissionais (faculdades e universidades), da investigação (pesquisa), de intervenção (aplicação). Nos setores de intervenção, onde a Educação Física é desenvolvida e aplicada, o autor assim denomina e diferencia: a escola e a educação, o esporte de

¹⁶ PARLEBAS, Pierre. Perspectivas para una Educacion Física Moderna. Andalucia: Quisport, 1988.

competição, o imenso campo do esporte de lazer, a educação física especial e a reeducação.

O autor diz que a divisão das técnicas, dos conhecimentos e da formação dos futuros profissionais, evidencia uma fragmentação da Educação Física em uma multidão de práticas e em uma quantidade enorme de concepções. À medida que essa fragmentação aumenta, a Educação Física vai perdendo sua identidade. A Educação Física por não haver conseguido afirmar-se com coerência científica, ficou submetida aos princípios regentes das ciências biológicas e das ciências humanas. Essas características de divisão e submissão representariam o destino da Educação Física.¹⁷ Outros estudiosos abordam sobre algumas dessas questões, de maneira às vezes diversa, mas, ao mesmo tempo não deixam de ter uma certa relação com outras. Entre eles pode-se citar Medina. Relaciona-se parte de sua abordagem com a de Parlebas.

Para Medina, enquanto a crise atinge quase todos os setores da sociedade, que clamam por desenvolvimento, na Educação surgem os primeiros movimentos e inquietações para se repensar toda a estrutura educacional. O autor diz que tudo isso parece não estar perturbando muito a Educação Física, como se ela não fosse um processo educativo, e declara:

A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar

¹⁷ Idem, op.cit.

mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo. O progresso, o desenvolvimento, o crescimento advirão muito mais de um entendimento diversificado das possibilidades da Educação Física do que através de certezas monolíticas que na verdade não passam, às vezes, de superficiais opiniões ou hipóteses.¹⁸

Parlebas refere-se à crise dizendo que a mesma se dá em vários setores da Educação Física. Embora o autor a tenha identificado de forma mais ampla, Medina faz uma abordagem num sentido mais genérico, tais estudos assemelham-se em parte.

Quando Medina fala ser preciso distinguir nas tarefas da Educação Física o educativo e o fundamental (conteúdos significativos e contextualizados), do alienante e do supérfluo (conteúdos reproduzidos sem reflexão), pode-se fazer a relação com a crise que existe nos campos das técnicas (conteúdos e métodos de ensino) e da intervenção (entre eles, a escola) a que Parlebas se refere. Medina afirma que, o formando ou já profissional ao encontrar seu espaço no mercado de trabalho, procura atender suas exigências, adaptando-se a ele sem questionar ou refletir. Pode-se dizer que tal procedimento está relacionado com o tipo de formação acadêmica desse profissional e que relaciona-se, de certa forma, com a crise no campo da investigação (pesquisa), refletindo assim em todos os outros. É preciso avaliar-se o que se tem feito, investigar-se para detectar problemas, para então perspectivar-se mudanças.

¹⁸ MEDINA, João Paulo Subirá. A educação física cuida do corpo...e “mente”: bases para a renovação e transformação da educação física. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1985. p. 35.

A crise ao mesmo tempo que, detecta e traz à tona problemas que perturbam o desenvolvimento de algo ocasionando a desestabilização, possibilita a perspectiva de novos caminhos que poderão contribuir para a evolução e crescimento do objeto em questão. Na crise faz-se necessário refletir para buscar-se novos caminhos, é um ponto de transição que tanto pode ser, entre uma época de prosperidade e outra de depressão, como o contrário. Estar-se ciente de que ela existe, já é o começo, o primeiro passo. O momento de crise pela qual a Educação Física passa, pode e deve ser um momento de busca e de construção de sua identidade.

“No final da década de 70 e início dos anos 80, configurou-se a necessidade de uma mudança de rumos na Educação Física brasileira. Aumentou significativamente o número de profissionais da área empenhados na discussão de ‘práticas alternativas’, para a Educação Física. Cresceu também o número de encontros regionais de profissionais da área preocupados com a conquista de uma ‘Educação Física Crítica’ etc.”¹⁹

Um amplo debate, desde então, envolve a Educação Física e a escola, numa perspectiva crítica, tratando da crise escolar que desenvolve-se de forma paralela ao debate sobre a Educação. São realizados vários congressos, encontros, debates e trabalhos científicos, que objetivam romper com algumas visões da Educação Física como: “convencional”, “biológica”, “biologizante” entre outras.²⁰ A Educação Física é alvo da crítica principalmente por visualizar no indivíduo apenas seu aspecto biológico, objetivando a performance e o rendimento motor.

¹⁹ Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, op. cit., p. 45-46.

²⁰ Os referidos termos são utilizados respectivamente por: João Paulo Subirá MEDINA, 1983; Valter BRACHT, 1986; Lino CASTELLANI FILHO, 1988.

Estudos foram realizados (Betti, Bracht, Carmo, Castellani Filho, Cavalcanti, Ferreira, Freire, Ghiraldelli, Medina, Moreira, Oliveira, Santin...) e a literatura ganhou novas colaborações: questionadoras, divergentes, polêmicas. Alguns preocupados com a necessidade de uma identidade para a Educação Física, outros tentando encontrá-la, e ainda àqueles que abordam sobre a urgência de uma maior significância da Educação Física enquanto disciplina escolar.

Com a crítica muitas questões são levantadas tais como: Qual a identidade da Educação Física?; O Esporte educa?; O Tecnicismo promove uma seletividade?; A Educação Física apenas reproduz os valores dominantes?

Destas e outras questões e interpretações surgem muitas conclusões, algumas ganham destaque. Bracht (1988), diz que a ideologia burguesa é veiculada pela Educação Física, que acaba não configurando-se em propostas em nível da prática pedagógica. Ferreira (1984) aborda sobre a não-diretividade do ensino, e o estímulo à crítica e à criatividade. Há aqueles que dizem da necessidade da Educação Física estar voltada à maioria da população (Castellani Filho, 1988 e Carmo, 1988). Betti (1988), Oliveira (1988), Freire (1989), Moreira (1991, 1992) fazem diferentes abordagens críticas em relação à Educação Física Escolar.

Alguns estudos, como os de Moreira, não ficam só numa análise crítica da Educação Física Escolar observada, mas procuram alertar os educadores de forma geral, para a necessidade de uma Educação enquanto fenômeno humano, que considere “[...] o princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, onde em sua complexidade estrutural, o homem

pode ser fisiológico, biológico, psicológico e antropológico. Só que o corpo do homem não é um simples corpo, mas necessariamente um corpo humano, que só é compreensível através de sua integração na estrutura social.”²¹

Freire, em algumas de suas abordagens, critica severamente os procedimentos utilizados na Escola, na aprendizagem de crianças; em outras denuncia as dualidades existentes em nossa tradição intelectual e cultural e procura superar a idéia do sensível versus inteligível. Diz que ambos são alojados no corpo, e se um dos dois faltar, é o mesmo que faltar o todo.²²

Os referidos autores focalizam questões fundamentais relacionadas à Educação, ao movimento e ao homem como um todo, enquanto educador deve-se estar atento a essas questões.

Apesar do esforço empreendido por pesquisadores na área, há uma carência à nível de prática pedagógica escolar da Educação Física. Parece que aqueles que atuam na escola diretamente com a prática da disciplina têm dificuldades na compreensão da crise escolar e, por decorrência da própria Educação Física. A Educação Física Escolar cotidiana parece estar alheia a toda problemática. Continua acontecendo da mesma forma, como se, teoricamente, estivesse sendo discutido questões que se referem a uma outra Educação Física que não ela. “Apesar de algumas tentativas isoladas, o quadro da Educação Física escolar, no momento, assim se apresenta: sem identidade, acrítica, transmitindo e controlando o ritmo das

²¹ MOREIRA, Wagner Wey. *Perspectivas da Educação Motora na Escola*. p. 3-4.

²² Ver João Batista FREIRE, op. cit. *Idem, De corpo e alma: o discurso da motricidade*. São Paulo, SP: Summus, 1991.

atividades mecânicas, desenvolvendo conteúdos ao sabor dos modismos, buscando a perfeição do gesto e descompromissada com o indivíduo e com a sociedade.”²³

A crise da Educação Física é uma parte da crise da escola. Para entendê-la não é possível ater-se apenas às suas particularidades, mas analisar seus determinantes na sociedade na qual está inserida.

A crise da escola é a manifestação da maioria dos problemas presentes na crise da sociedade, que os alunos trazem para dentro da instituição educacional. Os alunos não chegam “vazios” na escola, trazem consigo problemas, expectativas e conhecimento.

Freire declara:

A criança não chega na escola zerada. É agressiva, amorosa, invejosa, tímida ou violenta. Pode ter muitas virtudes e defeitos, mas teria que aparecer do jeito que é. A partir disso, a escola faria um trabalho de educação. Se não se considera a individualidade da criança, a culpa é da escola. Por isso precisa mudar. Não se pode ter medo de ver a criança como ela é. Um dos maiores problemas da criança, na escola, é a agressividade. Para tratar essa agressividade é preciso admiti-la. Tratar uma criança ‘ideal’ resultará em frustração.²⁴

Portanto, parece que tentar-se buscar soluções para a Educação Física Escolar apenas no interior da própria escola, sem a compreensão de elementos integrantes da realidade, é um tanto utópico.

1.2. A ESCOLA ENQUANTO INSTITUIÇÃO FORMAL

²³ MOREIRA, Wagner Wey. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. p. 204.

²⁴ FREIRE, João Batista. A escola desobediente. Revista da Fundação de Esporte e Turismo 1(3), 1989. p. 13.

O processo de educação do indivíduo se dá pela influência de um conjunto de instâncias sociais e de forma diferenciada, que podem ser denominadas de formais e não-formais.

Alguns agentes ou grupos informais não obedecem a regras e rígidos controles sobre o indivíduo, mas determinam de certa forma uma influência na sua educação na medida em que convivem e estabelecem relações com tais grupos, as quais são diferenciadas. Pode-se citar entre outros: a religião, a família, a empresa, os partidos políticos, os meios de comunicação e o clube esportivo. Gadotti diz que, [...] a educação supõe exatamente a ação de uns sobre os outros, portanto supõe autoridade e direção. Elas podem ser impostas ou não. O que diferencia uma coisa de outra são as atitudes, os valores, a ética. Então, não existe a educação. Existem *educações*. Todas elas se dão numa dialética entre autoridade e liberdade.”²⁵

Bracht²⁶ diz que a Educação depara-se com duas posições antagônicas diante da contribuição com a transformação da sociedade, uma que a identifica como redentora da sociedade/humanidade (teorias a críticas), e outra que percebe o papel da Educação como sendo de reprodução da estrutura social (teorias crítico-reprodutivistas).

Segundo Saviani²⁷, deve-se buscar a superação, tanto do poder ilusório que caracteriza as teorias não-críticas ou a críticas, como a impotência decorrente das teorias

²⁵ GADOTTI, Moacir. Escola cidadã. Uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1992. p. 25.

²⁶ Valter BRACHT, op. cit., 64.

²⁷ SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1984.

crítico-reprodutivistas, através de uma teoria crítica da Educação, para que seja possível então, identificar-se sua contribuição específica no processo de transformação da sociedade.

Como principal instituição formal, responsável pelo processo educativo dos indivíduos, a escola tem se caracterizado pela sua institucionalização e estruturação organizada e controlada, envolvendo grupos de profissionais especialistas, professores e dirigentes pedagogos, que organizam e sistematizam projetos de ação para nela serem efetivados.

A escola não é caracterizada apenas pela formalidade do local e a institucionalização social, mas principalmente no estabelecimento de metas, objetivos e compromisso com a transformação da sociedade.

Existem críticas quanto ao papel da escola, principalmente como instituição reprodutora da ideologia dominante. O caráter ideológico existe, pois a classe dominante não tem interesse em transformar a escola ao contrário. Está empenhada na preservação de seu domínio, acionando mecanismos que permitam apenas a adaptação dos indivíduos à sociedade que aí está, evitando desta forma uma difícil mas possível transformação. Cabe ao educador estar ciente e consciente da existência dessas influências, para buscar-se e perspectivar-se a melhor forma possível de educação às crianças e jovens.

A escola, na perspectiva de uma concepção transformadora, é um local que reflete as contradições existentes na sociedade. A prática social nela efetivada é dinâmica e envolve um conjunto de relações que são contraditórias e conflituosas, as quais são

próprias dessas relações, cujos interesses e necessidades de suas diferentes classes sociais são antagônicos. Sendo assim, a escola não é um instrumento homogêneo da classe dominante.

A escola é uma das principais instituições socializadoras da cultura (saber gerado historicamente pela humanidade), que deve ser tematizada e viabilizada à sua clientela majoritária, no sentido de possibilitar assim sua contribuição/colaboração para o processo de transformação social na perspectiva de uma sociedade mais justa e livre.

A escola é o principal ponto de coesão social, um centro cultural por excelência. É nela que se estabelece a relação entre as pessoas, onde se encontram e interagem, é um espaço institucionalizado e de grande aglutinação social, e isso precisa ser aproveitado pedagogicamente.

A escola tem uma força social muito grande. Os alunos freqüentam-na também para se encontrar com os amigos, conversar, trocar idéias e é nessa perspectiva que a escola tem que ser também pensada. “A escola tem uma enorme potencialidade de comunicação que não foi ainda posta a serviço da participação e da democracia.”²⁸

O professor é também um comunicador, um formador de opinião e um aglutinador social. Enquanto educador deve ser um mediatizador da manutenção da memória coletiva, atuando como um agente transformador, trabalhando no interior da escola utilizando seu espaço contraditório.

²⁸ GADOTTI, Moacir. Escola cidadã. p. 65.

O tipo de escola depende do projeto político pedagógico, elaborado pelos seus educadores. É ele que vai delinear o seu compromisso com a reprodução ou com a transformação da sociedade. O professor, enquanto mediatizador da ação educativa, poderá colaborar para que a educação tanto possa ser serva do modelo que aí está, reforçando-o acriticamente, como pode ser uma reflexão crítica a este modelo, visando buscar alternativas, tendo como referência a prática social concreta. A concepção que o professor tiver de sociedade, educação e de homem é ponto referencial de todo o processo educativo escolar, que através dele se dará, isto é, do seu cotidiano pedagógico.

A escola servirá para reproduzir a desigualdade social, na medida que não estiver estabelecido claramente em seu projeto político pedagógico, seu compromisso com a mudança e melhoria da sociedade.

Na escola existe a contradição, e é nesse enfoque que pode ser considerada como agente possível de mudança, como elemento de desenvolvimento do processo educacional, onde valores são transmitidos e muitas vezes vivenciados. “A transformação da escola não se dá sem *conflitos*. Ela se dá lentamente. Pequenas ações, mas continuadas, são melhores no processo de mudança, que eventos espetaculares, mas passageiros. Só a ação direta de cada professor, de cada classe, de cada escola, pode tornar a educação um processo enriquecedor.”²⁹

Hoje a escola pública passa a ter como clientela, crianças e jovens das classes populares, pois antes o acesso era privilégio de uma minoria mais restrita. Sabe-se que ainda muitas crianças ficam fora da escola, fato que é determinado por inúmeros fatores entre eles, o sócio econômico

²⁹ Ibidem, p. 57.

A escola pública, muitas vezes, tenta adequar seu plano de ação (objetivos, conteúdos e métodos) no sentido de atender às necessidades das classes populares mas, as iniciativas práticas pedagógicas ainda são muito tímidas. Concordamos com Gadotti quando diz, “[...] é na luta cotidiana, no dia a dia, mudando passo a passo, que a quantidade de pequenas mudanças numa certa direção oferece a possibilidade de operar a grande mudança. Ela poderá acontecer como resultado de um esforço contínuo, solidário, paciente.”³⁰

A escola deve servir para orientar os alunos numa perspectiva crítica e transformadora da sociedade, colaborando assim na formação de cidadãos ativos e participantes. Essa orientação será exercida pelo educador que, antes de qualquer ação deve tomar um posicionamento frente às questões da educação e fazer sua opção, no sentido de, conformar-se com a escola que se tem, ou construir a escola que todos merecem e querem. Embora sabendo que essa não é uma tarefa fácil, mas sim um desafio de grandes dimensões, tem-se que começar à enfrentá-lo.

1.3. O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE EM ALGUMAS INSTITUIÇÕES NÃO-FORMAIS

A Educação do indivíduo se dá em diversos lugares, de múltiplas formas e através de instrumentos diversificados. Pode-se citar como um dos instrumentos de grande valor educacional o Esporte, não numa visão reducionista de educação de gestos e

³⁰ Ibidem, p. 26-27.

performances, mas sim numa perspectiva abrangente, tal como deve ser o processo educacional, utilizando-o como estratégia buscando-se atingir objetivos educacionais amplos e significativos, para o desenvolvimento do indivíduo como um ser unitário que é. As diversas relações sociais que o Esporte possibilita, podem e devem ser utilizadas na consecução de objetivos educacionais.

O Esporte está presente enquanto prática em várias instâncias sociais (formal e não-formal), sendo nelas difundido, pode-se citar: a escola, o clube sócio-esportivo e os programas e projetos esportivos públicos.

Tais agências podem influenciar e determinar de forma diferenciada a educação esportiva do indivíduo. “Uma mesma modalidade esportiva pode ser profissional, amadora ou educacional.”³¹

Na escola, as modalidades esportivas são desenvolvidas de forma predominante nas aulas de Educação Física. No clube a prática do Esporte pode se dar como forma de lazer para os seus associados ou, de competição para os atletas que representam-no em suas equipes. Nos programas e projetos esportivos públicos, o Esporte aparece como objetivo principal ou como uma das muitas atividades oferecidas à população.

O clube sócio-esportivo é um dos principais locais, como opção à prática do Esporte para classes de melhor nível sócio-econômico. Tal prática torna-se elitista na medida que, nem todos ou a maioria das crianças e jovens não têm acesso a tal instituição.

“Além dos grandes palcos de espetáculos esportivos (estádios, ginásios etc.), existem outras áreas sociais,

³¹ MONTAGNER, Paulo Cesar. Esporte de competição x Educação? O caso do basquetebol. Dissertação de Mestrado. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1993. p. 94.

que podem ser entendidas como de prática social esportiva: as áreas públicas disponíveis, as escolas, a Natureza, os clubes e as empresas. Nos clubes, onde o associacionismo é essência, a democratização é limitada pelas determinantes estatutárias e pelas condições sócio-econômicas impostas para a participação no quadro social.”³²

Aqueles que freqüentam o clube sócio-esportivo não o fazem na mesma proporção do número de horas que permanecem na escola, portanto as crianças e jovens passam um maior número de horas em instituições formais que não-formais.

Uma minoria freqüenta o clube e destes nem todos objetivam a prática do Esporte de uma maneira sistematizada, muitas vezes o praticam no sentido do jogo, da festa e do lazer. A prática do Esporte para esses indivíduos seria muito mais um divertimento sem maiores objetivos de qualquer aprendizado.

Há aqueles que praticam o Esporte no clube visando a participação em competições oficiais. São os atletas, que fazem parte de suas equipes representativas, os quais já passaram por um processo seletivo compondo uma elite esportiva. Esses atletas na sua maioria, tiveram seu desenvolvimento esportivo em clubes esportivos, outros ingressam nas equipes por apresentarem qualidades desejáveis para a prática do Esporte. Montagner constatou que, atletas

[...] tiveram seu desenvolvimento esportivo vinculado a algum clube esportivo. O ingresso nesses programas deu-se ou por ligação como associado de algum clube, onde se realizavam atividades esportivas de competição, ou ainda por apresentarem

³² TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões sociais do esporte. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1992. p. 24.

algumas características ou qualidades tidas como específicas para a modalidade basquetebol, tais como: boa estatura, interesse, amizades comuns ao grupo já existente, e talento esportivo, entre outros.³³

Embora os estudos do referido autor sejam restritos à modalidade de basquetebol, servem de importante referencial na medida em que, o Esporte competição é analisado e considerado como um elemento atuante de educação do indivíduo.

Os estudos realizados por Montagner, chamam a atenção porque, mesmo evidenciando o clube sócio-esportivo como importante local para a aprendizagem do Esporte, o autor reconhece que: “Para as classes média, média-alta e alta, o clube surge em determinado instante como agente importante no desenvolvimento das diferentes modalidades esportivas. Porém, o acesso a essas instituições é restrito, não garantindo espaços a todas as camadas e demandas sociais. Assim, por mais sucesso e importância desse trabalho, nos clubes esportivos, notamos uma triagem natural existente prioritariamente ao nível social.”³⁴

Montagner considera que a sociedade organizada pode assumir e reorganizar o Esporte competição, numa perspectiva educacional em outros segmentos sociais, e reconhece que; “Entre eles, a escola seria um dos mais indicados, por representar um grande alcance social e estar articulada a diferentes demandas sociais, especialmente a classes sociais de menor poder aquisitivo.”³⁵

³³ Paulo Cesar MONTAGNER, op. cit., p. 111.

³⁴ Idem, p. 112.

³⁵ Idem, p. 158.

A Escola Pública seria então, o local onde o ensino do Esporte poderia ser sistematizado e democratizado oportunizando à sua clientela majoritária, acesso ao conhecimento de suas técnicas básicas. “Do ponto de vista geral, seria importante que a escola voltasse a desenvolver o esporte com essa ênfase, pois seria o segmento que poderia fornecer esse serviço às crianças e jovens impossibilitados de freqüentar os clubes e que não possuem grande talento esportivo. Isto diminuiria a tendência elitizante do esporte de competição atual.”³⁶

Segundo Zaluar³⁷, o Esporte nas últimas décadas passou a ser oferecido enquanto prática às classes de menor poder aquisitivo, mais especificamente às crianças e jovens pertencentes a essas classes sociais, através de programas e projetos esportivos públicos que objetivaram complementar e até mesmo substituir os processos educativos formais. Ao utilizar-se como referencial teórico, o trabalho da antropóloga citada, objetiva-se destacar que tal pretensão não foi de todo obtida, quanto às questões relacionadas com as expectativas da clientela, em relação a prática do Esporte, que esses projetos se propuseram a atender.

Zaluar baseou-se na análise de duas pesquisas de avaliação de programas esportivos: o Programa de Iniciação Esportiva, PRIESP, desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro, RJ., em 1985, da Fundação Roberto Marinho e, o programa Recriação que foi resultado de uma política pública desenvolvida pela Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência, MPAS, usando como referencial um dos projetos, o Programa de Integração do menor, PIM, desenvolvido na cidade de Curitiba, Pr., a partir de 1987.

³⁶ Idem, p. 158.

Tais programas e projetos tinham diferentes concepções de educação esportiva. O PRIESP tinha como objetivo disseminar ou popularizar a prática esportiva múltipla, enquanto o Recreância era um projeto muito mais ambicioso, não se restringindo apenas à educação esportiva, mas utilizando o Esporte como meio de educar tanto crianças quanto jovens, orientando-os para o trabalho e fornecendo alimentação.

Os dois projetos apresentam a idéia de que o Esporte é parte importante de um projeto educacional mais amplo, embora a associação entre Esporte e pedagogia não se efetive no mesmo nível nem da mesma forma, tanto nos projetos, quanto na prática dos educadores de cada um deles.

O desenvolvimento dos referidos projetos, em relação à prática do Esporte, tinham como principal objetivo a ênfase recreativa e lúdica, independentemente da faixa etária envolvida. Zaluar constatou que os referidos projetos, num primeiro momento, cumpriam seus objetivos em relação às expectativas e necessidades das crianças até aproximadamente 13 anos de idade. A partir desta faixa etária havia um progressivo desinteresse por parte das mesmas em participarem das atividades esportivas e uma posterior evasão dos programas, tal fato ocorria devido a ausência de competições, assim como o desejo de aprender o Esporte mais no seu sentido técnico.

Na análise das causas da evasão do projeto PRIESP, foram considerados os grupos com frequência há mais de um ano e aqueles ingressos mais recentemente. Foram levantadas algumas explicações para a queda no comparecimento das crianças entre elas,

³⁷ ZALUAR, Alba. O Esporte na educação e na política pública. Educação & Sociedade. Campinas, SP: n° 38, abr. 1991.

“[...] o desinteresse provocado pela ausência de jogos e competições, segundo as entrevistas feitas com os alunos que definiam sua adesão ao esporte, era também fator de evasão.”³⁸ É possível também dizer-se que, a atração à prática do Esporte pelas crianças e jovens era determinada pela presença do jogo e da competição.

Constatou-se que a maioria das crianças e jovens ingressaram no projeto para aprender um Esporte (53%) ou porque gostavam de Esporte (28%); também apresentavam expectativas em relação ao futuro relacionadas com o Esporte, alguns desejavam ser desportistas profissionais (37%) e outros amadores (40%). Apenas a minoria respondeu que: o Esporte era para ocupar o tempo; não sabiam o que fazer com aquilo que aprendiam no projeto; não desejavam ter nenhuma atividade ligada ao Esporte ou deram outras respostas.³⁹

Na concepção dos pais a participação no PRIESP era importante, principalmente, por ocupar e preencher o tempo das crianças fora da horário escolar e ali aprenderem alguma coisa. Existia a preocupação dos pais quanto ao fato das crianças ficarem nas ruas. “Por trás dessa idéia está presente, embora nem sempre dita, a preocupação com o efeito desagregador e desmoralizador que exerce nos bairros pobres do Rio o crime organizado, que domina as ruas e tem a estratégia de atrair os jovens e as crianças para participar, como empregados ou parceiros menores, dos seus negócios.”⁴⁰

³⁸ Idem, p. 23.

³⁹ Loc. cit.

⁴⁰ Idem, op.cit., p. 31.

Outras duas concepções são possíveis de identificar na fala dos pais; a primeira de que o programa esportivo cria um espaço “neutro” que está acima dos desentendimentos entre a vizinhança, a segunda que o programa esportivo seria a saída para o impasse entre deixar o filho em casa ,onde não aprende nada ou na rua onde aprende o que não deve.

O projeto Recriação, de maior envergadura, foi implantado a nível nacional atingindo cerca de 100.000 (cem mil) crianças em todo o Brasil através de programas municipalizados financiados pelo MPAS. A análise de Zaluar foi realizada num desses programas, o PIM de Curitiba, Pr. Foram realizadas entrevistas com alunos, pais e professores. O atendimento do projeto deu-se em torno de 9600 (nove mil e seiscentas) crianças. Embora fosse um programa com múltiplas funções sendo: alimentação, educação, esporte, saúde, profissão e equipamento recreativo, a maioria dos alunos entrevistados revelaram que procuraram o PIM para praticar alguma modalidade esportiva, sendo o futebol e o voleibol as modalidades preferidas.

O projeto era destinado a crianças carentes mas acabou por acolher um público heterogêneo devido a sua abrangência. O programa esportivo foi elaborado com o objetivo de combater a violência e ser uma alternativa para aqueles que ficam na rua, isto é, para ocupar o tempo das crianças fora do período em que permanecessem na escola. “O PIM, assim ao se propor manter a criança ‘carente’ fora da rua, propõe-se também desenvolver um trabalho de educação informal, educação artística, orientação para o trabalho e psicomotricidade, mas, como o PRIESP, conta com a capacidade de mobilização do esporte para realizar todas essas tarefas educativas.”⁴¹

⁴¹ Idem, op. cit., p. 30.

A maioria dos pais (55%) permitiam e incentivavam seus filhos a participarem do PIM pelo fato de tirá-los da rua e para aprenderem alguma coisa (82%), pois na concepção deles, na rua se aprende o que não deve e em casa não se aprende nada. O fator “tirar o menor da rua” é coincidente entre a concepção dos pais e a dos projetos, isto é, tanto no PIM quanto no PRIESP, “[...] tendo em vista a redefinição ocorrida no entendimento da categoria rua, que passou a representar o perigo e a violência de um modo sinistro e trágico, essa característica da vida da criança carente, com pouca escola e pouca sociabilidade em outras organizações tornou-se ponto sensível na sua socialização e no encaminhamento de seu futuro.”⁴²

O Esporte pelo seu efeito gregário e mobilizador é utilizado nesses programas e projetos, para o cumprimento de metas educativas, sendo visualizado por esta população como fator de educação. Os pais reconhecem as atividades desenvolvidas nesses projetos, entre elas a esportiva, como elemento de educação e lazer. Para a criança e o jovem a prática do Esporte representa não só alegria e prazer, mas a sua grande maioria visualiza-o como possibilidade profissional. Os jovens reconhecem que é necessário dedicação, esforço, seriedade e conhecimento das técnicas do Esporte para um desempenho satisfatório da sua prática.

Embora houvessem expectativas frustradas dos alunos da aprendizagem das técnicas do Esporte, almejando uma possível profissionalização, os professores eram orientados para enfatizar o aspecto recreativo e lúdico. Isso colaborou para manter nos programas e projetos uma “[...] tensão entre o esporte como mero divertimento e o aprimoramento da técnica,

⁴² Idem, op. cit., p. 29.

[...]”⁴³ Dessa forma, os programas e projetos esportivos públicos não preenchem a lacuna quanto ao ensino sistematizado do Esporte.

Pode-se dizer que, a tensão mantida nos programas esportivos entre o lúdico e o aprimoramento da técnica “[...] é que explica as oscilações na frequência aos programas e a evasão dos alunos, que, após curto período, entendem que nada mais vão aprender nele.”⁴⁴

A ênfase do aspecto recreativo e o excesso de informalidade como filosofia desses programas, levam os professores e estagiários a não terem o compromisso de ensinar nada da técnica do Esporte às crianças e jovens. As atividades esportivas são tematizadas apenas no aspecto lúdico. “No entanto, se essa perspectiva encontra ressonância nas crianças, não se pode dizer o mesmo dos jovens, que querem dedicar-se com mais afinco ao Esporte e participar de jogos e competições. Por isso mesmo, os jovens de certa faixa de idade-dos 13 aos 18 anos-constituíam um grupo-problema na visão da coordenação e dos professores do programa.”⁴⁵

Tanto o PRIESP quanto o PIM não tinham como objetivo o ensino da técnica do Esporte, mas, pode-se dizer que ambos falharam, na medida em que foi constatado a necessidade de enfatizar tal aspecto a uma determinada faixa etária, e que, os professores sem a devida orientação, não souberam como proceder. Vivenciavam o problema mas não sabiam como resolvê-lo.

Os jovens pertencentes à classe de menor poder aquisitivo que não freqüentam o clube para a prática e o aprendizado do Esporte, e que também não têm nos programas e

⁴³ Idem, op. cit., p. 38.

⁴⁴ Ibidem, p. 33.

⁴⁵ Ibidem, p. 43.

projetos esportivos possibilidades para tal aprendizagem, onde então poderiam ter o ensino do Esporte que desejam aprender?

Um fato importante detectado nos estudos de Zaluar, é que a grande maioria das crianças e jovens participantes nesses programas, freqüentavam a escola, a qual é muito importante na visão dos pais. Nenhuma das crianças e jovens falou em deixar a escola para dedicar-se só ao projeto e sua maioria respondeu que freqüentavam-no para aprender alguma coisa (68%). O PIM “[...] tanto para os pais quanto para os alunos, não se opunha à escola nem era alternativa para ela. Era, isto sim, um complemento ou extensão na perspectiva de educação integral.”⁴⁶

Diante do exposto por Zaluar, pode-se dizer que a Escola Pública é o espaço que deve preencher a lacuna que tais programas e projetos públicos deixam quanto ao ensino do Esporte. Acredita-se que a escola pode em momentos diferenciados, nas aulas de Educação Física e nos treinamentos esportivos, tanto ter o lúdico através do jogo, como o aprimoramento da técnica através do Esporte, amenizando a tensão entre um e outro, satisfazendo necessidades, expectativas e interesses das diferentes faixas etárias. Não se quer dizer com isso que, a técnica não possa também ser ensinada nas aulas de Educação Física, de forma lúdica e prazerosa, assim como nos treinamentos esportivos não possa ser aperfeiçoada da mesma forma. Será que a aprendizagem das técnicas do Esporte e seu aperfeiçoamento, têm que ser algo sofrido, penoso e desprazeroso?

A Escola Pública pode utilizar o Esporte principalmente como elemento socializador, pois as crianças e jovens que freqüentam-na têm poucas oportunidades para

o desenvolvimento da sociabilidade em outras organizações e instituições, como por exemplo no clube sócio-esportivo, devido a fatores já discutidos anteriormente.

A Escola Pública pode e deve propiciar, através das aulas de Educação Física e dos treinamentos esportivos, o ensino do Esporte de forma organizada e sistematizada, possibilitando a aprendizagem de suas técnicas numa iniciação esportiva adequada. Assim os alunos teriam na escola acesso ao Esporte que desejam e têm direito de aprender, sendo então sua prática democratizada.

1.4. ALGUNS SUBSÍDIOS PARA A DISCUSSÃO DA RELAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Nas últimas décadas, a Educação Física tem sido discutida na identificação de uma “crise”. O profissional a vivencia de diferentes formas. O Esporte está inserido nesses estudos e discussões, ao mesmo tempo que expandiu-se adquirindo uma lógica e história próprias enquanto campo esportivo⁴⁷. É também um dos elementos constitutivos da Educação Física. O Esporte faz parte do mundo moderno, e é veiculado amplamente pelos meios de comunicação, tendo a indústria como aliada. Hoje predomina enquanto conteúdo da Educação Física Escolar.

Relatar as discussões elaboradas por alguns pesquisadores, são de muita significância para o avanço dos estudos sobre a Educação Física. Paralelamente procura-

⁴⁶ Idem, op. cit., p. 38.

se identificar nesses estudos, o que cada autor aborda sobre o Esporte, relacionando-os com a prática da Educação Física Escolar que percebe-se através da vivência pedagógica, em algumas Escolas Públicas de Ponta Grossa.

Os autores que serão destacados, serviram e servem de referência para estudos sobre a Educação Física, com influência no Brasil.

Cagigal⁴⁸ discute, numa conferência, a Educação Física e o Esporte, perspectivando sugestões para a década de setenta.

O autor primeiramente fala da necessidade em limitar a expressão Educação Física, que tem segundo ele, diversos significados conforme o país e a cultura onde ela se insere. Existe também, a urgência em reunir todos os esforços e traçar opiniões, a fim de harmonizar os objetivos da Educação Física e obter tanto quanto possível, uma homogeneidade de organização e ação.

A Educação Física diz Cagigal, é uma Ciência aplicada que quase coincide com a Ciência do homem em movimento, que será a base científica para uma Educação Física rigorosamente localizada e identificada.

A superação da crise segundo o autor, estaria na delimitação do campo teórico, que se daria na Ciência do Movimento Humano, denominada pelo autor de Kinantropologia, que estaria ligada a área que reúne movimentos espontâneos, livres e desinteressados. O autor não separa o homem do movimento, seria o estudo do homem com todas as suas

⁴⁷ Esse termo é utilizado por BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero, 1983.

⁴⁸ CAGIGAL, José Maria. *Educação Física na década de setenta*. In *Cultura Intelectual y Cultura Física*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Kapulusz, 1979.

possibilidades de ação e expressão. O movimento é espontâneo e o denominador comum de todas as práticas. Essa característica delimita a base própria de todas essas práticas, sendo o movimento humano tratado de maneira geral, simplista.

Cagigal afirma que a Educação Física deverá levar o aluno, ou o praticante, a se movimentar com prazer. As atividades físicas estariam centradas no valor pedagógico do Esporte. Devido as suas características é adequado para o homem moderno, pois reúne prazer e movimento. Tais movimentos são espontâneos sem artifícios ou estereótipos opressivos, sendo mais adequados para motivar uma Educação Física sadia, libertadora, adequada aos tempos modernos.

Através do Esporte, o indivíduo recupera um certo sentimento de comando, de autoridade, sensação de ser um ator, um protagonista, mesmo que seja apenas na simplicidade da efêmera figura esportiva que estiver representando (identificação com ídolos). Segundo o autor, o Esporte oferece enormes possibilidades do praticante exercitar pequenas mas poderosas e refrescantes iniciativas, afirmando que o homem necessita desses sentimentos.

Devido a sua espetacularidade intrínseca, o Esporte começou a ter sucesso. A sua extensão exigiu que Federações fossem criadas, dando uma organicidade e especificidade às diferentes modalidades esportivas. Mais tarde, o Esporte foi incorporado na prática das aulas de Educação Física Escolar.

Acredita-se que a prática do Esporte na escola, pode possibilitar ao educando, o desenvolvimento da criatividade, propiciando situações para o desenvolvimento da iniciativa que é importante para solução de problemas.

O autor também relaciona Esporte e trabalho, bem como, os benefícios que sua prática poderia proporcionar aos trabalhadores. Cagigal afirma que os mesmos movimentos executados pelo trabalhador durante anos, poderia ocasionar o que denomina de “mutilação psicológica”, pois há necessidade que o indivíduo se refaça da repetição de um mesmo movimento, através de um outro tipo de atividade. Essa atividade poder ser imaginativa, cultural ou física, sendo o Esporte uma das opções.

Sabe-se que hoje muitas empresas em vários países do mundo, inclusive no Brasil, utilizam da prática de exercícios físicos objetivando refazer as energias de seus empregados, para que possam desempenhar melhor seu trabalho e produzir mais.

Cagigal quando fala no valor pedagógico do Esporte, sugere que os profissionais deveriam reforçar suas próprias convicções no que concerne a esse valor, do indivíduo ter o Esporte como uma das opções de se movimentar com prazer. O autor sempre refere-se ao Esporte, como uma opção de prática adequada para os tempos modernos, relacionando-o sempre com o movimento aliado ao prazer.

O Esporte, na escola, precisa ter seu valor educativo resgatado, para que sua prática tenha significância. Não tem sentido que só uma minoria participe, que as aulas sejam elitistas e privilégio de alguns.

O professor deve ter claro a diferença e não confundir, Esporte na escola (aula de Educação Física) e equipe escolar (treinamento esportivo), ambas podem e devem ser incentivadas, mas são momentos diferenciados. Entende-se que no primeiro momento o Esporte é conteúdo curricular da Educação Física, e no segundo passa a ser instrumento alternativo educacional e de “marketing”.

O Esporte hoje, fenômeno sócio-cultural que é, está presente na vida das pessoas de forma enfática e incisiva. É amplamente divulgado pelos meios de comunicação, atingindo a sociedade em todos os seus níveis.

Na Escola, os alunos enquanto integrantes da sociedade, têm nas aulas de Educação Física a oportunidade de praticar o Esporte. Cabe ao educador oportunizá-la a todos, através de um conteúdo programático esportivo diversificado, que possibilite aos alunos identificarem-se com as diferentes modalidades esportivas, inclusive como espectador. Para isso é necessário ter-se uma postura e metodologia diferenciada da que se utiliza hoje, buscando objetivar “[...] uma educação cujo valor maior é o humano, em suas relações com outros seres e em sua integração com o ambiente.” Que “[...] provavelmente privilegiará a cooperação na competição, o prazer da atividade realizada com consciência, o lúdico perdido ao longo do tempo pela exacerbação do alto rendimento e o movimento corporal expressivo em detrimento do movimento corporal imitativo.”⁴⁹

⁴⁹ MOREIRA, Wagner Wey. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. p. 206; 208

Clayes⁵⁰ aborda sobre a “Evolução do conceito de Desporto”, e o fenômeno da participação e da não participação. Segundo o autor, o esporte apresenta uma definição limitada e também extensa e explica:

Uma definição limitada refere-se a um número de actividades humanas que supõem ou têm como ponto de partida e competência técnica, a condição física e a resistência mental ou que são geralmente realizadas num contexto de competição. Geralmente os desportos reconhecidos como tais (por exemplo o futebol) possuem estes 4 elementos básicos...o movimento, o tempo de lazer, a competição e a institucionalização. Uma definição extensa do desporto aplicada pela filosofia do ‘Desporto para Todos’ não se refere unicamente aos desportos geralmente reconhecidos mas também a todas as formas possíveis de movimento físico na esfera recreativa que estão orientadas para estimular e manter o ‘fitness’ e a condição física.⁵¹

O conceito de Esporte na Europa até 1960, estava ligado somente à competição. Mais tarde, as pessoas passaram a ter suas horas de trabalho reduzidas, usufruindo de maior tempo livre que ocupavam com atividades diversificadas. O Esporte teve sua função evidenciada, crescendo em importância. Não só passou a existirem mais esportes que anteriormente, como também atividades que passaram a ser consideradas como tal. “Portanto, a corrida do ‘fit-o-meter’ ou a participação aos caprichos da dança ‘aerobic’, do ‘jogging’, do ‘stretching’ ou de outras actividades são desportos no sentido geral do termo. Todavia estas não são secções do desporto e as próprias actividades são institucionalizadas só a um nível menor.”⁵²

⁵⁰ CLAYES, V. A Evolução do Conceito de Desporto e o fenômeno da participação/não participação. Lisboa: Portugal: Ministério da Educação e Cultura, Direção Geral de Desportos, 1984. O autor utiliza o termo Desporto ao referir-se ao Esporte, por uma questão metodológica utilizarei o termo Esporte.

⁵¹ Op. cit., p. 4-5.

⁵² Idem, p. 5.

Os esportes reconhecidos e as atividades consideradas como tal, assim como as diversas e possíveis manifestações desses movimentos, deveriam ser consideradas no estabelecimento do conteúdo programático da Educação Física Escolar. Assim haveria maior possibilidade dos alunos identificarem-se com estas atividades. Quem poderia deixar de participar de alguma atividade desportiva? Haveria o indivíduo “zero” que nenhum movimento desperte o seu interesse?

A campanha Esporte para Todos, contribuiu para o alargamento da definição do Esporte e sua democratização, pois um maior número de pessoas passaram a ter acesso a essas práticas esportivas. Antes relacionado apenas à competição, passou a ser relacionado também com movimento, tempo de lazer e institucionalização. Além desses, existem fatores sócio-culturais que influenciam no conceito de Esporte.

Segundo Clayes, os agentes que influenciam na socialização do Esporte são: a escola, a família, a máxi-mídia entre outros. Concorde-se que a escola é um dos agentes que poderiam possibilitar essa socialização, pois é nela que a criança e o jovem teriam os primeiros contatos com a prática do Esporte, o qual pode e deve ser democratizado na escola. Acredita-se que enquanto instituição social significativa que é, não pode eximir-se diante da difusão de tão importante fenômeno sócio-cultural. As aulas de Educação Física podem mediatizar e sistematizar o saber esportivo.

Clayes diz que o indivíduo se movimenta na sociedade, sendo a infância e a adolescência as fases de maior significado para a prática posterior do Esporte e que, os

fatores sócio estruturais e culturais influenciam no comportamento desportivo dos indivíduos, determinando assim a participação e a não participação no desporto.

A campanha Esporte para Todos contribuiu, de certa forma, para a democratização do Esporte, mudando o sentido da sua prática, criando um novo estatuto para o mesmo.

Há outros enfoques, como de Cavalcanti⁵³, que analisa de forma rigorosa e crítica, sobre o discurso do movimento Esporte para Todos, contextualizando a influência e repercussão que teve no Brasil e, detecta principalmente a essência ideológica presente nos documentos internacionais e nacionais do mesmo. Faz referência a desvirtuação dos propósitos e objetivos do movimento, para muitas vezes atender a interesses políticos e ideológicos. Destaca-se alguns pontos que são apresentados pela autora como conclusivos em seu estudo:

[...] O Esporte para Todos dissimula as desigualdades sociais [...] , coisificando o corpo e tornando-o adaptável às exigências da tecnocracia.[...] atua como fator de dependência sócio-cultural à medida que impõe um processo de modernização cultural às atividades físicas desenvolvidas no tempo livre, vinculando o uso do corpo à publicidade tornando, portanto, o indivíduo e a comunidade dependentes, ou seja, instrumentos de reprodução cultural.[...] está a serviço da despolitização da massa à medida que afasta o indivíduo da sua realidade social para cultivá-lo num espaço esportivo, abstrato, onde se exercita a obediência e a disciplina.⁵⁴

Entende-se que Cavalcanti, em sua análise, associa o movimento Esporte para Todos principalmente a aspectos negativos do Esporte rendimento, desconsiderando não

⁵³ CAVALCANTI, Kátia Brandão. Esporte para todos: um discurso ideológico. São Paulo, SP: IBRASA, 1984.

⁵⁴ Idem, p. 107-108.

só seus pontos positivos, como de certa forma, ignora outras possibilidades e/ou manifestações do Esporte.

Pode-se associar e visualizar em contrapartida a autora, que o Esporte coloca num mesmo espaço, diferentes classes sociais, aproximando estas realidades, igualando-as nas suas potencialidades de execução das suas diversas práticas. Será que os indivíduos de classes mais privilegiadas são efetivamente melhores que os de classes menos favorecidas?

Supõe-se que certamente o mundo seria melhor se todos utilizassem seu tempo livre com alguma atividade lúdica. Quanto “lixo mental” não seria aportado nesta ociosidade, que só interessa aos manipuladores do poder.

Discorda-se de Cavalcanti quando diz que o Esporte está a serviço da despolitização da massa, afastando o indivíduo de sua realidade social para cultivá-lo num “espaço esportivo abstrato”. Acredita-se que o Esporte é uma das poucas opções que possibilita a diferentes classes sociais oportunidades iguais de ocuparem o mesmo espaço; é nele que as classes sociais misturam-se, ou para sua prática, ou para assistirem a espetáculos esportivos.

Observa-se que a falta de movimentos como estes é que colaboram para ocorrerem alguns descabros, que são manifestados em parte do campo esportivo, como por exemplo atitudes de violência de jogadores e torcidas.

Que bom seria se o Esporte estivesse disponível a todas as classes sociais, pois a tão propalada elite seria facilmente desmistificada de seus falsos valores.

Reconhece-se a importância do estudo da autora, à medida que aborda o tema, partindo de uma grande interrogação anteriormente não percebida por aqueles envolvidos nesse movimento, colaborando assim para o estabelecimento de novos rumos para o próprio movimento.

O Esporte hoje está presente de forma predominante na formação dos futuros profissionais da Educação Física, refletindo posteriormente na sua atuação pedagógica escolar, os quais irão atuar em diversos setores de intervenção⁵⁵; com predominância de exercício profissional na escola, em grande escala nos setores que envolvem o Esporte e a competição, bem como o campo do Esporte. Percebe-se que Parlebas visualiza o Esporte como um setor de intervenção de grandes dimensões.

Uma nova concepção de Educação Física é proposta por Parlebas⁵⁶, em que o centro da atenção é o ser que se move, e não o movimento.

Concorda-se que, na escola, o centro deve ser o educando e não o conteúdo desenvolvido, fazendo o aluno participar do Esporte e não desenvolver o Esporte pelo Esporte. Nas aulas de Educação Física Escolar, o Esporte vem sendo desenvolvido como conteúdo predominante, que nem sempre vão de encontro aos anseios, expectativas e necessidades dos educandos, onde as noções desses movimentos esportivos transmitidos, reduzem a Educação Física Escolar enquanto disciplina. As ações motoras desempenhadas pelos educandos, são automatizadas, repetitivas, reduzindo o educando a um “corpo

⁵⁵ Termo utilizado por Pierre PARLEBAS, para designar os setores onde a Educação Física através de seus profissionais está presente. op. cit.

⁵⁶ Idem, op. cit.

máquina”, onde o professor comanda e o aluno executa. Esta forma distorcida de desenvolver o Esporte na escola frustra o educando e pode gerar conseqüências desastrosas em seu desenvolvimento integral.

Diz Parlebas, “A Educação Física é uma pedagogia das condutas motoras”⁵⁷. O conceito de conduta motora, tem como centro o indivíduo em ação, onde as modalidades por ele praticadas, são motrizes de expressão de sua personalidade. “O indivíduo em ação é uma pessoa que toma e armazena informações, que concebe e executa estratégias motoras. Baseando-se nisto, a educação física, pode converter-se em uma autêntica escola de tomada de decisões. Tal como vemos, estamos longe da simples noção de movimento [...]”⁵⁸

Percebe-se que os movimentos predominantes nas aulas de Educação Física Escolar, são os das modalidades esportivas coletivas. O aluno enquanto executor dessas práticas, também armazena informações, elabora um raciocínio, internalizando ações esportivas, que são perspectivadas e transferidas. Neste processo há uma dimensão não só biomecânica, mas cognitiva, relacional, afetiva e expressiva, pois o educando é um ser unitário. A pessoa que atua em sua totalidade e em sua unidade, tanto em suas manifestações concretas como em seus projetos, desejos e emoções, é que permite captar a noção de conduta motora.

Acredita-se que o movimento executado de forma autônoma por um “corpo máquina”, não pode mais ser o centro da Educação Física. Há necessidade de uma nova

⁵⁷ Ibidem, p. 6.

⁵⁸ Ibidem, p. 7.

concepção e uma verdadeira transformação da Educação Física Escolar, bem como um redimensionamento da prática do Esporte na escola.

O educador para selecionar conteúdos que irá desenvolver em seu projeto pedagógico, deverá ter conhecimento sobre os mesmos, de suas características mais importantes, dos correspondentes processos de aprendizagem e de sua aplicabilidade frente às expectativas do educando, sendo para isso necessário, adquirir conhecimentos muito sérios no campo da ação motora, contextualizando esses conteúdos.

Existe, segundo Parlebas⁵⁹, uma lógica interna da ação motora onde relações se estabelecem:

1) relação do praticante com o meio. Esse meio pode ser doméstico (estandarizado) ou selvagem (não estandarizado). No primeiro a ação motora se orienta para um automatismo, onde existe uma seqüência programada dos gestos. No segundo existe, um constante diálogo com o espaço, onde os gestos deverão ser adaptados, tendo como referência as informações captadas do meio físico, que solicita uma competência de informação por parte do indivíduo em ação. Nas práticas domésticas, os gestos são programados, sem surpresas ou improvisação, automatizados. Nas práticas selvagens, há necessidade do ajuste à novidade e uma orientação para a adaptabilidade frente ao imprevisto, motivando o educando para a prática.

⁵⁹ Ibidem

Os conteúdos esportivos tematizados na escola para serem significativos, deverão ser diversificados e desenvolvidos de forma mais lúdica, oportunizando uma Educação Física mais prazerosa.

2) relação entre os praticantes. Na escola, como conteúdo predominante tem-se o Esporte, de modo geral, o coletivo. A maneira como é desenvolvido, com ênfase nas técnicas, na execução dos gestos específicos de cada um deles, faz com que a maioria dos alunos se distanciem das aulas de Educação Física, devido a cobrança da execução destes gestos esportivos por parte do professor, tornando as aulas elitistas. Aqueles que das aulas participam, cobram uns dos outros a execução correta dos gestos esportivos, refletindo de maneira não intencional, a atitude docente, que enfatiza a técnica e a competição.

Parlebas quando cita, a relação que existe entre os praticantes ao executarem as práticas motoras, diz que há uma interação motriz de cooperação e de oposição, que podem aparecer de forma exclusiva, isolada, conjugadas ou que essas práticas podem ser desprovidas dessas interações.

Pode-se observar que nas aulas de Educação Física Escolar, de modo geral, a relação de interação motriz de oposição é mais acentuada que a de cooperação, isto é, as relações entre adversários são predominantes sobre as relações entre companheiros na prática do Esporte. Nas modalidades coletivas, a interação motora conjuga oposição e cooperação, sendo que a predominância da primeira sobre a segunda, está diretamente relacionada com os objetivos e a forma de como o professor conduz sua prática pedagógica cotidiana.

O professor utiliza muitas vezes em sua metodologia, uma mistura de procedimentos das escolas tradicional e tecnicista, visualizando o educando como um atleta em potencial, cobrando a execução correta dos movimentos esportivos. O movimento é o centro da aula e não o educando, isso colabora para que o interesse inicial demonstrado pelos alunos em participar das aulas, seja diminuído. A cobrança por parte do professor, em conjunto com as constantes repetições dos mesmos exercícios, faz com que os alunos se afastem das aulas de Educação Física e conseqüentemente da prática do Esporte.

Aquela minoria que consegue ter sucesso na realização dos movimentos solicitados pelo professor, por algum tempo permanecem motivados para a prática das aulas. Devido a falta de variabilidade de procedimentos utilizados nas aulas, os alunos justificam-se de inúmeras maneiras para se afastarem das mesmas.

Parece que os professores só visualizam a possibilidade de desenvolver o Esporte na escola, em meio estandarizado (doméstico), condicionando seus procedimentos de ensino a esse meio, com isso a aprendizagem do Esporte fica condicionada a esses fatores.

Há possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem dos movimentos do Esporte (5ª a 8ª séries), de forma mais lúdica, utilizando meios não estandardizados (selvagens), adaptando suas regras e oportunizando a participação da maioria.

O Esporte enquanto conhecimento, da forma como vem sendo transmitido, é limitado e acrítico. Não oportuniza a participação da maioria dos alunos devido a cobrança pelo professor da performance do gesto e, a eterna repetição dos movimentos

denominados fundamentos, tornam as aulas repetitivas e cansativas. O professor define o modelo do exercício que o aluno deverá seguir.

Aqueles alunos que não correspondem ao “modelo” estabelecido pelo grupo de “sucesso” e pelo professor, excluem-se ou são excluídos da prática do Esporte nas aulas. Esta visão do Esporte é transmitida através da metodologia adotada pelo professor, que induz os alunos a concluírem que o Esporte só pode ser praticado objetivando resultados e performance. O Esporte visto assim, resume-se em: técnica, rendimento e competição, que são características do Esporte apenas na visão de rendimento e pode ajustar-se ao contexto de equipe escolar que também tem seu valor educacional.

Dessa forma, o grupo de praticantes do Esporte tende a diminuir, aumentando o grupo de espectadores, sendo que não pode haver espectadores se não houverem praticantes. Quem assiste aprecia alguma coisa, assim como quem pratica de certa forma, o faz para alguém apreciar. Portanto é necessário que exista um equilíbrio entre os dois grupos para a manutenção do Esporte.

O Esporte, nas aulas de Educação Física, deve ser tematizado de forma mais ampla, contextualizado numa perspectiva crítica e participativa. Quanto mais diversificadas forem as modalidades esportivas desenvolvidas na escola, maiores serão as alternativas de praticantes e espectadores, de forma que no processo educacional todos possam num determinado momento vivenciar estas experiências. Dessa forma o Esporte terá um sentido realmente educativo.

Os autores que serão destacados na sequência deste tópico do trabalho, abordam em seus estudos sobre o Esporte, apesar das diferentes visões, cada qual contribui para a análise e reflexão sobre esse fenômeno sócio-cultural. Devido a predominância da prática do Esporte, que percebe-se nas aulas de Educação Física Escolar é de suma importância que estes estudos sejam analisados, servindo de referência para o possível entendimento da dimensão que o Esporte tem também hoje na escola.

Bourdieu⁶⁰, na visão de sociólogo, aborda em seus estudos as relações entre as práticas e os consumos esportivos e da distribuição dessas práticas segundo variáveis, como: o nível de instrução, idade, sexo e profissão, como também, sobre o próprio sentido que estas práticas assumem nessas relações, assim como, os fatores que as determinam nas diferentes classes sociais.

O autor diz que a história do Esporte é relativamente autônoma, que mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias crises, sua própria cronologia.

Considera também, que há um conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais, como uma oferta destinada a encontrar uma certa demanda social. São detectados num primeiro momento, a prática e o consumo esportivo, considerando que, existe um espaço de produção dotado de uma lógica própria, de uma história própria, e que nesse interior são produzidos e inventados os “produtos esportivos.”

⁶⁰ Pierre BOURDIEU, op. cit.

Tanto as práticas como os consumos esportivos, estão disponíveis e são aceitáveis num determinado momento (condições históricas e sociais), estando inseridos no contexto da sociedade, que ao reconhecer o espectro do Esporte utiliza-o como forma de “marketing”. O educando precisa compreender e julgar isto, pois mesmo como espectador será aquele que deverá discernir frente às suas reais necessidades, evitando tornar-se um mero consumista.

Questionamentos são levantados sobre, como e quais seriam as condições sociais de possibilidade de apropriação dos diferentes “produtos esportivos” que são produzidos? ou seja, como se produziria o que Bourdieu denomina de demanda? Sobre que princípios, os agentes sociais escolheriam as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos como possibilidade em um dado momento?

Na visão do autor, cria-se um espaço de produção dotado de uma lógica própria e de uma história própria, no interior “social” dos produtos esportivos. Existe a criação de um modismo pela mídia, que também atinge o comércio. Promoção de eventos, bem como, a produção de artigos esportivos; conseqüentemente, há um consumo generalizado de tudo aquilo que está relacionado ao mundo do Esporte. O consumo existente, é dirigido por normas ou princípios que asseguram a representação e a defesa dos interesses dos praticantes, através de agentes sociais e instituições diretamente e/ou indiretamente ligados aos produtores de bens e serviços, produtores e vendedores de espetáculos e bens associados necessários à prática do Esporte.

A prática e/ou consumo dos diferentes Esportes estaria relacionada com a demanda que teriam, gerando o consumo destes Esportes. A oferta estaria diretamente relacionada com a demanda e conseqüentemente com o consumo. As condições históricas e sociais influenciam tanto a oferta como a demanda das práticas esportivas, revelando também aquelas aceitáveis num determinado momento e o tipo de público praticante e/ou consumidor destas práticas. O professor deve abordar estas questões, levando o aluno a compreendê-las para combater os modismos.

O estudo e a análise feita por Bourdieu, mostra num segundo momento, uma visão social do Esporte, citando primeiramente o Esporte na antigüidade, definido como prática específica, redutível a um simples jogo, ritual e ao divertimento festivo. Segundo o autor, o Esporte Moderno surgiria numa aparição contemporânea, após uma ruptura drástica que separaria o passado do presente, não existindo uma definição de quando ou como aconteceu essa ruptura, revelando assim um anacronismo.⁶¹

A ruptura entre o jogo e o Esporte é caracterizada por inúmeros fatores. Teria se originado através de lutas próprias com regras próprias. Houve um investimento numa cultura específica do campo esportivo, do qual fazem parte: atletas, dirigentes, políticos, técnicos entre outros. Existiria uma cultura esotérica da qual o profissional e o leigo fazem parte, evidenciando a importância deste, para a existência do campo esportivo. Houve a criação de novos Esportes como o basquetebol e o voleibol entre outros, que foram inventados bem como a definição de objetos de disputas.

⁶¹ Entendido como, confusão de data quanto a acontecimentos ou pessoas.

Bourdieu diz que o campo esportivo tem uma lógica específica, seu espaço é definido e caracterizado, possui uma história própria, criada no meio social por meio dela mesmo e das características sociais.

O sociólogo refere-se à escola como um lugar onde a prática do exercício é gratuita, sendo ao mesmo tempo um lugar neutralizador dessas práticas, com relação ao mundo social. As práticas esportivas seriam convertidas em exercícios corporais, com fins em si mesmas, de uma forma acabada (reprodução). O Esporte na escola na visão do autor, serviria como arte de afirmação de virtudes viris dos futuros líderes, contribuindo para a formação do caráter e da virilidade. O Esporte seria também uma das únicas vias de ascensão social, para aqueles pertencentes a classes sociais menos privilegiadas (dominadas). Através de sua prática na escola, o Esporte seria um importante inculcador da vontade de vencer, transmitindo também uma idéia moralista aos seus praticantes.

Vê-se o Esporte como o mais rico e simples instrumento pedagógico da Educação Física Escolar, que pode inculcar no educando a vontade de crescer enquanto indivíduo, dando-lhe a sensação de que sua situação social não é final e pode, num determinado momento, ser revertida.

Para Bourdieu a função e a visão da prática do Esporte é diferenciada conforme a classe social, como também o tipo de Esporte praticado. Nas classes populares e médias, a prática do Esporte seria restrita à juventude (fase escolar), pois com o casamento e a vida adulta seria difícil dar continuidade a essas práticas. O lugar que o indivíduo ocupa na hierarquia social também determina a possibilidade em dar continuidade à prática do

Esporte na idade adulta, pois quanto menos abastados forem os indivíduos, menores as chances de pertencerem a um clube esportivo. Provavelmente estas pessoas terão participação no campo esportivo, como espectadores de “espetáculos esportivos”. A participação como praticante, muitas vezes, é entendida pela própria classe social, como artigo de luxo.

Nas classes burguesas, a prática do Esporte se daria pela manutenção física, da estética, como também para prolongar a vitalidade e a juventude, demonstrando uma estilização de vida perante a sociedade. Outros fatores que contribuem para a prática do Esporte são: a competição, a saúde, os hábitos das pessoas entre outros.

O Esporte Moderno se dá segundo o autor, num campo de batalha social, onde a distribuição das diferentes práticas esportivas, está relacionada de acordo com as classes sociais. Essa batalha social é caracterizada pelo monopólio do Esporte entre vários segmentos, que fazem parte do campo esportivo por exemplo:

- o amadorismo X o profissionalismo
- esporte prática X esporte espetáculo
- esportes chiques X esportes vulgares
- esporte distintivo de elite X esporte popular de massa
- treinadores X professores de Educação Física
- dirigentes X comerciantes (patrocinadores)
- médicos X higienistas X dietistas, entre outros.

Lenk⁶² afirma que filósofos e sociólogos têm interpretado de diferentes formas a atividade esportiva como uma reação niveladora, frente às exigências e pressões da sociedade industrial e de suas condições de vida. As teorias de que fala o autor são: de adaptação e a teoria de compensação. A primeira relaciona o Esporte com o trabalho, isto é, seria utilizado como um meio para adaptar o indivíduo ao mundo do trabalho, exercitando-o através do Esporte, para que posteriormente possa desempenhar produtivamente sua função como trabalhador. Segundo Adorno⁶³, um dos fins secretos do Esporte é a adaptação ao trabalho.

A função niveladora é baseada na teoria da compensação, sendo sua função considerada: a) como vital-motora diante da deficiente atividade corporal e ao efeito deformador do trabalho moderno; b) como enriquecedora da psique (alma, espírito) diante da monotonia e do empobrecimento do processo de produção; c) como constitutiva e identificadora da personalidade, diante da falta de identificação de um trabalhador enormemente especializado; d) como integradora social frente ao anonimato, devido a divisão do trabalho e a “alienação de todos por todos”; e) como libertadora dos instintos agressivos frente a falta de possibilidade para as reações de agressividade ou de satisfação de instintos, em uma existência totalmente poluída pela civilização.

A Olimpíada do trabalhador, realizada no Brasil, tirou muitos do anonimato. Tornaram-se ídolos, pessoas que talvez jamais sentiriam estas sensações. Diversas Olimpíadas em diferentes classes e concentrações populares, tornariam maior a sensação

⁶² LENK, Hans. *Altius, citius, fortius*. Madri, Espanha: INEF, 1972.

de proximidade do astro com sua constelação participante. Desta forma o elitismo e estrelismo de certos “super astros” seriam minimizados e desmistificados pela vivência deste fenômeno ao alcance de muitos.

Qual a diferença entre um astro de uma Olimpíada do trabalhador, um astro de uma Olimpíada de deficientes físicos e de um astro de uma Olimpíada internacional nos diferentes campos de ação?

Plessner⁶⁴ considera o Esporte como uma “niveleção ideal”, especialmente atrativa, porque trata da “superação de dificuldades artificiais escolhidas por si mesmo”. Segundo o autor, o mundo do Esporte seria “uma reprodução do mundo industrial”. O autor reforça sua tese baseado em outros autores como Habermas, que diz ser o Esporte um “duble” do mundo do trabalho, que há tempo tornou-se um setor de racionalização deste, obedecendo o máximo de eficiência da forma mais racional possível e a uma publicidade/consumo conforme as leis do mercado.

O Esporte possibilita inúmeras possibilidades para o exercício do trabalho. É importante tomar-se ciência dessas relações de Esporte/trabalho, para que se tenha conhecimento da abrangência do campo esportivo, daquilo que ele oferece às pessoas, tanto àqueles que irão praticar o Esporte enquanto profissão, como àquelas pessoas que são necessárias e indispensáveis para o funcionamento do campo esportivo. Inúmeros profissionais executam os mais variados ofícios em diversos lugares como: na indústria (fábricas de materiais específicos do Esporte...), na imprensa (jornalistas, locutores,

⁶³ Apud, Hans LENK, op. cit.

críticos...), nos clubes (técnicos, dirigentes, massagistas, preparadores físicos, nutricionistas, roupeiros, motoristas...), entre outros. A amplitude do mercado de trabalho proporcionada pelo Esporte deve ser considerada, pois são oportunidades de emprego para diversas pessoas.

A prática do Esporte hoje na escola é criticada por alguns estudiosos, que discutem a Educação Física Escolar. Como deixar-se o Esporte fora da escola, se ele está tão presente na vida dos alunos? Presente de uma forma que está praticamente fora do controle dos professores, pois invade o cotidiano de todos através dos meios de comunicação. Influencia o comportamento dos alunos, desperta aspirações e sonhos, através dos ídolos que são muitas vezes imitados e tidos como exemplos a serem seguidos.

A escola pública oferece num primeiro momento, as primeiras oportunidades às crianças e adolescentes de prática do Esporte. A partir da 5ª série os alunos têm aulas de Educação Física, estando muito motivados e ansiosos para as mesmas. Percebe-se que no decorrer do processo os alunos vão perdendo o interesse e a motivação, as aulas que tanto queriam ficam cada vez mais distantes. Nas séries seguintes as aulas parecem as mesmas, e os alunos se esquivam cada vez mais, procurando diversas desculpas para delas escaparem.

O Esporte está presente na vida da maioria das pessoas (sociedade), os alunos consomem-no das mais diferentes formas, são influenciados e motivados diariamente, principalmente pelos meios de comunicação, para a sua prática e consumo. Cabe ao

⁶⁴ Apud, Hans LENK, Ibidem.

educador, manter esse interesse através de uma metodologia adequada, possibilitando a todos o acesso às primeiras vivências corporais do Esporte, como também ampliar e contextualizar esse fenômeno sócio-cultural enquanto conhecimento na escola, fazer os meios de comunicação de aliados, aproveitando as informações adquiridas pelos alunos, enfatizar mais o lúdico do que a técnica, fazendo com que o Esporte na escola tenha realmente significância e não apenas privilégio de uma minoria.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NA ESCOLA

2.1. A ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A origem da Educação Física no Brasil foi marcada pela influência médica, dando-lhe um caráter biologizante⁶⁵, no entanto, os currículos tiveram grande influência das instituições predominantemente militares, visto que, os Cursos de Graduação em Educação Física tiveram seu início no Brasil dentro de tais instituições.

A prática da Educação Física sempre esteve associada à educação do físico e à saúde corporal, apresentando vários momentos históricos diferenciados e várias técnicas

⁶⁵ Esse termo é utilizado por Lino CASTELLANI FILHO, op. cit.

de trabalho relacionadas com esses períodos, denominadas equivocadamente de métodos. Algumas predominaram por um maior tempo do que outras. Hoje ainda, há vestígios do emprego de tais técnicas, algumas mais presentes do que outras. Pode-se observar que aquelas que têm o Esporte como conteúdo predominante permanecem no cotidiano da Educação Física Escolar.

O Esporte é um dos elementos constitutivos da Educação Física. Expandiu-se de tal forma tornando-se um dos maiores fenômenos sociais deste século, refletindo na prática da Educação Física Escolar.

Segundo Gebara⁶⁶, Educação Física e Esporte são objetos de natureza distintas, diferenciam-se tanto em abrangência quanto na sua historicidade. O autor chama a atenção para a questão da periodização estabelecida por alguns autores (Penna Marinho, Ramos, Castellani Filho, Ghiraldelli, Betti entre outros)⁶⁷, embora reconheça o pioneirismo dos mesmos, alerta que muitas vezes trata-se mais de ausência do que de periodização. A Educação Física é periodizada nos mesmos parâmetros utilizados na História Política do Brasil. Isso faz com que ocorra um “duplo equívoco”, segundo o autor: a) os acontecimentos políticos que delimitam os períodos que a História Política revela, não tem nenhuma relação com a Educação Física; b) a Educação Física sendo vista a partir de relações exteriores a ela, faz com que descaracterize-se perdendo sua especificidade.

⁶⁶ Ver Ademir GEBARA, Educação Física: Tempo e Historiografia. In Anais do II Simpósio de Educação Física. Rio Claro, SP: UNESP, vol. II, 1989. p. 31-34.

⁶⁷ Os trabalhos desses autores são analisados na abordagem sobre a questão da construção da História da Educação Física, objetivando buscar referenciais preliminares para pensar sua periodização. Ibidem, p. 31-34.

O relato de alguns episódios históricos possibilitam apontar-se para uma reflexão sobre a abrangência que o Esporte adquiriu na prática da Educação Física Escolar, pois concorda-se com o autor na diferença que existe entre um e outro, mas observa-se que o Esporte hoje na escola é quase sinônimo de Educação Física.

Betti⁶⁸ afirma que, nas últimas décadas do século XIX a Educação Física teve um grande impulso, no sentido de sua sistematização e institucionalização, como uma forma de educação no mundo ocidental. O principal centro responsável por este desenvolvimento foi a Europa, surgindo os sistemas ginásticos que mais tarde espalharam-se por todo o mundo. Ao falar-se da Educação Física hoje, é necessário analisar-se sobre sua origem, pois adentrou neste século baseada em modelos do século passado.

Os sistemas ginásticos originários na Alemanha, Dinamarca, Suécia e França eram vinculados aos processos de afirmação da nacionalidade e à constante preparação para a guerra. A história tanto de sua elaboração quanto de sua institucionalização confunde-se com a história do nacionalismo e militarismo europeu, presentes nos séculos XVIII e XIX.⁶⁹

Soares⁷⁰ afirma que os chamados métodos ginásticos; o sueco, o francês, o alemão, o natural de Herbert, a Educação Física Desportiva Generalizada entre outros, não se configuram como métodos, mas como sistematizações de exercícios físicos. A referida

⁶⁸ BETTI, Mauro. Educação Física e Sociedade. São Paulo, SP: Movimento, 1991. p. 33.

⁶⁹ Op. cit., p. 35.

⁷⁰ SOARES, Carmem Lúcia; TAFFAREL, Celli N. Z.; ESCOBAR, Michel Ortega. A Educação Física Escolar na perspectiva do século XXI. In MOREIRA (org.). Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papirus, 1992.

autora ressalta que o método sueco criado por Peer Henrich Ling (1776-1839), representou um avanço do ponto de vista de sistematização da ginástica no plano mundial e serviu de base para outras sistematizações.

O Método Alemão foi adotado durante o Império e nos primeiros anos da República, por Johann Bernhard Basedow (1723-1790), naquele país, consolidando-se com Johan C. F. Guts Muths (1759-1839). Para Betti, a Educação Física foi introduzida pela primeira vez no currículo escolar na Alemanha, por Basedow, na escola fundada por ele em 1774, denominada “Philanthropinum”, sendo que suas idéias e métodos serviram de base para muitas instituições.⁷¹

O Método Alemão repercutiu nas escolas brasileiras via Forças Armadas, sendo adotado oficialmente em 1860 pelo Exército Brasileiro. A repercussão do método deu-se “[...] devido às numerosas famílias alemãs que aqui se instalaram, conservando seus hábitos, mas também devido à influência dos soldados e oficiais prussianos que pertenciam à Guarda Imperial e que se fixaram no Brasil.”⁷²

O movimento francês foi bastante influenciado por necessidades militares. A aplicação de seus métodos ginásticos foi por muitos anos um sistema destinado a promover o vigor físico dos soldados ou futuros soldados e a tradição do militarismo era vinculada à Educação Física na França. “A derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial

⁷¹ Mauro BETTI, op. cit., p. 36.

⁷² BAFERO, Francisco Augusto. Da Educação Física Escolar para a Educação Física Informal - O clube e a prática esportiva. Dissertação de Mestrado, Piracicaba, SP: UNIMEP, 1991. p. 8.

(1914-1918), e a chegada da Missão Francesa ao Brasil intervieram para que o Método Alemão fosse substituído pelo Francês [...] Este Método,[...] aplicava-se tanto para civis como para militares [...]”⁷³

A Educação Física Escolar passou a utilizar o Método Francês, que imperou de modo quase absoluto, até a derrota da França na Segunda Guerra Mundial que representou o seu enfraquecimento. O Método Francês compreendia a Educação Física como, “[...] o conjunto dos exercícios cuja prática racional e metódica é suscetível de fazer o homem atingir o mais alto grau de aperfeiçoamento físico, compatível com a sua natureza.”⁷⁴

A Educação Física na época, foi entendida como de grande importância para idealizar o indivíduo “forte” e “saudável”, imprescindível para o desenvolvimento do país, que procurava construir um modo próprio de vida. Os primeiros conteúdos da Educação Física refletiam, portanto, as necessidades da época.

Posteriormente, houve a necessidade de uma revisão dos fundamentos da Educação Física, principalmente do ponto de vista psicológico. Mas, ainda hoje, encontra-se na prática vestígios das profundas raízes deixadas por tal método.

Em substituição ao Método Francês, surge a Calistenia, que se introduz no Brasil através de programas militares. O Método Calistenico surgiu em 1828, nos Estados Unidos, difundiu-se no Brasil por intermédio da Associação Cristã de Moços, as A.C.M., fundadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Alcançou o seu período áureo após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser ensinada nas Escolas de Educação Física a partir de 1947. A sua prática deu-se em várias cidades, com

⁷³ Op. cit., p. 9.

⁷⁴ OLIVEIRA, Vitor Marinho de. O que é Educação Física. 5ª ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986. p. 57-58.

predominância para a educação de filhos de diplomatas, nas A.C.M., na Marinha do Brasil e nas escolas americanas aqui criadas.⁷⁵

Por volta de 1950, a Educação Física Brasileira, sofreu influência do método criado pelo Instituto Nacional de Esportes na França, denominado de “Educação Física Generalizada”. Tal método procura incorporar o conteúdo esportivo aos métodos de Educação Física, ajustando-se a todos eles. Tendo como características: a adaptabilidade a todas as necessidades dos praticantes, podendo ser dosado na intensidade e dificuldade, tanto na complexidade dos exercícios, como no ritmo geral ou particular de execução, sendo o aspecto lúdico enfatizado.⁷⁶

Tal método foi difundido no Brasil através de cursos de aperfeiçoamento técnico-pedagógico, ministrados pelo professor Auguste Listello, contribuindo para a normatização do Esporte como conteúdo preponderante da Educação Física na escola. A atividade física, então, apresentava-se mais agradável proporcionando prazer e alegria aos praticantes. O jogo fazia parte da atividade física que tornava-se mais lúdica.

Betti⁷⁷ identifica como sendo três os métodos prevaletentes ao longo da História da Educação Física no Brasil: Método Francês (MF), Método Desportivo Generalizado (MDG) e o Método Esportivo (ME).

⁷⁵ Francisco Augusto BAFERO, op. cit., p. 12-13.

⁷⁶ Idem, p. 13-14.

⁷⁷ Mauro BETTI, op. cit., p.147.

O Método Francês caracterizava-se pelo comando e a formalidade do conteúdo. O Método Desportivo Generalizado⁷⁸ possibilitava aos alunos a iniciação nos diferentes Esportes, desenvolvendo o gosto pelo belo, levando-os a adquirir ótima performance física e técnica. Os exercícios feitos antes por obrigação, eram substituídos pelos exercícios executados por prazer, pois no jogo a alegria e o gosto em praticá-lo estavam presentes. O Método Esportivo não chegou a caracterizar-se como um método padronizado, mas ao eleger o esporte formal como conteúdo principal, acaba dando-lhe uma concepção de técnica esportiva bastante rígida.⁷⁹

Betti⁸⁰ diz que o Método Desportivo Generalizado que nasceu e sobreviveu entre 1950 e 1960, foi o único a fugir um pouco aos parâmetros da competitividade e da busca da vitória, mas sufocou-se diante do Método Esportivo a partir de 1970, quando então o modelo formal do Esporte de alto rendimento é assumido em sua plenitude, sem qualquer diferenciação, como também sem uma reflexão pedagógica mais profunda, passando então a ser adotado como sinônimo de Educação Física.

Para Carmo, “A incorporação passiva dos métodos importados, além de condicionar os professores e alunos aos princípios e valores estrangeiros, contribuiu, de forma decisiva, para a acomodação e estagnação do conhecimento da Educação Física, uma vez que, submissos e subservientes aos programas importados, os profissionais da área não se preocuparam em encontrar caminhos próprios

⁷⁸ Idem, op. cit., refere-se a Educação Física Desportiva Generalizada como Método Desportivo Generalizado.

⁷⁹ Ibidem, p. 147, 153.

⁸⁰ Ibidem, p. 157.

para trilhar os rumos da atividade física no Brasil.”⁸¹ Percebe-se faltar aqui, a explicitação de alguns elementos que venham fundamentar melhor as colocações feitas pelo autor, tais como: Quais seriam esses princípios e valores estrangeiros a que se refere? De que forma os profissionais da área, na época, iriam encontrar os caminhos próprios da atividade física no Brasil?

Através da história constata-se que a Educação Física Escolar no Brasil, durante o percurso de sua instauração recebeu grande influência estrangeira. Ainda tem-se alguns vestígios acentuados dos métodos utilizados em décadas atrás, na prática escolar de hoje.

A Escola enquanto uma das agências sociais, faz parte do sistema educacional que depende dos demais sistemas, entre eles o social, que o gera e determina. Percebe-se que a escola reflete de uma certa forma, os valores vigentes na sociedade, cumprindo determinadas funções. A Educação Física enquanto disciplina escolar, apresenta-se nos momentos históricos cumprindo também funções, que condizem com os valores vigentes da sociedade de cada época histórica.

Por outro lado, o professor, enquanto mediatizador do processo ensino-aprendizagem, possui uma certa e relativa autonomia em sua ação pedagógica. Visto desse modo, a educação escolar pode ter um papel importante e decisório na transformação social, através da ação pedagógica consciente e politizada de seus educadores. Para Carmo, “Especificamente em Educação Física, necessita-se de professores com competência técnica, cientes **do que fazer, como fazer e por que fazer**, e conscientes politicamente, sabendo a **quem estão**

⁸¹ CARMO, Apolônio Abadio do. Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 1985. p. 20.

servindo, quem é beneficiado com sua prática, enfim, professores que consigam ter uma visão de **totalidade**, na qual o importante é entender a inter-relação dinâmica das partes que compõem este todo, e não a simples justaposição dessas partes.”⁸²

Acredita-se que a ação pedagógica do professor terá valor na medida em que, estiver inserida numa prática social concreta direcionada para um aluno “real” e não “ideal”, inserido num contexto onde as relações sociais são dinâmicas e contraditórias, sendo a escola o espaço onde se dá a mediação entre o saber individual e o sócio-cultural. Na aula de Educação Física a transmissão dos conteúdos deve dar-se de forma articulada com o contexto, possibilitando uma assimilação ativa e participativa por parte do aluno, dessa maneira resultará o saber criticamente reelaborado.

Para que o educador possa avaliar sua ação pedagógica, é necessário que considere sob que tendência ela predominantemente se dá, para então, se necessário, reformulá-la, portanto é preciso ter-se de forma clara algumas possibilidades de suas manifestações e interrelações.

Entende-se que, ao “surgir” uma nova tendência educacional ela não acontece num momento determinado, mas aos poucos. Ao “desaparecer”, na verdade, não se dá de forma abrupta, portanto seus resquícios pedagógicos ainda estarão presentes em outras que surgirão posteriormente. Percebe-se que, na prática educacional, não só da Educação Física, há uma mistura de algumas dessas tendências, com mais predominância de umas do que outras. Concorda-se com Libâneo quando diz, “É necessário esclarecer que as tendências não aparecem em sua forma pura, nem sempre são mutuamente exclusivas, nem conseguem captar toda a

⁸² Ibidem, p. 31.

riqueza da prática concreta. São, aliás, as limitações de qualquer tentativa de classificação. De qualquer modo, a classificação e descrição das tendências poderão funcionar como instrumento de análise para o professor avaliar sua prática de sala de aula.”⁸³ Ao buscar-se analisar e refletir sobre a vivência do Esporte, enquanto conteúdo das aulas de Educação Física Escolar, é necessário perceber-se qual ou quais tendências permeiam tal processo. “[...] para compreender a ação da Educação Física Escolar, é necessário um breve olhar para algumas tendências ou concepções presentes na Educação Física brasileira.”⁸⁴

2.2- EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E TENDÊNCIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ghiraldelli⁸⁵ investigou e estudou a evolução histórica da Educação Física brasileira, periodizando-a, identificando cinco tendências as quais são denominadas de: Higienista (até 1930), Militarista (1930-1945), Pedagogicista (1945-1964), Competitivista (pós 1964) e a Educação Física Popular. Ghiraldelli faz referência quanto a cautela que devemos ter no entendimento de tal periodicidade. “Isso porque, de fato, tendências que se

⁸³ José Carlos LIBÂNEO, op. cit., p. 20-21.

⁸⁴ MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica. Campinas, SP: UNICAMP, 1991. p. 19-20.

⁸⁵ Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, op. cit.

explicitam numa época estão latentes em épocas anteriores e, também, tendências que aparentemente desaparecem foram, em verdade, incorporadas por outras.”⁸⁶

Ghiraldelli referindo-se à Educação Física Popular diz que, esta surge da prática social dos trabalhadores, do movimento de organização das classes populares. É sustentada numa teorização transmitida oralmente entre as gerações de trabalhadores deste país. Faz menção à existência de um material que teria escapado da destruição realizada pelas classes dominantes, e através dele resgata-se uma concepção de Educação Física que historicamente veio desenvolvendo-se com e contra às concepções ligadas à ideologia dominante. Esta tendência, segundo o autor, privilegia o lúdico, a solidariedade, a organização dos indivíduos, para o confronto determinado pela luta de classes. Serve aos interesses da chamada solidariedade operária e tem suas raízes no Movimento Operário de lutas de classes.

Percebe-se que o referido autor é um tanto confuso, ao tratar do que denomina de “Educação Física Popular”, em suas colocações diz:

É preciso entender que não estamos considerando a Educação Física Popular como a Educação Física praticada por todo o povo (ou melhor, a Educação Física, eventualmente praticada pelo povo). A Educação Física Popular é, sim, uma concepção de Educação Física que emerge da prática social dos trabalhadores e, em especial, das iniciativas ligadas aos grupos de vanguarda do Movimento Operário e Popular. Assim, como todas as outras concepções levantadas até aqui, a Educação Física Popular não pode ser encontrada em forma imaculadamente pura na sociedade. Todavia, à medida que nos aproximamos das experiências encetadas pelos núcleos mais conscientes do Movimento Operário é possível resgatar uma concepção de Educação Física relativamente mais autônoma.⁸⁷

⁸⁶ Idem, op. cit., p. 16.

⁸⁷ Ibidem, p. 33.

Em seguida Ghiraldelli relata como iniciou-se o Movimento Operário, assim como a disputa que ocorreu pela sua hegemonia por várias correntes, quando então, nos anos 20 o Partido Comunista Brasileiro (PCB) passa a influenciar as classes populares urbanas organizando também campeonatos. Através de seu jornal, o PCB promove e organiza a prática desportiva popular, incentivando o operariado jovem à frequência do desporto lúdico.

O autor posiciona-se dizendo,

[...] o nosso projeto de Educação Física, que se pretende continuador das diretrizes da Educação Física Popular, também deseja ultrapassá-la e superá-la. Por isso, não basta manter os princípios de ludicidade e solidariedade entre trabalhadores, próprios da Educação Física Popular. Também não basta utilizar a Educação Física como instrumento de organização dos trabalhadores. É preciso mais. O que desejamos é que a prática da Educação Física na Escola Pública encontre fórmulas ricas capazes de utilizar *o trabalho corporal e o movimento*, próprios à aula de Educação Física, como aríetes contra a ideologia dos dominantes.⁸⁸

Ghiraldelli faz menção à existência de diretrizes que norteiam a Educação Física Popular, tendo esta, uma concepção autônoma. Tem-se algumas dúvidas relacionadas às colocações feitas pelo autor: Onde está ou esteve presente a Educação Física Popular na sociedade? Como ultrapassar e superar algo que parece nunca ter existido?

De uma suposta tendência que Ghiraldelli “identifica”, ele justifica a Educação Física na Escola Pública, evidenciando sua importância na utilização do trabalho corporal

⁸⁸ Ibidem, p. 50.

e o movimento como uma espécie de “arma” para o confronto de classes, e isso se daria de forma “lúdica”.

Concorda-se, em parte com o autor, que algumas das tendências por ele identificadas, possibilitam de certa forma, estabelecer-se a relação entre os valores vigentes na sociedade de diferentes épocas e a escola. É possível também perceber-se a vinculação da Educação Física, enquanto disciplina ministrada, condizente com esses valores emanados pela sociedade dominante.

Considera-se a relação das concepções com a prática cotidiana, onde nem sempre a teoria acontece na mesma velocidade da prática, ou seja, só se efetiva quando a concepção já não é hegemônica, assim como, a aceitação e a incorporação das novas idéias pelos já atuantes professores de Educação Física, que quase sempre, oferecem resistência às mudanças na prática pedagógica. Tais fatos colaboram de forma decisiva, na mesclagem pedagógica existente na prática da Educação Física Escolar e, na morosidade na adoção de uma abordagem mais progressista dos seus conteúdos.

Gebara⁸⁹ afirma que as marcas cronológicas utilizadas na periodização feita por Ghiraldelli, estão colocadas de maneira rígida e coincidente com os acontecimentos políticos a partir da Revolução de 30. A questão fundamental que seria a periodização da Educação Física, acaba sendo tratada de maneira limitada e generalista, onde a periodização é muito mais da História da Educação no Brasil, com enfoque na expansão do capitalismo no Brasil do que a História da Educação Física em relação a seus

⁸⁹ Ademir GEBARA, op. cit., p. 33.

momentos específicos. Desta forma, a Educação Física torna-se um aspecto do saber pedagógico, sendo tratado apenas uma parte do problema, fenômenos como o Esporte, a competição, a recreação entre outros não cabem nesse tipo de análise.

O educador atua numa instituição social, a escola, e de certa forma, influencia os alunos que fazem parte de um todo, a sociedade, onde os interesses entre as classes sociais são diferentes. A Educação Escolar têm suas finalidades e objetivos estabelecidos a partir desses interesses, portanto ela tem um caráter político, assim sendo, todo processo educacional estará norteado e dependerá principalmente da composição de forças que sustentam esses interesses.

Cada tendência teve seu momento de maior evidência neste último século, porém, elas não deixam de estar presentes até os dias atuais, nos diversos locais onde a Educação Física é praticada. Percebe-se que, na Educação Física Escolar, algumas concepções exerceram e exercem maior influência do que outras, sobre a práxis dos professores como: a Higienista, a Pedagógica e a Competitivista.

As diferentes tendências praticadas na Educação Física, cada qual, correspondem a um determinado tipo de escola de cada época histórica. Betti utiliza-se de marcas cronológicas semelhantes às de Ghiraldelli para periodizar a Educação Física Escolar no Brasil, contudo relaciona tal periodização com acontecimentos nos quais a presença do Estado é marcante no sentido de definição de políticas para a Educação Física. É de muita significância o trabalho do autor com relação à Educação Física Escolar. Tais fatos foram

observados por Gebara⁹⁰, que diz serem de extrema importância devendo ser levados em conta quando a periodização da Educação Física for tratada de forma mais ampla.

Castellani⁹¹ diz que são três as tendências na Educação Física Brasileira que hoje encontram maior significância: da Biologização, da Psico-pedagogização e a terceira que, embora o autor não a denomine com uma terminologia específica, é caracterizada dizendo o autor ter esta, segundo classificação de Saviani, respaldo na concepção histórico-crítica da Filosofia da Educação. Refere-se à existência de uma aparente contraposição e essencial identificação entre as duas primeiras tendências, no fato de que, tanto uma quanto a outra integrem o quadro das concepções acríticas da Filosofia da Educação.

As duas tendências são fortemente influenciadas para uma teoria e prática tecnicista, trazendo em si uma influência da Filosofia Neopositivista que as fazem portadoras de posturas da neutralidade científica, colocando-se e colocando o conhecimento a serviço do “status quo”.

Segundo o autor, uma terceira tendência começa a ganhar espaço no cenário da Educação Física no Brasil, para a qual a ação de educar é essencialmente política, à medida que busca possibilitar a apropriação, pelas classes populares, do saber próprio à cultura dominante, visando instrumentalizá-las para o exercício pleno de sua capacidade e luta no campo social.

A Educação Física teria como prioridade a tradução do acesso ao saber (produzido, sistematizado e acumulado historicamente) pelas classes subalternas, nas questões

⁹⁰ Idem, op. cit., p. 34.

relativas à Motricidade Humana, socializando assim o corpo de conhecimento existente a respeito do conhecimento do homem em movimento.

Esta terceira tendência se respalda na concepção histórico-crítica da Filosofia da Educação, e objetiva veicular o entendimento de que o movimento (elemento essencial da Educação Física) reveste-se de uma dimensão humana, extrapolando os limites orgânicos e biológicos, onde comumente as atividades físicas são enquadradas. Nesta tendência, o homem é um ser eminentemente cultural. Assim o movimento representaria um fator de cultura sendo resultado da expressão do homem como um todo.

O autor distingue em dois blocos as tendências, as quais são antagônicas, configurando-se em: um composto pela Biologização e pela Psico-pedagogização da Educação Física, outro, por uma proposta transformadora de sua prática. Castellani diz que analisando a conjuntura atual percebe-se “[...] que a Tendência que trabalha a concepção transformadora da prática da Educação Física, vem conquistando e ocupando espaços cada vez maiores”, objetivando correlacionar forças buscando “desestabilizar o quadro hegemônico mantido pelas outras Tendências [...]”⁹²

Percebe-se que a prática da Educação Física Escolar, hoje caracteriza-se pela efetivação do Esporte como conteúdo predominante. Ao mesmo tempo temos inúmeros estudos que criticam essa predominância conteudista escolar esportiva. O quadro hegemônico das concepções acríticas ainda permanecem em parte na prática da Educação

⁹¹ Lino CASTELLANI FILHO, op.cit., p. 217-222.

⁹² Idem, p. 221.

Física Escolar, na medida em que, o Esporte continua sendo desenvolvido na escola, visando apenas a performance do gesto, propiciando a seletividade.

Pode-se dizer que a prática da Educação Física Escolar é um tanto uniformizada, pois tem-se o Esporte inserido de tal forma nas aulas de Educação Física, que não é possível ignorá-lo ou expulsá-lo da escola. A forma como a Educação Física vem sendo desenvolvida na escola tem contribuído para afastar a maioria dos alunos do processo ensino-aprendizagem do Esporte. Essa talvez seja uma das razões, das inúmeras críticas existentes, em relação à prática do Esporte escolar, como se os rótulos que lhe atribuem tais como: alienante, elitista, seletivo entre outros, realmente o caracterizassem. A maneira como o Esporte é desenvolvido na escola, é que lhe dá os contornos enquanto atividade da Educação Física, e quem mediatiza esse processo é o professor, através da definição dos objetivos político-pedagógicos no planejamento de ensino, pois eles antecedem e orientam a prática docente.

O Esporte faz parte da cultura enquanto fenômeno. É amplamente difundido na sociedade pelos meios de comunicação, não pode-se fazer de conta que não existe, ignorando-o na escola. Esse importante fenômeno deve ser tematizado pela Educação Física Escolar mas, de uma forma em que a maioria dos alunos tenham acesso à sua prática.

O estudo das tendências torna-se importante para o educador, no sentido de ajudá-lo a entender e questionar as idéias que orientam sua prática pedagógica, visto que, todo processo ensino-aprendizagem estará sempre norteado por alguma tendência ou

concepção que o professor têm de sociedade, homem, educação entre outras. É fundamental o conhecimento e a análise das tendências da Educação Física e de sua superação, para o estabelecimento de objetivos e tarefas de ensino elaboradas pelo educador, pois há sempre uma profunda relação entre as tendências vigentes e os interesses da classe dominante, as quais são refletidas nos objetivos, programas e métodos de ensino.

2.3. A ESCOLARIZAÇÃO DO ESPORTE

Quando se fala da Educação Física Escolar, busca-se através de alguns fatos históricos, referências que possam situar como e quando a Educação Física efetivou-se enquanto prática no contexto escolar, assim como algumas tendências identificadas no Brasil. Vê-se a necessidade do mesmo em relação ao Esporte, pois embora muitas vezes confundam-se na escola, outros fatos históricos mostram que a escolarização do Esporte não se deu da mesma forma. Portanto, busca-se através dos mesmos, evidenciar a diferença na forma como tais escolarizações se deram.

Para Betti⁹³, enquanto nos países da Europa difundiram-se os sistemas ginásticos e a preocupação com a defesa nacional, sendo a Educação Física influenciada pela filosofia nacionalista, na Inglaterra a Educação Física do século XIX não sofreu tanto tais influências. Devido sua posição geográfica e sua poderosa marinha, a Inglaterra livrou-se

⁹³ Mauro BETTI, op. cit., p. 44-46.

de invasões estrangeiras, não sendo necessário como ao povo dos países continentais a disciplina e o treinamento físico, que eram impostos visando a defesa nacional. Portanto a contribuição da Inglaterra não foi no campo da ginástica, mas do Esporte.

Segundo Betti, a Revolução Industrial que ocorreu na Inglaterra a partir de 1760, produziram grandes transformações sócio-econômicas no país, guardam relação que irão refletir posteriormente no século XIX no movimento esportivo inglês que formou o outro pilar da sistematização da moderna Educação Física.

O Esporte⁹⁴ era uma prática típica da aristocracia e da alta burguesia inglesa até o final do século XVIII, sendo uma atividade de ócio para os adultos e um meio de educação social de seus filhos. Posteriormente, no decorrer do século seguinte, houve modificações consideráveis. O Esporte passou a ser prática também de outras camadas sociais, ocorrendo sua institucionalização em órgãos diretivos. Segundo Betti, as Escolas Públicas⁹⁵ tradicionais na Inglaterra, fundadas entre os séculos XIV e XVII, as Universidades e a classe média emergente da Revolução Industrial tiveram participação fundamental neste processo.

Os estudantes das Escolas Públicas dedicavam grande parte de seu tempo escolar na organização e supervisão de atividades, estando os jogos e Esportes incluídos e sendo amplamente desenvolvidos. Promoviam seus próprios jogos, desafiando as autoridades educacionais que os proibiam por acharem-nos perigosos e violentos.

⁹⁴ O Esporte ou Esportes aqui é entendido, como sendo algumas práticas que se afirmaram especialmente na Inglaterra no século XVIII como: o hipismo, as corridas a pé, o pugilismo, o golf e o cricket.

⁹⁵ Ao referir-se as Escolas Públicas Mauro BETTI, Ibidem, utiliza também o termo original daquele país, Public-Schools.

O desenvolvimento industrial propiciou a ascensão da classe média, que adquiriu uma posição de poder político e influência social, passando então a reivindicar maiores privilégios educacionais, conseguindo a construção de novas escolas públicas nos mesmos padrões das antigas. Com a proliferação das escolas houve a difusão dos jogos esportivos. Na segunda metade do século XIX, aproximadamente, o modelo esportivo que predominava era o da classe média. Nas escolas públicas os jogos passaram a ser aceitos generalizando-se então sua prática. A partir de 1857 foram fundadas várias associações esportivas nacionais na Inglaterra.

A Inglaterra foi pioneira na divulgação do Esporte entre a população industrial e urbana, sendo o primeiro caso típico da realidade do Esporte num país capitalista. Depois do Esporte ter surgido para a classe média, passou também a ser acessível às classes trabalhadoras que reivindicaram redução na jornada de trabalho, dispondo assim de maior tempo livre.

O pioneirismo da Inglaterra em relação ao Esporte é também no fato de aceitá-lo e utilizá-lo como um meio de educação. Tal fato diferencia a escola inglesa das demais pois, “Baseada nos jogos e nos esportes, a corrente inglesa é a única das quatro, nesse período, com uma orientação não-ginástica. Concebida para envolver a prática esportiva numa atmosfera pedagógico-social, a Escola Inglesa incorporou, no âmbito escolar, o esporte com uma conotação verdadeiramente educativa,[...]”⁹⁶.

⁹⁶ Vitor Marinho de OLIVEIRA, op.cit., p.43.

As Escolas Públicas produziram muitos líderes que atuaram posteriormente em muitos setores da vida inglesa: na indústria, no comércio, na política, no exército entre outros, administrando o vasto e crescente império colonial. A influência socializante dos jogos foi enfatizada pelas Escolas Públicas, que utilizavam-nos para promover qualidades necessárias à administração do império britânico tais como: liderança, lealdade, auto-disciplina, cooperação, tenacidade, iniciativa, espírito esportivo entre outras.⁹⁷

Entretanto, foi no final do século XIX e início do século XX, que o governo inglês adotou uma política de apoio à Educação Física nas escolas mantidas pelo Estado. Um acordo foi efetivado entre o Departamento de Educação e o Exército para que sargentos ministrassem instrução em Educação Física nas escolas, sendo que o modelo imposto não foi o esportivo das Escolas Públicas, mas o sistema ginástico sueco de Per H. Ling. Em 1904 tal método foi adotado oficialmente nas escolas, gerando assim uma dualidade de sistemas na Educação Física inglesa: nas Escolas Públicas eram ministrados jogos organizados, e nas escolas primárias ginástica. Objetivando a formação de bons chefes de empreendimento e bons oficiais nas Escolas Públicas, e através da disciplina e dos efeitos fisiológicos do exercício sistemático formar bons operários e soldados nas escolas primárias.⁹⁸

Percebe-se que havia dois modelos de “Educação Física” desenvolvidos em escolas inglesas diferentes. Uma onde predominava o ensino e a prática de jogos, objetivando a

⁹⁷ São utilizadas as falas de VAN DALEN E BENNET (1971) e MCLNTOSH (1973), In Mauro BETTI, op. cit., p.46.

⁹⁸ Mauro BETTI, op. cit., p. 46.

formação de líderes para o comando da sociedade britânica, e outra onde predominava o ensino e a prática da ginástica, objetivando a formação de um proletariado disciplinado, obediente e servil. Diante disso, é possível supor-se que, o modelo esportivo era utilizado para uma elite, os futuros líderes, e o sistema ginástico para o povo, os futuros operários.

No final do século XIX, na Inglaterra, o Esporte começou a ser difundido para o resto do mundo através de componentes da sociedade inglesa dos mais diversos setores. Surgiram diversas associações esportivas nacionais de diversas modalidades esportivas, primeiramente na Inglaterra e posteriormente em outros países. “No princípio do século XX ‘o desporto estava em posição favorável para se tornar um fenômeno de expansão mundial, um fenômeno internacional.’”⁹⁹

Hoje, o Esporte é reconhecido internacionalmente pela classe acadêmica e intelectual como um dos maiores fenômenos sociais, paralelamente questiona-se a Educação Física em toda sua amplitude: enquanto área de conhecimento, de ciência, objeto de estudo, bem como, seus valores educacionais e sua finalidade.

O Esporte hoje é predominante, enquanto conteúdo, nas aulas de Educação Física Escolar. O Sistema Educacional muitas vezes, utiliza-o como instrumento de manipulação¹⁰⁰, ciente do poder que exerce tanto sobre professores, quanto sobre os alunos.

⁹⁹ MCLNTOCH (1975, p.125). Apud Mauro BETTI, *Ibidem*, p. 47.

¹⁰⁰ RUMPF, Horst analisa e considera como sendo uma das formas atuais de controle do corpo, o conteúdo das disciplinas. Apud Maria Augusta Salim GONÇALVES, *op. cit.*

A escola enquanto instituição social é responsável por parte da educação dos indivíduos. Transmite o ensino e a cultura que estão de certa forma impregnados pelos valores estabelecidos pela classe dominante, que tenta monopolizar o saber escolar veiculando seus valores.

O Esporte faz parte de nossa cultura e a Educação Física já o absorveu em suas atividades, mas parece que isso foi feito de forma mecânica, sem reflexão e crítica. É necessário que, principalmente, o Esporte Escolar seja analisado e redimensionado e, na busca de uma prática significativa, transformando-o em instrumento de expressão corporal, o que seria para o educador um grande desafio. Não pode-se transferir o Esporte para a prática pedagógica na perspectiva limitada de rendimento, ou tentar ignorá-lo enquanto fenômeno sócio-cultural, mas objetivar sua discussão com características próprias de análise referentes à Educação escolar.

A comunidade como um todo, vivencia o Esporte nas suas mais diferentes formas. Os alunos integrantes dessa comunidade (sociedade), trazem para a escola aquilo que assimilam do mundo do Esporte (meios de comunicação), revelando e transferindo muitas vezes, expectativas e comportamentos para as aulas de Educação Física.

O profissional da Educação Física é responsável por uma prática pedagógica adequada para o Esporte Escolar. Deve-se perspectivar formas de desenvolvê-lo e democratizá-lo, para que a maioria das crianças e jovens possam de sua prática participar.

2.4. A ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A aula de Educação Física foi introduzida como matéria obrigatória nas escolas brasileiras no século passado, sendo que a tarefa principal da aula era a de educar para a disciplina e a obediência, preparando os indivíduos principalmente para o serviço militar.¹⁰¹

Devido a essa obrigatoriedade, é necessário levar em consideração os aspectos legais que nortearam sua implantação no âmbito escolar. Lucena¹⁰² em seu estudo aborda sobre a legislação na constituição da disciplina escolar Educação Física.

Segundo o autor, foi no século passado que ocorreram as primeiras atenções dispensadas à Educação Física, embora esta apareça com a denominação de exercícios ginásticos. “Em 1855, através do Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte, é estendida ao Colégio Pedro II a exigência dos exercícios ginásticos.”¹⁰³

Lucena destaca que Ruy Barbosa é o primeiro a analisar os vários métodos de ensino da ginástica e levantar pontos que justificassem sua prática na escola, como também, ressalta a necessidade de formação de pessoal capacitado. Isso deu-se segundo parecer e projeto, por ele elaborado, sobre a reforma do ensino primário em 1822, onde na seção especial de ginástica, consta: esta prática ou conteúdo para ambos os sexos e a

¹⁰¹ Visão Didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas. Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM. Rio de Janeiro, RJ: Livro Técnico, 1991. p. 1.

¹⁰² LUCENA, Ricardo de Figueiredo. Quando a Lei é regra: um estudo da legislação da Educação Física escolar brasileira. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desporto, 1994.

¹⁰³ Op. cit., p. 28.

valorização dos professores da disciplina, determinava ainda, a obrigatoriedade da ginástica na escola normal para ambos os sexos.

O autor afirma que, no início do século XX, o ensino da ginástica continuava presente nos projetos educacionais. O Deputado Jorge de Moraes, fundamentando-se na orientação de Ruy Barbosa, em 21 de setembro de 1905, na Câmara dos Deputados, discursa sobre “Educação Física” e apresenta seu projeto evidenciando a importância de tal disciplina. O referido projeto foi pioneiro no sentido de que, pela primeira vez menciona-se a criação de escolas de Educação Física, apregoando também a instituição do método sueco em substituição ao alemão, havendo assim a interferência nos conteúdos da disciplina.

A partir de 1920 ocorreram uma série de reformas que buscavam intervir de forma mais ampla no ensino brasileiro. Lucena cita as seguintes:

- 1920 - reforma Sampaio Dória - São Paulo
- 1927-1928 - reforma Francisco Campos - Minas Gerais
- 1928 - reforma Fernando de Azevedo - Distrito Federal

Lucena destaca que em 1929 é apresentado o anteprojeto de lei elaborado por Comissão composta pelo Deputado Artur Lemos, Dr. Fernando de Azevedo, Prof. Faustino Esposel, entre outros, sendo submetido ao estudo da Comissão de Educação Física pelo então Ministro da Guerra, General Nestor Passos. Já no seu artigo 1º das “disposições gerais”, estabelece que: “a Educação Física deve ser praticada por todos os residentes

no Brasil. Ela é obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino Federais, Municipais e Particulares, a partir da idade de seis anos para ambos os sexos.”¹⁰⁴

O autor evidencia que “É significativo prestar atenção na redação da Leis; sem discussões teóricas, a denominação ‘ginástica’ é gradualmente substituída pelo termo ‘Educação Física’.”¹⁰⁵

Lucena diz: “Vale salientar que esses textos [...] têm sua importância, ao nosso ver, pois traduzem a reflexão de políticos e educadores, em cada momento, acerca da Educação Física escolar.”¹⁰⁶

Estes tratam da questão da obrigatoriedade da Educação Física e da conseqüente interferência em seus conteúdos com a determinação de métodos que, segundo os autores de cada um dos projetos, melhor possibilitavam adequação ao povo brasileiro. São eles: “[...] o Parecer e projeto 224, de 1822, escrito e proposto por Ruy Barbosa; o projeto proposto em setembro de 1905 pelo, então deputado Jorge de Moraes e o anteprojeto de lei de 1929, elaborado por uma comissão composta pelo deputado Artur Lemos e professor Fernando de Azevedo, entre outros.”¹⁰⁷

A preocupação de vários intelectuais com a Educação Física, possibilitou a sua integração nos currículos escolares, sendo que a sua inclusão foi recomendada em todos os níveis de escolaridade, identificando a necessidade de uma educação integral. Com isso foi dada relevância à Educação Física no âmbito escolar. Fazendo-se uma breve leitura histórica da Educação Física enquanto disciplina escolar, constata-se que posteriormente o contrário aconteceu, ocorrendo o desprestígio do professor de Educação Física, bem como

¹⁰⁴ Op. cit., p. 35.

¹⁰⁵ Op. cit., p. 53.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 49.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 50.

da disciplina, que enquanto aula, sem orientação educativa, nem professores devidamente preparados, conseqüentemente, sem um engajamento no quadro geral da Educação.¹⁰⁸

Esse desprestígio da disciplina, bem como de seus profissionais, estão de certa forma relacionados com a “crise da Educação Física” que é identificada em diversos estudos realizados pela sua comunidade acadêmica e científica.

Paralelamente proliferaram o número de Escolas Superiores de Educação Física,¹⁰⁹ onde houve um crescimento desordenado dos cursos superiores. Diante disso, é possível dizer-se que os currículos diferenciados¹¹⁰ de um curso para outro, de onde saíram e saem professores graduados, com concepções e conhecimentos também diferenciados, colaboraram para que a Educação Física enquanto disciplina escolar, fosse perdendo o sentido e a sua essência educativa, distanciando-se cada vez mais do objetivo de formação integral do indivíduo, nos aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores, os quais devem estar em consonância com as características e peculiaridades culturais e regionais da população.

As aulas de Educação Física na escola, quanto a seus conteúdos, desenvolveram-se e alteraram-se no decorrer das últimas décadas, isto é um processo histórico, antes a predominância da ginástica, hoje do Esporte. Uma das causas, seria os

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Educação Física Humanista. Rio de Janeiro, RJ: Livro Técnico, 1985. p. 3-4.

¹⁰⁹ Embora não sejam aqui discutidas, questões referentes a proliferação de cursos de graduação em Educação Física no Brasil, a esse respeito ver: TOJAL, João Batista. Currículo de Graduação em Educação Física-a busca de um modelo. Campinas, SP: UNICAMP, 1989.

¹¹⁰ Embora até 1990 existisse um currículo mínimo obrigatório que servia de base para todas as faculdades e universidades, estes diferenciavam-se quanto seus objetivos.

interesses e as necessidades diferenciadas da clientela que atualmente frequenta a escola?

Bracht diz que:

Se analisarmos através da literatura específica a forma cultural do movimento corporal que tem sido objeto da Educação Física no Brasil, veremos que inicialmente (pelo menos até a década de 40 deste século), havia o predomínio do exercício ginástico -- principalmente o de orientação militarista -- que a partir de então, cede lugar progressivamente ao movimento na forma cultural de esporte. É lógico que outras expressões da cultura corporal ou de movimento, estiveram/estão presentes ou são tematizados na Educação Física, como a dança, jogos e brincadeiras populares. Parece-me no entanto que estas expressões constituem minoria, e que podemos falar da ginástica e posteriormente de esporte, como as atividades, nos respectivos momentos históricos, que se apresentam como hegemônicos na Educação Física.¹¹¹

Lucena identifica um período diferente onde o Esporte passou a predominar enquanto prática e, até a aproximar-se conceitualmente da Educação Física e, nos chama a atenção: “ É interessante observar que, no final dos anos 50 e na década de 60, parece haver uma relação maior entre o que seria a prática da Educação Física e a prática esportiva com uma aproximação do conceito de Educação Física e esporte.”¹¹²

Embora os referidos autores identifiquem períodos diferentes em que o Esporte passou a predominar enquanto conteúdo da Educação Física, e até confundirem-se, ambos reconhecem a subordinação da Educação Física ao Esporte. Ainda hoje isso está muito presente, sendo perceptível principalmente na escola.

¹¹¹ Valter BRACHT, op. cit., p. 17.

¹¹² Ricardo de Figueiredo LUCENA, op. cit., p. 43.

As aulas de Educação Física Escolar hoje, “aulas de Esporte”, oportunizam a minoria dos educandos a essa prática, devido em parte à forma limitada como é tematizado. Com isso se está colaborando para o retrocesso não só da Educação Física como também do Esporte na escola.

Apesar de existir todo um questionamento sobre a Educação Física Escolar, continua-se por omissão ou comodismo com os mesmos comportamentos observados há décadas atrás.

Os professores parecem não acompanhar, nem tão pouco relacionar, a evolução e as mudanças da Educação Física e do Esporte com as necessidades e expectativas dos alunos.

O Esporte exerce uma influência enorme nas crianças e jovens, principalmente pelos meios de comunicação, além do que, o próprio fascínio que possui em si é capaz de mobilizar inúmeras pessoas ao mesmo tempo. “A magia de atrair tantos jovens não surtiria efeito se o Esporte, jogo que é, não tivesse a capacidade infinita de absorver seus participantes, tanto jogadores quanto espectadores.”¹¹³

O Esporte sendo um fenômeno sócio-cultural, tão presente na sociedade, é manifestado das mais diferentes formas. Deve ser tematizado pela Educação Física Escolar, mas de uma forma reflexiva, crítica e contextualizada.

Nas aulas de Educação Física Escolar tem-se uma grande contradição, ao mesmo tempo que o Esporte está presente também está ausente. Presente no desejo das crianças em praticá-lo e vivenciá-lo e, ausente na medida que uma minoria dessas crianças têm

oportunidades de participarem das aulas de Educação Física. Visto que, muitas vezes o professor prioriza a performance dos movimentos, o que acaba afastando a maioria dos alunos das experiências motoras do Esporte.

Os alunos querem aprender o Esporte, pois são fortemente influenciados pelos meios de comunicação à sua prática, sendo que no decorrer do processo ensino-aprendizagem a maioria é afastada ou exclui-se por não sentirem-se capazes de executarem os movimentos esportivos que são ensinados e cobrados pelo professor.

A Educação Física é uma disciplina obrigatória no sistema educacional brasileiro em todo o ensino fundamental, como componente curricular, nas escolas, passou a existir e existe muito mais por força da lei do que por legitimidade. Lucena diz que, “A legislação, ao tratar da Educação Física (ginástica) no período que compreende o meado do séc. XIX aos anos 30 de nosso século, tratava basicamente da obrigatoriedade, de sua ‘implantação’ no contexto escolar nacional [...] A lei, como já dissemos anteriormente, é recurso ativo utilizado, quando necessário, por aqueles que estão no poder [...]”¹¹⁴

Historicamente, essa obrigatoriedade tem sido justificada, com base na abrangência e “pseudo” efetividade do Esporte para o desenvolvimento bio-psico-socio-cultural de um povo. Com esta justificativa, não restam dúvidas de que a maior ênfase na Educação Física Escolar venha a ser os Esportes “competitivos”, iniciando logo na 5ª série do primeiro grau, permanecendo durante toda a época de escolarização. Esporte e Educação

¹¹³ Alba ZALUAR, op. cit., p. 32-33.

¹¹⁴ Ricardo de Figueiredo LUCENA, op. cit., p. 54.

Física confundem-se, são quase sinônimos. Parece não existir multiplicidade de práticas da Educação Física pelo menos na escola, o que temos são “aulas de Esporte”.

Tanto profissionais da área de educação como da saúde, chamam a atenção para a necessidade de questionamentos e reflexões sobre o enfoque esportivo oferecidos aos programas de Educação Física Escolar.

As aulas de 5ª a 8ª série parecem as mesmas, ênfase no ensino dos fundamentos de algumas modalidades esportivas onde prioriza-se a técnica e a performance do gesto, ou então, considera-se que o educando já conhece esses fundamentos esportivos e uma minoria “joga”. Assim sendo, o professor torna-se um espectador da aula quase não interferindo no seu desenvolvimento. Também deixa-se que os alunos façam aquilo que “desejam e sabem”, onde não se tem o compromisso em ensinar nada. Parte-se do princípio de que o Esporte é para poucos privilegiados e os alunos não estão incluídos nesse grupo, por não serem capazes de aprender o Esporte na perspectiva de rendimento. Tais procedimentos são condizentes com aqueles praticados na então Escola Técnica e Escola Nova, que foram vivenciados na prática pedagógica escolar como um todo.

Será que o problema da Educação Física Escolar está na ênfase do Esporte enquanto conteúdo ou na forma como ele vem sendo desenvolvido?

A forma como o Esporte é desenvolvido nas aulas de Educação Física Escolar, torna o seu conhecimento limitado, fazendo com que futuramente a maioria dos educandos não leve essa prática esportiva adiante, seja em forma de uma prática permanente enquanto lazer e/ou manutenção da saúde ou, restringindo possibilidades que

poderia ter no Esporte rendimento. Sendo assim, o Esporte enquanto conteúdo da Educação Física Escolar não tem cumprido sua finalidade educativa. Não se trata de combater ou expulsar o Esporte da escola mas, democratizá-lo enquanto prática e conhecimento à maioria que frequenta a escola pública.

Isso porque ensinar um esporte, enquanto conteúdo escolar, implica considerar desde os seus fundamentos básicos, os seus métodos de treinamento, o seu 'jogar' propriamente dito, até o seu enraizamento social e histórico, passando é claro pela sua significação cultural enquanto fenômeno de massas em nossos dias. Desse modo, o futebol, o voleibol, o basquetebol ou outra modalidade esportiva, deixam de ter um caráter apenas prático e passam a ter um caráter histórico e social. O aluno nas aulas de Educação Física saberá não apenas praticar uma determinada modalidade esportiva mas, também, o que é praticar uma modalidade esportiva num mundo que transformou isso em profissão.¹¹⁵

2.5. MANIFESTAÇÕES DO ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O Esporte a partir da segunda metade do século XX situou-se como um dos mais proeminentes fenômenos sociais do mundo, através do grande envolvimento que propicia, bem como as diversas relações que estabelece. Há uma unanimidade, por parte de estudiosos, no reconhecimento do Esporte enquanto tal, entre eles podemos citar: Bourdieu, Cagigal, Costa, Escobar, Gebara, Soares, Taffarel, Tubino. Tais autores colaboram através de seus diferentes estudos, extremamente significativos, discutindo

¹¹⁵ Carmem Lúcia SOARES; Celi N. Z. TAFFAREL; Micheli Ortega ESCOBAR. op. cit., p. 217-218.

questões relevantes em torno do Esporte, as quais servem de referência para a análise desse fenômeno.

O Esporte está presente em nossa sociedade, exerce um poder e um fascínio, altera e influencia comportamentos, faz parte e invade a vida das pessoas tendo como principais aliados os meios de comunicação e a indústria.

Bourdieu¹¹⁶ trata e analisa o Esporte numa perspectiva abrangente, isto é, a do campo esportivo. Na sua visão, o Esporte Moderno é entendido como o conjunto de práticas e de consumos esportivos, oferecidos aos agentes sociais, para suprir uma demanda social, tendo uma lógica e uma história próprias, constituindo-se num campo ou setor específico, o esportivo, do qual fazem parte vários sistemas de instituições (públicas e privadas), existindo também agentes ligados direta ou indiretamente a essas práticas e consumos.

Entende-se que as pessoas estabelecem relações diferenciadas com o campo ou setor esportivo: enquanto praticantes de alguma modalidade esportiva, que varia na sua forma e intensidade, consumindo e assistindo enquanto espectadores (televisão, revistas especializadas, jornais...) ou, vivenciando o Esporte em ambas situações, isto é, enquanto praticante e espectador.

O Esporte também é consumido através dos produtos que vende, produzidos pela indústria do Esporte, estabelecendo um outro tipo de relação, a do trabalho, o qual é exercido por pessoas qualificadas, que possibilitam em conjunto com as máquinas o

¹¹⁶ Pierre BOURDIEU, op. cit., p. 136-153.

funcionamento de tal indústria. O Esporte passa também a ser trabalho para o atleta profissional, que alia sua prática a uma profissão.

No oferecimento do Esporte enquanto produto a ser consumido tem-se os meios de comunicação, que aliados à indústria desempenham função preponderante na ênfase e divulgação das modalidades esportivas. Destas, algumas são mais consumidas do que outras e, um maior ou menor consumo está diretamente relacionado com a divulgação que se faz das diferentes modalidades. Quanto mais se divulga um determinado tipo de Esporte, mais o público o consome nas suas mais diferentes formas; portanto, há uma influência direta dos meios de comunicação sobre as pessoas quanto à preferência esportiva. Por outro lado, quanto maior for a preferência do público, maior será a ênfase na sua divulgação, havendo uma relação entre oferta e consumo. A sobrevivência ou manutenção das modalidades esportivas no mercado enquanto produto vendável, depende e está diretamente relacionada com o quanto o público as consomem.

O Esporte não pode ser entendido apenas como um bem de consumo, no sentido de ser algo só para se assistir. Isto reduziria tal fenômeno a uma concepção distorcida e reducionista, seu potencial cultural deve ser utilizado em benefício da maioria da população. A escola deve viabilizar e democratizar o Esporte enquanto conhecimento e prática, pois apesar de ser algo normatizado e institucionalizado, foi e é construído pelos homens e para os homens.

As ações corporais esportivas por si só não dizem nada, passam a ter um significado quando são executadas pelo homem num determinado contexto. Nesse sentido,

deve-se possibilitar ao aluno o acesso às experiências corporais esportivas, não desvinculando-as do Esporte que é por todos assistido mas, tematizando-o de forma ampla e significativa.

Nas últimas décadas ocorreu uma mudança conceitual no Esporte, que deixou de ser perspectivado apenas sob a ótica de rendimento mas, também passa a incorporar ao seu significado o seu sentido educativo e do bem estar social.

Tubino¹¹⁷ aborda sobre a renovação conceitual do Esporte e, suas implicações quanto às dimensões sociais que tal fenômeno passa a ter, têm como pressuposto o direito de todos à sua prática, identificando como sendo três as formas de seu exercício: esporte-performance, esporte-popular ou de participação e esporte-educação. Com o conceito de Esporte mais ampliado e mais abrangente, objetiva-se atender às necessidades destas três dimensões sociais, que diferenciam-se nas suas perspectivas e valorizações de conteúdos mas, não deixam de estar relacionadas. O Esporte pode manifestar-se diferentemente, devido a sua renovada abrangência conceitual, são elas:

- (a) manifestação esporte-performance, objetivando rendimento, numa estrutura formal e institucionalizada;
- (b) manifestação esporte-participação, visando o bem-estar para todas as pessoas, praticada voluntariamente e com conexões com os movimentos de educação permanente e com a saúde;
- (c) manifestação esporte-educação, com objetos claros de formação, norteadas por princípios sócio-educativos, preparando seus praticantes para a cidadania e para o lazer.¹¹⁸

¹¹⁷ TUBINO, Manoel José Gomes. Esporte e Cultura Física. São Paulo, SP: Ibrasa, 1992.

¹¹⁸ TUBINO. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In MOREIRA (org.). Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papirus, 1992. p. 133.

À medida que o Esporte foi consolidado como sendo um direito de cada pessoa, pela UNESCO, na sua Carta Internacional de Educação Física e do Esporte¹¹⁹, de 1978, passando então a ser reconhecido, tal fato foi decisivo para a percepção das possibilidades do fenômeno esportivo como meio de democratização. Tal posicionamento em documento provocou uma transformação na própria perspectiva da revisão conceitual de Esporte, rompendo-se com o conceito da época. Vários países a partir daí, inclusive o Brasil, introduziram em suas cartas constitucionais, o direito à prática esportiva como um dos direitos sociais do cidadão.

Com o advento da Constituição Federal de 1988, mais precisamente a partir do seu artigo nº 217, deu-se reconhecimento à abrangência do Esporte e suas diversas possibilidades enquanto prática. O referido artigo propiciou o surgimento da Lei nº 8.672, de 06.07.93¹²⁰, mais conhecida como a “Lei Zico” que posteriormente foi regulamentada pelo Decreto nº 981, de 11.11.93.

A “Lei Zico” considerada por muitos como uma lei moderna e atualizada procurou, na medida do possível, refletir os anseios da sociedade em relação ao Esporte, dando um norteamento em direção a uma realidade cada vez mais emergente, podendo ser identificada no fato de que o Esporte se faz cada vez mais presente na vida do brasileiro.

¹¹⁹ TUBINO. Esporte e cultura física. p. 57.

¹²⁰ BRASIL. Decreto Lei nº 8.672, de 06 de julho de 1993. Institui normas sobre desportos e dá outras providências. Brasília, DF.

A referida lei em seu Capítulo III da “Conceituação e das Finalidades do Desporto”, e assim reza seu Art. 3º :

O desporto como atividade predominantemente física e intelectual, pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações:

I- Desporto Educacional, através dos sistemas de ensino e formas assistemáticas de educação, evitando a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral e a formação para a cidadania e lazer;

II- Desporto de Participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e da educação e na preservação do meio ambiente;

III- Desporto de Rendimento, segundo normas e regras nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com outras nações.

Parágrafo único. O desporto de rendimento pode ser organizado e praticado:

I- de modo profissional, caracterizado por remuneração pactuada por contrato de trabalho ou demais formas contratuais pertinentes;

II- de modo não-profissional, compreendendo o desporto:

a) semiprofissional, expresso pela existência de incentivos materiais que não caracterizem remuneração derivada de contrato de trabalho;

b) amador, identificado pela inexistência de qualquer forma de remuneração ou de incentivos materiais.¹²¹

A partir do reconhecimento das novas formas do conceito de Esporte, pode-se dizer que a possibilidade de democratização deste fenômeno sócio-cultural tornou-se possível, devido ser também entendido na perspectiva de educação e participação, assim sendo, sua viabilização enquanto prática é não só um direito de todo cidadão mas, também deve ser viável para sua maioria e, a escola enquanto instituição formal desempenha um papel importante na sistematização e democratização de seu ensino.

¹²¹ Ibidem.

A escola é uma das principais instituições sociais formais, sendo sua principal função a transmissão do conhecimento e da cultura à comunidade escolar. Apesar das críticas que tem sofrido, por grande parte da sociedade, e da crise do Sistema Educacional como um todo, sua importância é reconhecida. Ninguém abre mão da Escola, ou seja, a sociedade reconhece-a como sendo de fundamental importância para o auxílio na educação e formação das crianças e jovens.

A escola está inserida na sociedade e reflete, de certa forma, seu comportamento através da comunidade escolar. Os alunos, os quais não chegam “vazios” na escola, trazem consigo uma bagagem cultural adquirida em diversos grupos informais, já citados anteriormente.

Hoje, outros elementos também influenciam de forma marcante a sociedade nos seus mais diferentes aspectos. Entre eles, destacam-se os meios de comunicação e a indústria. Tais elementos são significativos para se analisar a influência que o fenômeno esportivo exerce nas pessoas em vários segmentos sociais, entre eles a escola. Esses elementos fazem parte do campo esportivo. As diversas informações são veiculadas e assimiladas em grande velocidade e quantidade pelas pessoas, assim como os produtos esportivos gerados pela indústria do Esporte, são oferecidos para serem consumidos. No cotidiano das aulas de Educação Física, através do comportamento dos alunos, é possível observar-se tais influências na prática pedagógica.

Pode-se citar a escola como a principal instituição para o exercício do esporte-
educação, é nela que estão a maioria das crianças e jovens. É importante entender-se a

prática esportiva como mais um elemento do processo educativo. O Esporte possui um enorme potencial gregário, enquanto educador deve-se e pode-se utilizá-lo em benefício da maioria da população escolar.

Nas aulas de Educação Física Escolar muitas vezes, dá-se exclusividade à busca de resultados e apoio a indivíduos superdotados. Nesse caso parece não haver diferenciação entre esporte-rendimento e esporte-educação. Por outro lado, combate-se a prática do Esporte nas aulas, dessa forma também não se consegue visualizar o Esporte numa perspectiva que não seja a do rendimento. Não se reconhece o poder educativo e reabilitador que possui, assim como se tenta ignorar a abrangência social de tal fenômeno. Como diz Tubino: “O principal equívoco histórico do entendimento do esporte-educação é a sua percepção como um ramo do esporte-performance, ou de rendimento.”¹²²

Concorda-se com Silveira¹²³ quanto ao entendimento do Esporte como elemento de formação, meio de desenvolvimento integral do indivíduo, fator de manutenção e prevenção da saúde, forma de desenvolvimento psicomotor e afirmação da personalidade e da cidadania, enfim como direito de todos.

Acredita-se que o Esporte é um dos principais elementos constitutivos e significativos da Educação Física Escolar e, para que seja viabilizado enquanto direito de todos, é necessário reconhecer que existem momentos diferentes para que tal fenômeno se efetive de forma democrática enquanto prática escolar.

¹²² TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões sociais do esporte. p. 31-32.

¹²³ SILVEIRA, Bruno. Educação Física e Desportos: uma nova visão. In TUBINO (org.). Repensando o esporte brasileiro. São Paulo, SP: Ibrasa, 1988.

O Esporte apresenta manifestações distintas, mas que, ao mesmo tempo se interrelacionam. Entende-se que as diferentes formas de seu exercício são interdependentes e que, a escola é o local que pode contribuir para fomentar, difundir e democratizar a prática do Esporte, não só o educacional, mas o de participação e de rendimento. Os alunos adquirindo o gosto por sua prática bem como seus conhecimentos básicos, não só poderão levar adiante tal prática como ocupação de seu tempo livre e preservação da saúde mas também, oportunizar àqueles ditos talentos, a iniciação ao ensino da técnica do Esporte. Diante disso, reconhece-se a escola como principal local para a prática democrática do Esporte.

É necessário que enquanto educador, se faça a distinção quanto à interpretação do amplo conceito de Esporte, para então ser possível visualizar e potencializar suas possibilidades formativas na Escola.

Ao longo da evolução do processo educacional brasileiro foram desconsideradas algumas variáveis, as quais determinam e interferem na educação do indivíduo, entre elas, as transformações sociais em andamento e as necessidades comunitárias. Tais desconsiderações colaboraram para uma interpretação limitada do Esporte, e conseqüentemente para o seu descarte como agente formador do indivíduo e do cidadão. Essa interpretação leva à visualização do Esporte apenas na perspectiva de rendimento, portanto privilégio de uma minoria talentosa de indivíduos. Diante disso, alguns profissionais não vêem o por quê da prática do Esporte na Escola, descartam-no e desconsideram-no enquanto um dos principais fenômenos sócio-culturais. Pode-se dizer

que isso tem colaborado para dificultar a democratização de sua prática nas aulas de Educação Física. Tubino nos diz: “[...] enquanto nas escolas, todos os problemas do processo educacional acrescidos da falta de percepção do papel que o Esporte pode exercer, serão os obstáculos para a utilização deste fenômeno no fortalecimento democrático.”¹²⁴

O público participante do mundo do Esporte o vivencia estabelecendo relações através de experiências diferenciadas, bem como difere também necessidades, expectativas e oportunidades. A população escolar faz parte do público (sociedade) que vivencia e consome o Esporte, como praticantes e/ou espectadores, pela sua espetacularidade exerce um fascínio sobre as pessoas, que são atraídas das mais diferentes formas ao consumo de eventos esportivos.

A modernização dos meios de comunicação possibilita que hoje os indivíduos tenham acesso a um maior número de informações, numa velocidade também maior. Tal fato, colaborou e colabora para transformações sociais significativas relacionadas a preferências, necessidades e expectativas, que devem ser consideradas no tratamento das questões relacionadas à seleção dos conteúdos da Educação Física Escolar a serem transmitidos para os alunos.

O aluno é influenciado e motivado pelos meios de comunicação à prática do Esporte. Por outro lado, é cerceado pelas limitações impostas pela prática pedagógica adotada pelo professor, que nas aulas visa à execução correta dos gestos ou movimentos específicos para a prática do Esporte que ensina. O professor é também, muitas vezes, influenciado pelos meios de comunicação, cobrando de seus alunos as performances

¹²⁴ TUBINO. Dimensões sociais do esporte. p. 24.

divulgadas e mercantilizadas, onde ele tenta transferir o Esporte ideal praticado, para o seu cotidiano pedagógico escolar.

O Esporte rendimento veiculado pelos meios de comunicação e fomentado pela indústria chega à escola, o campo esportivo se insere no educacional. A Educação Física Escolar através de sua prática pedagógica cotidiana, colabora enfatizando algumas modalidades esportivas. O Esporte tornou-se sinônimo de Educação Física na escola. Os alunos querem o Esporte, o professor prioriza-o enquanto conteúdo, então, por que temos cada vez menos praticantes do Esporte na escola?

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE 1o GRAU

3.1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O DISCURSO E O COTIDIANO

Percebe-se algumas questões, preocupantes, relacionadas à Educação Física Escolar, as quais estão mais próximas, àquela que vivencia-se no Estado do Paraná, particularmente em algumas Escolas Públicas da cidade de Ponta Grossa, o universo onde se atua

Observa-se que pouca coisa tem mudado, na prática cotidiana da Educação Física Escolar, embora existam propostas documentadas (1990-1994), para as escolas públicas. Para abordar sobre essas questões contraditórias, necessita-se de forma sucinta, falar-se sobre as mesmas.

O Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná foi resultado de um trabalho desencadeado a partir de 1987, o qual envolveu educadores das escolas, das equipes de ensino, dos Núcleos Regionais e a equipe do Departamento de Ensino do 1º grau da Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

O Currículo Básico foi publicado e implantado em 1990, pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, sendo amplamente divulgado, houveram vários cursos objetivando a atualização dos professores da rede pública, sob a coordenação da referida Secretaria.

O principal objetivo da proposta em questão, foi a reestruturação curricular do período pré-escolar à 8ª série do 1º grau das Escolas Públicas do Estado do Paraná. A Educação Física e as demais disciplinas foram consideradas e estruturadas a partir dos princípios progressistas, expressados pela Pedagogia Crítico-social dos conteúdos e discutidas dentro da tendência Histórico-Crítica, sendo também assim seus conteúdos perspectivados.

A intenção do Estado do Paraná ao elaborar e implantar a proposta do Currículo Básico caracteriza um momento significativo, ao estruturar a Educação para as escolas de 1º grau, tendo como base a referida pedagogia e tendência, demonstrando um certo avanço na elaboração das propostas curriculares para as escolas públicas. Assim, “[...] a formulação do Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná, publicado em 1990 constitui-se numa

importante contribuição, no sentido de fundamentar a Educação Física Escolar por meio de uma abordagem progressista.”¹²⁵

Como conteúdos para a Educação Física, do período pré-escolar à 4ª série, são enfatizados que os mesmos sejam abordados tendo como eixos norteadores: a dança, a ginástica e os jogos, sendo estes subdivididos. Para a fase escolar seguinte, de 5ª a 8ª série, além desses, o Esporte é incluído.

Nos anos subsequentes, a Secretaria reeditou o Currículo Básico e sua única alteração foi a inclusão do Ensino Religioso a partir de 1992. Mais recentemente, 1994, foi publicado o Caderno do Ensino Fundamental nº 7 - Educação Física uma proposta atual para 5ª a 8ª série, o qual faz parte de uma coleção com vários números, abrangendo todas as disciplinas que fazem parte do currículo de 1º grau.

Tal proposta tem seus princípios consonantes com aqueles instituídos pela anterior de 1990. Evidencia-se que não visa conceber, nem impulsionar o ensino da Educação Física como prática recreacionista e desportiva, ou como atividade complementar do currículo. O objetivo de tal proposta curricular “[...] é tornar o educando sujeito do entendimento e, ao mesmo tempo, participante nos movimentos que o envolvem, no conjunto das relações sociais e históricas que acontecem no seio da coletividade.”¹²⁶

¹²⁵ VALENTINI, Luciane Regina. A relação entre Sociedade, Educação e Educação Física: Uma contribuição a reestruturação curricular na Escola Pública. Monografia de Especialização. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, 1993. p. 81.

¹²⁶ ALVES, Carlos Alberto Rodrigues. Coleção cadernos do ensino fundamental, nº 7-Educação Física, uma proposta atual para 5ª a 8ª série. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Educação, 1994. p. 5.

Os conteúdos explicitados são os constantes no Currículo Básico (dança, ginástica, jogo e Esporte) dizendo terem sido estes pesquisados e aprofundados. São apresentados em forma de sugestões para o planejamento.

Na seqüência da proposta, são dados “exemplos práticos de aulas”, obedecendo a divisão por série, 5ª e 6ª e depois 7ª e 8ª séries, dando como exemplo um tema maior (esporte) e um das subdivisões (voleibol) para cada aula exemplificada, sendo descritas passo a passo.

O encaminhamento metodológico da proposta tem como base a Pedagogia Histórico-crítica. Justifica-se o porquê de serem dados exemplos de aulas ao professor, tenta-se esclarecer e fundamentar a pedagogia adotada. Há referência de que a proposta em questão “[...] pretende oportunizar ao professor de Educação Física a tradução metodológica do Currículo básico [...]”¹²⁷

Apesar de existir um currículo enquanto proposta documentada, a Secretaria de Educação, não fornece algumas das condições básicas, para a efetivação no que se refere à Educação Física Escolar, na medida em que, não há contratação de profissionais de Educação Física para ministrar aulas na fase pré-escolar, e de 1ª à 4ª série. As iniciativas são muito tímidas. Portanto o discurso é um e a realidade é outra.

Apenas em 1993, foi anunciada pela Secretaria, uma pequena possibilidade de mudança para a Educação Física, de 1ª à 4ª série. É possível verificar-se através da publicação, em 29 de novembro de 1993, da Resolução nº 6.342/93 onde o Secretário de

¹²⁷ TOLKMITT, Valda M. In. Coleção cadernos do ensino fundamental, nº 7-Educação Física, uma proposta atual para 5ª a 8ª série. p. 17.

Estado da Educação, no uso de suas atribuições considera: “[...] a necessidade de dar continuidade à reorganização da escola pública paranaense, iniciada em 1988 com o CBA, num ‘continuum’ de 02 anos;[...]” determina e resolve:

Art. 1º - Implantar a partir de 01 de fevereiro de 1994, o Ciclo Básico de Alfabetização de quatro anos nos estabelecimentos de ensino de 1º grau da Rede Estadual que ofertam as séries iniciais de 1º grau.

Parágrafo Único - A implantação referida no caput deste artigo compreende:
em 1994 - implantação nas escolas que comprovarem as condições exigidas;
em 1995 - extensão da implantação nas escolas que manifestarem interesses;
em 1996 - implantação em todas as escolas estaduais.[...]

Art. 4º - Os pressupostos teóricos metodológicos estão contemplados no Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná, aprovado pela Deliberação nº 025/90-CEE-PR.

Art. 9º - As turmas do CBA terão direito a professores regentes de Educação Física e Educação Artística.[...] ¹²⁸

Constata-se que com a implantação do CBA (Ciclo Básico de Alfabetização), a escola passa a ter um professor de Educação Física para ministrar aulas para as crianças de 1ª à 4ª série. A pré-escola é ignorada, embora no Currículo Básico de 1990, sejam sugeridos e listados conteúdos para serem desenvolvidos nesta fase.

O número de escolas, em Ponta Grossa, que adotaram o CBA a partir de 1994 é insignificante, portanto conclui-se que as demais não têm professor de Educação Física.

Diante disso, considera-se a não existência da Educação Física no período pré-escolar ; e nas quatro primeiras séries do 1º grau ela é quase inexistente. A criança não tem uma vivência de movimentos no sentido de desenvolver suas habilidades motoras e a Educação Física deixa uma lacuna difícil de ser preenchida, pois a criança deixa de

¹²⁸ PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. Resolução nº 6.342/93. Curitiba, PR: SEED, 1993. p. 1-3.

vivenciar experiências motoras que seriam fundamentais no auxílio do seu desenvolvimento integral. Freire fala da importância da Educação Física nessa fase escolar e posiciona-se dizendo;

Ao situar nosso enfoque em crianças de escola de 1º grau, estamos tratando de um universo em que os atos motores são indispensáveis, não só na relação com o mundo (nesse aspecto, serão sempre indispensáveis), mas também na **compreensão** dessas relações. Por um lado, temos a atividade simbólica, isto é, as representações mentais (a atividade mais solicitada pela escola); por outro, temos o mundo concreto, real, com o qual se relaciona o sujeito. Ligando-os, está a atividade corporal. Não se passa do mundo concreto à representação mental senão por intermédio da ação corporal. A criança transforma em símbolos aquilo que pode experienciar corporalmente: o que ela vê, cheira, pega, chuta, aquilo de que corre e assim por diante. Assusta-me ver crianças sentadas durante horas em um banco escolar, falando de coisas como ‘dois mais dois’, ‘o menino viu a vaca’, que podem não passar de sinais gráficos ou sonoros, desvinculados da atual realidade delas.¹²⁹

Na realidade cotidiana da primeira fase do 1º grau, o que se tem e é denominado “aula de Educação Física”, são algumas atividades desenvolvidas de forma aleatória, quando o são, pela professora regente de classe que apesar de, muitas vezes fazer um grande esforço, não tem o conhecimento necessário para tal. Assim, a criança num dos períodos mais importantes de seu desenvolvimento, dos 7 aos 10 anos, é confinada aos bancos escolares e à imobilidade, resta-lhes apenas o recreio.

A fase em que a criança mais tem necessidade de movimento, para conhecer a si própria, o meio em que vive e relacionar-se com os outros, é condicionada, através da maioria das atividades escolares, à imobilidade verbal e motora (ficar imóvel na carteira, ficar na fila, falar quando e o que for permitido...). A escola de hoje ainda conserva muitos

procedimentos medievais, sendo talvez a aula de Educação Física a única que pode perspectivar situações de aprendizagem diferenciadas das demais.

Existe um rico e vasto mundo de cultura infantil repleto de movimentos, de jogos, da fantasia, quase sempre ignorado pelas instituições de ensino. Pelo menos até a 4ª série do 1º grau, a escola conta com alunos cuja maior especialidade é brincar. É uma pena que esse enorme conhecimento não seja aproveitado como conteúdo escolar. Nem a Educação Física, enquanto disciplina do currículo que deveria ser especialista em atividades lúdicas e em cultura infantil, leva isso em conta.¹³⁰

Com a publicação da Resolução nº 6342/93 e daquilo que ela estabelece, há possibilidades da Educação Física Escolar, 1ª à 4ª série, começar a trilhar seus caminhos, porém há necessidade de sua reformulação, no sentido do atendimento da fase pré-escolar.

Acredita-se que para desenvolver um trabalho consciente e competente na Educação Física Escolar é preciso, não só proporcionar atividades e exercícios para os alunos movimentarem-se, mas é fundamental ter-se conhecimento científico, saber o que e para que se está ensinando e se os alunos estão realmente aprendendo alguma coisa. Dar “aulas” sem fundamentação é “picaretagem”, é não se ter compromisso enquanto educador. Concorda-se com Freire quando diz;

[...] não acredito numa aprendizagem que não seja significativa, isto é, que não esteja vinculada ao contexto concreto da vida das crianças, de sua cultura, de sua sociedade.

¹²⁹ FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. op. cit., p. 81.

¹³⁰ Ibidem, p. 13.

[...], porque creio que a Educação Física deve ser uma área de promoção humana. Ser humano é mais que movimentar-se, repito; é estabelecer relações com o mundo de tal maneira que se passe do instutivo ao cultural, da necessidade à liberdade, do fazer ao compreender, do sensível à consciência.¹³¹

Foi necessário abordar-se sobre algumas questões relacionadas à Educação Física, no período pré-escolar e de 1ª à 4ª série, para se discutir outras, que estão relacionadas com estas e apresentam-se na fase escolar seguinte, 5ª à 8ª série.

Observa-se que tais questões dimensionam-se tornando-se mais complexas, pois, a criança de pré-escola e 1ª à 4ª série que não tinha aula de Educação Física, no período seguinte do processo escolar, onde poderia ter as primeiras experiências motoras, é excluída ou exclui-se. Continua, portanto, não tendo acesso às aulas de Educação Física. Aquela minoria que participam das aulas, vivenciam uma prática padronizada e limitada, nas quais suas diferenças individuais, expectativas e processo de desenvolvimento não são considerados pelo professor no processo “ensino aprendizagem”. Moreira constata e afirma;

Foi possível identificar com clareza que o Professor de Educação Física mantém relações autoritárias e formais com os alunos; explicita a aula como sinônimo de cumprimento mecânico e rigoroso dos exercícios; transmite o conteúdo da Educação Física como um produto acabado, adquirido através da ordem estabelecida e não enquanto a um processo a ser descoberto, desenvolvido e, finalmente, a Educação Física é simbolizada pela uniformidade no ritmo e na realização dos exercícios.¹³²

¹³¹ Ibidem, p. 147.

¹³² MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física Escolar: a busca da relevância. In PICCOLO (org.). Educação Física Escolar: ser...ou não ter ?. Campinas, SP: UNICAMP, 1993. p. 17.

O aluno não é motivado a construir o conhecimento através de situações problemas e/ou lúdicas (construtivismo), mas apenas é condicionado a repetir aquilo que o professor determina e demonstra (empirismo). Ou então, o outro extremo, ter que “jogar” sem entender e dominar os movimentos básicos do Esporte (inatismo). O professor necessita aprender a lidar com os conteúdos (metodologia), e para isso é preciso conhecimento do que e para que se faz (embasamento científico).

A forma como a Educação Física vem sendo ministrada pela maioria dos professores nas escolas, com predominância do Esporte numa visão reducionista de rendimento, colabora para que ela seja cada vez mais desnecessária. Se a atual metodologia “funcionasse”, teríamos grandes equipes. A maioria das crianças e jovens seriam atletas e o Esporte seria significativo na Escola Pública. No entanto, observar-se o contrário, número reduzido de equipes e portanto de atletas (crianças envolvidas) ou quando sequer existem tais equipes. Dessa forma nem o Esporte acabará sobrevivendo na escola. “É necessário que recuperemos o valor do ‘Homo ludens’ para a Educação Física, deixando para um segundo plano a técnica, o ritmo e o rendimento produtivo, características do ‘Homo faber’.”¹³³

Pode-se, principalmente nas 5^a e 6^a séries, através de situações pedagógicas com características lúdicas, resgatar-se em parte o que deveria ter sido ministrado no ensino da Educação Física de 1^a a 4^a séries. A criança na 5^a série tem a prontidão (idade biológica),

¹³³ Idem, op.cit., p. 18.

mas não tem os pré-requisitos necessários para a prática do Esporte, isto é, faltou a vivência corporal motora.

A aula de Educação Física para ser motivante e agradável para a criança, 5ª e 6ª série, precisa ter características lúdicas, pois o prazer e o brincar são alguns componentes naturais do mundo infantil. O Esporte pode e deve ser ensinado. Faz parte do cotidiano do aluno, que muitas vezes aspira ao conhecimento de sua técnica, 7ª e 8ª série, devendo ser viabilizado nas aulas de Educação Física Escolar.

A prática pedagógica da Educação Física para ter significância e sentido na escola, deve possibilitar, através do movimento, o desenvolvimento global da criança. É necessário ter-se conhecimento das fases de seu desenvolvimento, considerar-se suas características e limitações, assim como seu contexto sócio-cultural, para então, estabelecer-se objetivos no sentido de garantir que todas tenham acesso e permanência a uma Educação Física de qualidade.

Santin¹³⁴ diz que a Educação Física age sobre o corpo em nome do princípio da utilidade. Pensa apenas no uso do corpo e que, atualmente esse uso está exclusivamente voltado para as práticas esportivas.

O aluno (corpo objeto), enquanto executor dessas práticas esportivas na escola, é por um lado influenciado e de certa forma motivado, por esses meios de comunicação (identificação com ídolos) a praticá-las. Por outro, é cerceado pelas limitações impostas pela prática pedagógica adotada pelo professor, que nas aulas visa, na maioria das vezes, à

¹³⁴ SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. In MOREIRA (org.). Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

execução correta dos gestos ou movimentos específicos, para a prática do Esporte que ensina. O professor de Educação Física, muitas vezes, sofre as influências dos meios de comunicação, que veicula modelos de performances esportivas, e cria expectativas em relação aos movimentos que os alunos executarão, dessa forma o Esporte nas aulas de Educação Física acaba sendo tematizado tendo como referencial o Esporte performance ou de rendimento.

Percebe-se que nas aulas de Educação Física, o aluno não tem muitas opções; ou executa corretamente os movimentos, para poder ter acesso à participação das aulas, ou então é excluído.

Muitas vezes, o aluno se exclui, por se sentir inapto, frustrado e incapaz, perante os demais que conseguem realizar tais movimentos esportivos, tidos na concepção do professor como “corretos”.

Santin cita: “Duas grandes áreas estão diretamente vinculadas às questões da corporeidade por seu compromisso com a manipulação dos corpos humanos. A primeira dessas grandes áreas é formada pelas ciências da saúde [...] A segunda é constituída pelo conjunto de atividades que engloba a Educação Física e por todas as práticas esportivas.”¹³⁵

Através das aulas de Educação Física na escola, os corpos dos alunos são manipulados, enfatizando-se como conteúdo o Esporte, que é um fim e não um meio, quando deveria ser o contrário. O aluno é visualizado enquanto apenas executor de

¹³⁵ Idem, op. cit., p. 62.

movimentos esportivos, o que interessa é o quanto o seu corpo produz. "O aluno deverá aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles."¹³⁶

A Educação Física, enquanto disciplina, é desenvolvida na maioria das escolas, objetivando a prática do Esporte, sendo privilégio de uma minoria de alunos bem dotados, habilidosos, aptos e capazes. Esse tipo de prática pedagógica adotada pelo professor, tem como um dos objetivos, a competição. O aluno é mero executor de movimentos, a Educação Física torna-se alienante, a finalidade maior é a de domesticar os corpos, de preferência só os corpos habilidosos e aptos. "Nos esportes, também, não se pensa em cultivar o corpo, mas em treiná-lo e automatizá-lo para que possa obter o máximo de rendimento. [...] Mais uma vez constata-se que somente é possível fazer isso com corpos disciplinados, fortes, resistentes, sadios e jovens. Os outros corpos não interessam."¹³⁷

O Esporte, enquanto conteúdo, é transmitido e assimilado mecanicamente em partes, de forma repetitiva, tornando as aulas cansativas ou como diriam as crianças uma "chatice". Só se pensa no final, no produto. Não se vivencia o dia a dia, o concreto e as experiências corporais são limitadas e condicionadas.

Os mesmos alunos, que de início não viam a hora de chegar a aula de Educação Física, começam a arranjar desculpas e usar artifícios para dela escaparem. Aqueles que queriam "jogar", pois brincar e jogar para a criança são quase sinônimos, dão prazer. São atividades alegres e descontraídas. Aquilo que seria prazeroso, torna-se enfadonho. As

¹³⁶ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979. p. 150.

¹³⁷ Silvino SANTIN, op. cit., p. 66.

aulas que os alunos desejam, na realidade cotidiana, tornam-se decepcionantes e frustrantes.

Constata-se assim que o lúdico está bem longe da prática do Esporte escolar. Os alunos não jogam juntos e os poucos que têm esse privilégio, jogam uns contra os outros, até mesmo quando fazem parte da mesma equipe. A oposição é mais acentuada do que a cooperação. Aos não privilegiados, excluídos, lhes é permitido no máximo assistirem, como meros espectadores da atividade que deveriam estar vivenciando.

Os alunos (corpo-objeto) privilegiados que participam das aulas, são manipulados, modelados e treinados. O professor demonstra e determina, o aluno apenas executa, de preferência corretamente. “Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente.”¹³⁸

O professor adota uma atitude de dominador do saber e conseqüentemente domina os corpos dos alunos, que revelam através dos movimentos que executam, numa manifestação concreta, a denúncia do menosprezo no processo ensino-aprendizagem, do aluno enquanto ser um corpo. “O treinamento dos escolares deve ser feito da mesma maneira; poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais-sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre [...]”¹³⁹

Os corpos revelam a situação de dominado e dominante. Essas questões corporais devem ser pelo educador, analisadas e questionadas. O corpo é a manifestação concreta do homem enquanto ser neste mundo. Através dele aprende-se, relaciona-se e expressa-se.

¹³⁸ Ibidem, p. 139.

¹³⁹ Ibidem, p. 149.

Nas aulas de Educação Física Escolar, o Esporte rendimento deveria dar lugar ao jogo que o aluno deseja. A disciplina imposta deveria ser banida, dando lugar a indagações, espontaneidade e criatividade, o lúdico ao invés da técnica. Oportunizaria assim, a participação da maioria, estabelecendo uma “ponte” entre o jogo lúdico e o Esporte rendimento, para dessa maioria surgir talvez atletas, mas que seja por opção do aluno, não por condicionamento através da prática pedagógica do professor.

Não se pode negar o valor do Esporte, bem como a influência que exerce em nossa sociedade. Mas na escola, o professor ao tematizá-lo no sentido de resgatar o seu valor educativo, deveria principalmente oportunizar a participação de todos. Ser essencialmente lúdico, dar lugar à espontaneidade e criatividade, permitir alterações e adaptações nas suas regras, respeitando as limitações dos praticantes, despertando assim o gosto e o interesse pela sua prática constante.

3.2. O REPENSAR DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Não é de hoje que o pensar sempre esteve evidenciado em relação ao corpo, tornando-o um subordinado. Visualiza-se predominantemente um corpo na perspectiva do ideal e não do real. “A Educação Física prestou-se para garantir essa inferioridade corpórea em nossa tradição antropológica que, no fundo, é a história da alma, da consciência ou da razão, nunca a história dos corpos.”¹⁴⁰

¹⁴⁰ Silvino SANTIN, op. cit., p. 54.

O corpo, hoje na escola, é um meio para se atingir alguma coisa (melhores resultados, maior rendimento, competição...) não é vivenciado, mas idealizado, na escola o aluno não precisa e nem deve questionar, mas assimilar e executar.

Há uma necessidade emergencial do aluno deixar de ser corpo-objeto para ser corpo-vivido, corpo-sujeito, pois o saber só é possível na perspectiva do corpo, vivenciado, experimentando, construindo situações diferenciadas. A Pedagogia do movimento existente é hegemônica, precisa ser transformada e diversificada. “Se analisarmos as aulas de Educação Física onde o Esporte escolar é iniciado e desenvolvido, veremos que a idéia da aprendizagem do Esporte enquanto aprendizagem das técnicas esportivas, predomina. Isto porque, para a competição, na verdade, é isto que conta.”¹⁴¹

Como o aluno pode vivenciar, experimentar, questionar e transformar ? Se nas aulas das quais participa, ele só repete o que o professor determina, executa movimentos na perspectiva de um corpo que não é o seu (corpo-idealizado)? Muitas vezes não sabe nem para que servem, as aulas são sempre as mesmas, sendo rotulados e discriminados.

Que discrepância esta disciplina, denominada “Educação Física”, muitas vezes deixa de lado aqueles que mais dela precisam; os que não têm coordenação, ritmo, habilidades, os rotulados, os que “não levam jeito”.

Hoje teoriza-se a questão da corporeidade, mas na prática escolar cotidiana têm-se as mesmas aulas. O desafio é conseguir pôr em prática o discurso proclamado.

¹⁴¹ Valter BRACHT, op. cit., p. 63.

Na Educação, quer-se modificar o “status quo”, ir-se adiante, tem-se que ousar, experimentar, tentar caminhos diferentes, encarar novos desafios, novas situações. De nada adianta ficar teorizando, quando se tem medo de colocar em prática o discurso proclamado. O Educador deve ser sempre inconformado, audacioso, compromissado com a prática cotidiana, pedagógica e politicamente. “O mundo já não é mais estável. Clama por mudanças. E as mudanças só os homens podem fazê-las.”¹⁴²

Caminhar sempre, buscar, estar disponível para conhecer, conferir, saber mais. Tem-se que acompanhar a evolução das coisas e do mundo, não há lógica teorizar um futuro e realizar a prática baseando-se num passado tão velho e conhecido por todos. “O já conhecido pode ser confortável, como um chinelo velho. [...] Serve pra descansar. Não pra caminhar.”¹⁴³

As aulas de Educação Física na escola, hoje, não podem mais ser iguais àquelas praticadas segundo normas de décadas atrás. A sociedade mudou, as crianças e jovens são outros, de outra época. Enquanto educador tem-se obrigação de acompanhar o processo, senão certamente ficará falando sozinho.

Tudo o que já é por demais conhecido, é cansativo, enfadonho, perde o encanto, não há mais curiosidade, motivação, levando conseqüentemente ao desinteresse, tornando-se penoso repetir.

As crianças e jovens necessitam de aulas de Educação Física que permitam práticas alternativas, opções de movimentos, variabilidade de atividades, oportunidades para

¹⁴² MEDINA, João Paulo Subirá. O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1990. p. 60.

¹⁴³ ABRAMOVICH, Fanny. O professor Não Duvida! Duvida?. São Paulo, SP: Summus, 1990. p. 95.

criarem, expressarem-se, participarem efetivamente, construindo também a prática. O educando deve vivenciar, fazer parte do processo.

Deve-se ter, enquanto educador, claramente definido, que tipo de cidadão pretende-se formar na escola. Qual a sociedade que se necessita e se almeja?

Têm-se dois caminhos através da prática pedagógica: colaborar na formação de alunos participativos, criativos, críticos, audaciosos, inconformados; ou então passivos, limitados, acríticos, medrosos, alienados e conformados. É emergencial que haja um redimensionamento da prática que se efetiva hoje, para isso é necessário ousar, ir adiante, inconformar-se, buscar novos rumos, para que a Educação Física e o Esporte, tenham realmente significância na escola.

3.3. A DEMOCRATIZAÇÃO NO ENSINO DO ESPORTE NA ESCOLA PÚBLICA¹⁴⁴

O Esporte é tema central de muitas questões que são discutidas academicamente, entre as quais destaca-se algumas relacionadas à Educação Física Escolar, como sua validade enquanto conteúdo predominante na escola, e sua ampla veiculação pelos meios de comunicação.

Na escola a prática da Educação Física é caracterizada pela predominância do Esporte. A aula é onde o aluno, 5^a à 8^a série, vivencia os primeiros contatos com os

fundamentos esportivos. Essa iniciação nem sempre corresponde às suas necessidades, interesses e expectativas.

Da mesma forma que se reconhece a importância da prática do Esporte na escola, sabe-se que existem momentos diferentes para que ela se efetive. Tais momentos seriam: as aulas de Educação Física e os treinamentos esportivos, onde o ensino do Esporte teria objetivos diferenciados, assim como, os procedimentos e a metodologia utilizadas pelo professor.

O Esporte nas aulas de Educação Física, principalmente na 5ª e 6ª série, teria algumas das características mais próximas do jogo, das quais nos fala Huizinga:

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes.¹⁴⁵(os grifos são nossos).

¹⁴⁴ Parte deste tópico do trabalho foi elaborado tendo como referência o texto de nossa autoria, intitulado “Algumas reflexões sobre o ritmo dos movimentos do homem”, apresentado durante o I Encontro de História da Educação Física e do Esporte. In: Coletânea. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 1993. p. 40-46.

¹⁴⁵ HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo, SP: Perspectiva, 1980. p. 16.

Sabe-se que jogo e Esporte são objetos diferentes mas, é possível ver-se elementos no jogo, de que nos fala Huizinga, que de certa forma aproxima com os do Esporte. Tais como:

1- o jogo tem por natureza um ambiente instável, os movimentos esportivos são realizados em ambientes padronizados mas, são adaptados conforme a situação que o jogador enfrenta.

2- o jogo tem poder de absorver o jogador a qualquer momento, assim como o Esporte.

3- o jogo se apresenta como um intervalo na vida cotidiana, o Esporte não deixa de ser um intervalo na vida do praticante e/ou espectador, principalmente ao apreciar os espetáculos esportivos.

4- o jogo exerce sobre as pessoas um feitiço, é “fascinante” e “cativante”, assim como o Esporte enquanto prática ou espetáculo.

5- o jogo possui duas qualidades mais nobres, o ritmo e a harmonia, as quais também o Esporte possui, embora sejam diferentes na sua intensidade e forma.

6- o jogo cria e é ordem, estabelece regras, o Esporte as possui de forma institucionalizada.

7- as regras de todo jogo são absolutas e não permitem discussão, no Esporte devem ser obedecidas e seguidas.

8- são duas as funções do jogo, uma luta por alguma coisa e a representação de alguma coisa. No Esporte se tem objetivos definidos e ele possui sempre um significado.

9- existe uma identidade entre jogo e competição, assim como existe entre Esporte e competição.

10- a vitória e o prêmio estão relacionados e são presentes tanto no jogo como no Esporte, tendo talvez significados diferentes.

11- as comunidades de jogadores geralmente tendem a tornar-se permanentes, mesmo depois de acabado o jogo. A vivência com o mundo do Esporte, tanto como praticante e/ou espectador, estabelece inúmeras possibilidades de relações entre as mais diferentes pessoas.

Limitar-se apenas a essas aproximações entre jogo e Esporte já significa, no momento, ir-se um tanto quanto longe. Acredita-se que o jogo, com alguns de seus elementos e características, possa ser utilizado na tematização do Esporte na escola, entre eles: a ludicidade (esporte escolar lúdico), a alegria (esporte escolar alegre), o prazer (esporte escolar prazeroso), a competição (competir com o adversário/companheiro), a tensão (incerteza e solução difícil, mais competitivo e apaixonante). Na perspectiva de olhar-se o Esporte na escola para todos os alunos, utiliza-se das palavras de Huizinga e ousa-se dizer que “[...] não há nada que nos impeça de interpretar como jogo qualquer fenômeno cultural que se apresente como inteiramente sério.”¹⁴⁶

Os elementos presentes no jogo e no Esporte, por outras vezes, podem diferenciá-los, como as dimensões de tempo e ritmo que estabelecem movimentos de execução diferentes ao homem, dando uma conotação maior de ludicidade ao jogo e de rendimento

¹⁴⁶ Idem, op. cit., p. 212.

ao Esporte. Outros como as regras e a competição não só os diferencia, mas também os caracteriza, evidenciam-se algumas diferenças.

O jogo possibilita ao praticante um saber globalizado e diferenciado de competição. O ritmo de execução e as regras são estabelecidas pelos participantes, os movimentos são compatíveis e o ritmo natural, estando de acordo com as possibilidades de execução de cada um. A competição está presente no sentido de querer ou representar alguma coisa, obedecendo certas regras, mas o prazer, o divertimento e o brincar predominam.

A ordem, tensão, alegria, movimento, mudança, solenidade, ritmo e entusiasmo caracterizam o jogo no sentido lúdico, transferindo os participantes para um mundo diferente, caracterizando uma separação espacial em relação à vida cotidiana. É reservado a ele, quer material ou idealmente, um espaço fechado e isolado do ambiente cotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade.

O Esporte possibilita ao praticante um saber parcializado e especializado, tendo que se adaptar ao ritmo próprio de cada modalidade esportiva e de seus movimentos específicos. O ritmo é crescente, construído e desenvolvido de acordo com as necessidades que forem sendo exigidas, buscando a performance do praticante. As regras são universais e rígidas, devendo ser cumpridas não oferecendo possibilidades de mudanças. A competição tem por objetivo maior a vitória, o vencedor é valorizado e o perdedor muitas vezes ignorado.

Algumas características são predominantes no Esporte, como a ordem, tensão, alegria, movimentos e ritmos específicos. O prazer está presente principalmente quando o

praticante consegue realizar os movimentos dentro do padrão esperado, objetivando a vitória. O Esporte é fascinante tanto para quem pratica como para quem assiste, transferindo as pessoas para um mundo próprio, o esportivo, mesmo que seja durante o jogo.

O jogo praticado em séculos anteriores, veio sofrendo transformações, surgindo o Esporte moderno, vivenciado e consumido por todos, gerando a indústria do Esporte. No dia a dia, pode-se observar a dimensão e o crescimento tanto de um quanto de outro, pois estão inter-relacionados. Descobriu-se o fascínio que ele exerce nas pessoas. A indústria do Esporte incentiva cada vez mais a sua prática aliada ao rendimento, pois isto é sinônimo de lucro. Quanto mais atletas de alto nível, maior o poder do espetáculo esportivo e o número de espectadores/consumidores, aumentando conseqüentemente o resultado financeiro.

Há toda uma gama de produtos que são mercantilizados, alguns relacionados com o mundo esportivo outros não. O que interessa é o quanto e não o que se vende, é a explosão econômica. Descobriu-se a imagem do atleta/ídolo como uma máquina de fazer dinheiro, utilizam e a exploram-na (indústria) e todos “ganham”.

O Esporte exerce um fascínio sobre o espectador, o jogo torna-se espetáculo, o público colabora para surgir o ídolo, que para o patrocinador (indústria) é sinônimo de lucro. O público antes consumidor do espetáculo esportivo, passa a ser consumidor também dos produtos que o ídolo e o Esporte vendem (indústria do Esporte). Todo este processo reflete na escola, influenciando crianças e jovens, que não querem apenas jogar

como seus ídolos, mas também usar o tênis, bola, meias, agasalhos...da mesma marca que “ele” usa. Tentam imitar os gestos esportivos, maneira de ser em quadra, corte de cabelo...é o sonho de ser como “ele”, idolatrado. O atleta/ídolo e os objetos que usa passam a ter quase a mesma importância para o aluno (espectador/consumidor). Tais fatos revelam o poder e a influência que o Esporte moderno aliado à indústria e aos meios de comunicação, exercem na escola, influenciando e alterando o comportamento dos alunos.

O campo esportivo se insere no educacional, invadindo os muros da escola, ficando a Educação Física como intermediária entre eles. O professor, muitas vezes, não leva em consideração o conhecimento que o aluno adquire sobre Esporte através dos meios de comunicação, não aproveitando a motivação ofertada, para a prática esportiva escolar.

O movimento, enquanto ação motora, é o que caracteriza o jogo e o Esporte (escolar ou espetáculo), sendo diferenciados na sua dimensão não o sendo na sua essência. Treinando no clube, escola ou participando das aulas de Educação Física, o indivíduo está executando movimentos, que se diferenciam principalmente no seu ritmo.

Nas aulas de Educação Física, um grande número de crianças têm os primeiros contatos com os fundamentos esportivos. Essas experiências deveriam ser mais lúdicas, o jogo viabilizar divertimento e prazer, oportunizando a participação de todos.

Sempre haverá uma maior ou menor interferência do professor quanto ao ritmo de execução das atividades, porém podendo e devendo ser adequados, de forma que todos participem das aulas. O jogo possibilita adaptação das regras do Esporte e a participação de todos, facilitando a aprendizagem e motivando as crianças para a prática posterior das

modalidades esportivas. A iniciação aos movimentos esportivos pode ter características lúdicas. A aula de Educação Física pode e deve ser agradável para a criança. “Cagigal [...] afirma que o Esporte será tanto mais educativo quanto mais conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e seu poder de iniciativa.”¹⁴⁷

Nos treinamentos no clube ou na escola, a nível ou não de iniciação, o ritmo dos movimentos esportivos se altera, pois existe o objetivo de um aprimoramento das técnicas específicas do Esporte praticado. O técnico determina o ritmo, busca a performance, tendo os atletas (número reduzido) iniciantes ou não que se adequem a esse ritmo.

Hoje, o Esporte está presente na vida das pessoas (espectadores e/ou praticantes) e não podemos negá-lo, assim como não podemos negar as máquinas e a indústria (consumidores e/ou trabalhadores).

O valor educacional do Esporte é reconhecido por alguns e combatido por outros, dividindo a classe acadêmica e profissional. É desenvolvido na escola de forma predominante pelos profissionais da Educação Física, que parecem utilizar a mesma metodologia tanto nas aulas como nos treinos, estipulando o mesmo ritmo nos exercícios esportivos. O mal não está no Esporte e sim, no uso inadequado que o professor de Educação Física faz dele na escola, em relação aos objetivos e procedimentos de ensino. Moreira refere-se quanto a falta de estrutura e organicidade, na elaboração e aplicação dos programas de Educação Física Escolar dizendo;

¹⁴⁷ CAGIGAL, José Maria. Apud Valter BRACHT, op. cit., p. 81.

[...] todas as propostas curriculares na escola possuem seqüencialidade, dessa forma acompanhando o desenvolvimento da atividade curricular do aluno nas diversas séries. Em Educação Física isso não ocorre, pois o mesmo ‘conteúdo’, os mesmos ‘procedimentos de ensino’, os mesmos ‘objetivos’ propostos, são vivenciados por alunos de diferentes faixas etárias, de diferentes séries, de diferentes conhecimentos ou experiências nessa Disciplina curricular. Aí, um pensamento imediato: ou a Educação Física, ou os demais componentes curriculares, ou ambos, estão inadequados no que diz respeito a essa estrutura pedagógica do processo de aprendizagem.¹⁴⁸

Para os alunos a predominância de um conteúdo, quando se trata do Esporte, não os incomoda, muito pelo contrário, é aquilo que a maioria deseja. A influência que os meios de comunicação exercem sobre eles colabora para isso, sempre há uma modalidade esportiva pela qual eles gostam e se interessam mais, portanto não se pode tirar o Esporte da escola.

O Esporte invade a vida das pessoas todos os dias. Fazer de conta que isto não ocorre e/ou tentar expulsá-lo da escola, é ingênuo e inútil, seria o mesmo que voltarmos da máquina para a ferramenta e querer mover o mundo moderno com instrumentos que tiveram sua importância, mas que hoje são ultrapassados.

A Educação Física Escolar tem sido alvo de inúmeras críticas, principalmente, no que diz respeito à utilização do Esporte enquanto conteúdo. Ao Esporte são atribuídos vários “adjetivos”; alienante, elitista, competitivo, ópio do povo e outros. “[...] estas características que o Esporte escolar apresenta não são geradas no seio do próprio Esporte, e sim, são o reflexo mediatizado da estrutura social em que ele se realiza, [...]”¹⁴⁹

¹⁴⁸ MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física Escolar: a busca da relevância. p. 24.

¹⁴⁹ Valter BRACHT, op. cit., p. 64.

O Esporte e suas técnicas são desenvolvidos enquanto conteúdo como fim em si mesmo, havendo também uma exacerbação quanto ao espírito competitivo. Esses fatores levam a uma limitação pedagógica do Esporte. Há uma padronização dos movimentos esportivos executados pelas crianças ainda na sua fase inicial, levando as aulas de Educação Física a um processo seletivo. Moreira numa de suas pesquisas constata que: “As aulas de Educação Física nas escolas estruturam-se na prática esportiva com características de: um esporte competitivo, determinado pela obediência fiel às leis que o regulamenta; um esporte competitivo onde há a ausência de cooperação e prevalência de individualismo; um esporte que visa a vitória, permitindo a exploração e até incentivando a idéia de tirar vantagem do mais fraco.”¹⁵⁰

Será que é possível perspectivar-se uma outra forma de trabalhar com o Esporte na escola?

A Educação Física Escolar deve e pode contribuir para a ampliação e democratização no ensino do Esporte, permitindo que a criança e o jovem vivencie corporalmente sua prática, de maneira criativa e expressiva e não apenas imitativa, onde prevaleça a cooperação ao individualismo. Que a vitória seja um dos objetivos, no sentido de desafio, onde as regras são respeitadas para o jogo não perder o encanto. Que o adversário seja visto como companheiro, pois sem ele não haveria o prazer de jogar, de desafiar.

Acredita-se que é possível o desenvolvimento do Esporte escolar levando em consideração esses elementos valorativos. O aluno poderá adquirir os conhecimentos

¹⁵⁰ MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física Escolar: a busca da relevância. p. 19.

básicos do Esporte tendo como referencial valores diferenciados daqueles que se observa hoje na prática pedagógica.

O saber inclui o compreender, o vivenciar, o trocar e adquirir experiências. Dessa forma o professor possibilitará uma educação esportiva para a maioria dos alunos, indo contra a elitização da prática do Esporte como ocorre atualmente. “Dizer simplesmente que o esporte serve à ideologia dominante, torna-se questionável. Embora admita-se o fato de ser possível, o esporte suplanta esses interesses, possui o seu próprio mundo, qualidades, influência cultural, educacional e política, entre outros. Ocupa lugar privilegiado na sociedade e há muito a civilização atribui virtudes a esse fenômeno.”¹⁵¹

Os conteúdos esportivos desenvolvidos nas aulas de Educação Física Escolar deveriam ser caracterizados mais pelo tempo cíclico, que está relacionado com o da festa e do jogo, propiciando uma iniciação esportiva lúdica às crianças.

Huizinga diz que há relações estreitas entre festa e jogo. Entre elas cita a eliminação da vida cotidiana, a predominância da alegria, a limitação no tempo e no espaço e a combinação de regras estritas e liberdade.¹⁵²

No jogo o tempo é mais cíclico, da festa, do divertimento, da alegria e do prazer. Pode-se ter também essas características nas aulas de Educação Física, que já possuem algumas que lhe dão uma conotação diferenciada das demais. Os alunos movimentam-se o tempo todo, a postura do professor é mais descontraída, fica junto dos alunos e mais próximo. As atividades desenvolvidas têm conotações de aprendizagem diferenciadas;

¹⁵¹ Paulo Cesar MONTAGNER, op. cit., p. 80.

¹⁵² Johan HUIZINGA, op. cit., p. 25.

aquilo que o professor ensina e demonstra, o aluno experimenta corporalmente através de tentativas.

O trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor nas aulas de Educação Física, 5ª e 6ª série, pode ter características lúdicas. A aula pode e deve ser extremamente agradável e motivante para a criança e o jovem, possibilitando a intermediação pela Educação Física entre o Esporte e a escola. “[...] o momento em que deixarmos de super-valorizar as regras regulativas, constitutivas e técnicas do esporte, ou seja, o jogar como ação respectiva a trabalho, estamos subtraindo a característica mais acentuada do esporte moderno e recuperando, parcialmente, o jogo.”¹⁵³

A Educação Física Escolar deve atender também os alunos que desejam aprender a técnica do Esporte, principalmente aqueles que se encontram numa faixa etária maior, 7ª e 8ª série. Para esses alunos muitas vezes só o aspecto lúdico no Esporte não é suficiente, desejam mais, aprender sua técnica. Não queremos com isso dizer que tal aprendizagem tenha que ser sofrida ou penosa, muito pelo contrário, seu processo pode se dar de forma mais prazerosa e lúdica.

Como já foi discutido, a prática e o aprendizado do Esporte no clube sócio-esportivo para as classes de menor poder aquisitivo é praticamente inexistente, visto que, a frequência em tal instituição caracteriza-se pelo associacionismo e, o aspecto sócio-econômico está diretamente implicado.

Os programas e projetos esportivos públicos apresentam propostas com horizontes limitados relacionadas ao Esporte, na medida em que, não visam o ensino da sua técnica e,

¹⁵³ Valter BRACHT, op. cit., p. 81.

a qualidade dos equipamentos, bem como, os conhecimentos transmitidos pelos professores deixam a desejar. Os jovens que muitas vezes são atraídos pelo sonho de ascensão social através do Esporte, se decepcionam, pois não encontram o conhecimento da técnica que buscam.

A capacidade de mobilização desses programas esportivos, está relacionada com o sonho dos jovens de serem talvez um astro do Esporte. A história dos astros do futebol brasileiro serve como modelo para ascensão na carreira esportiva, dando credibilidade aos projetos que é realimentado como algo passível de acontecer.¹⁵⁴

Não caberia à escola também propiciar o ensino da técnica do Esporte?

Na escola pode-se ter num primeiro momento, nas aulas de Educação Física nas 5ª e 6ª séries, o Esporte através de uma iniciação esportiva lúdica. Num segundo momento o ensino básico de sua técnica nas 7ª e 8ª séries. A escola pode oferecer também treinamentos de várias modalidades esportivas, fora do horário das aulas, sendo uma opção para aqueles alunos que desejam iniciar no Esporte na perspectiva de rendimento. Seria possível a Escola Pública ter também uma elite esportiva?

Na escola pode-se ter: o aluno e o atleta, atividades esportivas lúdicas e o Esporte em momentos diferenciados. A aula de Educação Física e os treinamentos, o professor e o técnico. Não oportunizar o ensino e a prática de um Esporte de qualidade, para aqueles que desejam aprendê-lo, na Escola Pública significa colaborar para elitizá-lo ainda mais.

¹⁵⁴ Alba ZALUAR, op. cit., p. 38-39.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatos sociais acontecem numa velocidade que não permitem dar como terminado um trabalho dessa natureza e abrangência. Tem-se consciência de que a reflexão e discussão que se faz no momento, estão submetidas a novas e diferentes análises e reformulações; portanto, confere-se a esse item um caráter de provisoriedade, embora não seja possível deixar de posicionar-se frente às questões por ora discutidas.

A Educação do indivíduo se dá num processo contínuo, múltiplo e abrangente e é essencial para o desenvolvimento da Sociedade. Visa prioritariamente o aspecto individual, no entanto, não pode dar-se numa concepção individualista, mas sim ter sentido histórico e social, de forma que promova desde a auto-realização do indivíduo à emancipação da sociedade. Portanto, é uma ação humana e social, pois as pessoas estão sempre aprendendo umas com as outras, das formas mais variadas e múltiplas.

Através da Educação o indivíduo pode tornar-se um cidadão que irá atuar nos diversos setores existentes na sociedade, de forma racional e competente, na mudança, melhoria e transformação do meio em que vive, visando a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Reconhece-se a escola como principal instituição social formal, onde se dá a Educação dos indivíduos de forma organizada e sistematizada. É um lugar que proporciona o convívio social e a troca de experiências, devendo possibilitar ao educando a produção e aquisição do conhecimento de forma organizada, sistematizada e, também, significativa.

Sabe-se que a Escola Pública tem como clientela majoritária crianças e jovens das classes populares, as quais têm direito a uma Educação de qualidade. Várias devem ser as possibilidades de conteúdos nela tematizados, de maneira que todos tenham acesso à sua apropriação enquanto um bem cultural.

Os vários elementos culturais devem ser desenvolvidos de forma significativa e contextualizada, oportunizando a todos, acesso ao saber gerado pela humanidade, os quais são construções realizadas pelos e para os homens. Portanto, todos têm direito a deles se apropriarem.

Alguns elementos culturais exercem uma grande influência sobre as pessoas e possibilitam tematizações diversificadas, entre eles, o Esporte e suas diferentes manifestações.

O Esporte, sob o ponto de vista pedagógico, é parte da realidade social a qual se desenvolve e se modifica constantemente. Sob esse aspecto não existe o Esporte, mas sim uma grande variedade de diferentes atividades, os “Esportes”, que aparecem de diferentes formas e são realizadas com diferentes intenções.

O Esporte, ao ser tematizado pedagogicamente, poderá colaborar para o desenvolvimento global de crianças, adolescentes e adultos, contribuindo para o processo educacional dos mesmos. Visto assim, não são simples movimentos esportivos, mas o homem como um ser unitário executando-os, vivenciando-os, transformando-os, estabelecendo diferentes e enriquecedoras relações sociais.

Se o educador considerar os “Esportes” e não o Esporte, conseqüentemente as oportunidades de prática aumentarão, pois passarão a existir diversas possibilidades de movimentos, que poderão ser executados pelas mais diferentes pessoas, nos mais diferentes lugares, das mais diferentes formas.

Vê-se como possibilidade para isso, a utilização de algumas características do jogo, para o desenvolvimento do Esporte na escola, objetivando sua democratização, como também recuperar, de certa forma, seu sentido lúdico.

O Esporte é ao mesmo tempo o principal, mais rico e polêmico conteúdo da Educação Física Escolar. Enquanto elemento educacional é um instrumento pedagógico de grande potencialidade que precisa ser utilizado de forma mais ampla, contextualizada, compromissada e responsável pelo educador. No entanto, de modo geral, atualmente o

Esporte é desenvolvido na escola de forma mecânica, acrítica, descompromissada e limitada.

Ao ingressar na 5ª série, a criança está ansiosa para ter aulas de Educação Física e assim passa a ter regularmente. É a chance de movimentar-se, o que para ela é sinônimo de alegria e prazer, pois basicamente são diferentes das demais aulas: têm movimento.

Os alunos, na 5ª série principalmente, não têm o repertório motor básico necessário para o aprendizado das técnicas do Esporte* e as exigências feitas pelo professor, acima de suas capacidades, acabam por afastar-nos da prática do Esporte. A metodologia e os procedimentos utilizados pelo professor limitam e distanciam a criança das experiências corporais do Esporte.

Na Educação Física Escolar, de 5ª à 8ª série, enfatiza-se e desenvolve-se como conteúdo predominante modalidades esportivas, algumas como: o futebol, o basquetebol, o voleibol e o andebol. A prática dessas modalidades é padronizada e limitada, onde há uma escolha que parece comum, veiculada àquelas modalidades mercantilizadas e divulgadas pelos meios de comunicação.

A metodologia adotada por uma maioria de professores, demonstra que o fato de a criança não ter tido aulas de Educação Física nas séries anteriores, parece não ser levado em consideração. O professor ignora que a criança não tem o repertório motor básico, necessário para a prática do Esporte. Cobra dos alunos a execução dos gestos esportivos dentro do seu padrão de “correto”. O vocabulário utilizado é específico, tais como; saque,

* A grande maioria dos alunos da Escola Pública Paranaense só têm contato com professores de Educação Física a partir da 5ª série do 1º grau. (Cf. informações à p. 103-104).

toque, cortada, garrafão, bandeja, progressão, passe e outros mais. Para o aluno é difícil tanto executar os gestos esportivos, quanto entender o que o professor quer dizer com tal vocabulário. As aulas se tornam cansativas, repetitivas, frustrantes, uma “chatice” como dizem as crianças. Existe, ainda, a atitude mais descomprometida daquele professor que nem sequer se preocupa com a correção do mínimo a ser ensinado/cobrado das crianças. Não há ludicidade nem motivação nas aulas, isso faz com que a maioria das crianças, aos poucos, se afaste da prática e da vivência dos primeiros contatos com o Esporte.

É possível perceber, no decorrer do processo ensino aprendizagem, que nas séries posteriores do 1º grau, 7ª e 8ª séries, o número de alunos que participam das aulas de Educação Física diminui gradativamente, as aulas passam a ser para uma minoria.

Os efeitos do Esporte para o educando requerem uma análise ampla, pois proporcionam também benefícios. Não é possível ignorar que o Esporte faz parte do mundo moderno e da história deste século, refletindo nas relações sociais.

Os alunos sofrem influências, adquirem um certo conhecimento e são motivados pelos meios de comunicação à prática do Esporte. Querem aprender sua técnica principalmente nas 7ª e 8ª séries, mas o Esporte acaba sendo realizado por uma pequena minoria.

É necessário que o educador reverta esse quadro reducionista em que o Esporte se encontra, perspectivando formas mais amplas e significativas de sua tematização, dessa forma ele terá sentido enquanto conteúdo da Educação Física Escolar.

A abordagem que se faz, discute e reconhece o Esporte como elemento de Educação e principal conteúdo da Educação Física, na Escola Pública de 1º grau, no período de 5ª à 8ª série. As discussões e possibilidades abordadas não devem ser consideradas como acabadas e fechadas, ao contrário devem ser vistas de forma questionável e aberta, de maneira que suscitem inquietações e novas problematizações, visando contribuir para o enriquecimento das questões que ora se analisa e defende.

Atuar como professora de 1º e 2º graus, assim como no 3º grau, no Curso de Licenciatura de Educação Física, na disciplina de Metodologia e Prática de Ensino em Educação Física, é um privilégio, pois existe a oportunidade de estar em contato com parte da realidade escolar, o que permite constantes reflexões, objetivando buscar o entendimento das questões contraditórias que envolvem o processo ensino-aprendizagem da Educação Física Escolar, assim como contribuir na formação de futuros profissionais.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. O professor não Duvida! Duvida?. São Paulo, SP: Summus, 1990.

- BAFERO, Francisco Augusto. Da Educação Física Escolar para a Educação Física Informal-O clube e a prática esportiva. Dissertação de Mestrado, Piracicaba, SP: UNIMEP, 1991.
- BETTI, Mauro. Educação Física e Sociedade. São Paulo, SP: Movimento, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero, 1983.
- BRACHT, Valter. Educação Física e Aprendizagem Social. Porto Alegre, RS: Magister Ltda, 1992.
- BRANDÃO, Zaia. (org.). A crise dos paradigmas e a Educação. 2ª ed. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1995. Coleção questões de nossa época; v.35.
- BRASIL. Decreto Lei nº 8.672, de 06 de julho de 1993. Institui normas sobre desportos e dá outras providências. Brasília, DF.
- CAGIGAL, Jose Maria. Educação Física na década de setenta. In *Cultura Intelectual y Cultura Física*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Kapulusz, 1979.
- CARMO, Apolônio Abadio do. Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil-a história que não se conta. Campinas, SP: Papyrus, 2ª ed., 1991.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão. Esporte para todos: um discurso ideológico. São Paulo, SP: IBRASA, 1984.

- CLAYES, V. A Evolução do Conceito de Desporto e o fenômeno da participação/não participação. Lisboa, Portugal: Ministério da Educação e Cultura, Direção Geral de Desportos, 1984.
- CUNHA, D. A. As utopias da Educação. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985.
- FINCK, Sílvia Christina Madrid. Algumas reflexões sobre o ritmo dos movimentos do homem. In Coletânea do Iº Encontro de História da Educação Física e do Esporte. Campinas, Sp: FEF/UNICAMP, 1993. p. 40-46.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.
- FREIRE, João Batista. A escola desobediente. Revista da Fundação de Esporte e Turismo 1(3), 1989.
- . De Corpo e Alma: O discurso da motricidade. São Paulo, SP: Summus, 1991.
- . Educação de corpo inteiro - teoria e prática da Educação Física. São Paulo, SP: Scipione, 1989.
- GADOTTI, Moacir. Educação e poder: Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1984.
- . Escola cidadã. Uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1992.
- GEBARA, Ademir. Educação Física: Tempo e Historiografia. In Anais do II Simpósio de Educação Física. Rio Claro, SP: UNESP, vol. II, 1989.

- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Educação Física Progressista- A Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. São Paulo, SP: Loyola, 1988.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salim. Sentir, Pensar, Agir. Corporeidade e Educação. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO-UFPe-UFSM. Visão Didática da Educação Física análises críticas e exemplos práticos de aulas. Rio de Janeiro, RJ: Livro Técnico, 1991.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, SP: Perspectiva, 2ª ed., 1980.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1992
- LENK, Hans. Altius, citius, fortius. Madri, Espanha: INEF, 1972.
- LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 9ª ed. São Paulo, SP: Loyola, 1990.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. Quando a Lei é Regra: um estudo da legislação da Educação Física escolar brasileira. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desporto, 1994.
- MEDINA, João Paulo Subirá. A educação física cuida do corpo... e “mente”: bases para a renovação e transformação da educação física. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1985.
- O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MONTAGNER, Paulo C. Esporte de Competição x Educação? O caso do basquetebol.

Dissertação de Mestrado, Piracicaba, SP: UNIMEP, 1993.

MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física Escolar: a busca da relevância. In PICCOLO

(org.). Educação Física Escolar: ser...ou não ter?. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1993.

-----.(org.). Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

----- . Educação Física: uma abordagem fenomenológica. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1991.

----- . Perspectivas da Educação Motora na Escola. Texto apresentado no I ° Congresso Brasileiro de Educação Motora. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994.

----- . Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento. In MOREIRA (org.). Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; BETTI, Mauro; OLIVEIRA, Wilson Mariz de. Educação Física e o Ensino de 1º grau: Uma abordagem crítica. São Paulo, SP: EDU-EDUSP, 1988.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Educação Física Humanista. Rio de Janeiro, RJ: Livro Técnico, 1985.

----- . O que é Educação Física?. São Paulo, SP: Brasiliense, 5ª ed., 1986.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Resolução nº 6342/93. Curitiba, PR: SEED, 1993.

----- . Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de 1º grau. Cadernos do Ensino Fundamental, nº 7- Educação Física, uma proposta atual para 5ª a 8ª série. Curitiba, PR: SEED, 1994.

----- . Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de 1º grau. Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná. Curitiba, PR: SEED, 1990.

PARLEBAS, Pierre. Perspectivas para una Educacion Física moderna. Andalucia: Quisport, 1988.

PICCOLO, Vilma L. Nista (org.). Educação Física Escolar: ser...ou não ter?. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1993.

SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. In MOREIRA (org.). Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1992.

SILVEIRA, Bruno. A Educação Física e Desportos: uma nova visão. In TUBINO (org.). Repensando o Esporte brasileiro. São Paulo, SP: IBRASA, 1988.

- SOARES, Carmem Lúcia; TAFFAREL, Celli N. Z.; ESCOBAR, Michel Ortega. A Educação Física Escolar na perspectiva do século XXI. In MOREIRA (org.). Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- TANI et alii. Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo, SP: EDU-EDUSP, 1988.
- TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões sociais do esporte. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1992.
- . Esporte e Cultura Física. São Paulo, SP: IBRASA, 1992.
- . (org.). Repensando o esporte brasileiro. São Paulo, SP: IBRASA, 1988.
- . Teoria Geral do Esporte. São Paulo, SP: Ibrasa, 1987.
- . Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In MOREIRA (org.). Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- VALENTINI, Luciane Regina. A relação entre Sociedade, Educação e Educação Física: Uma contribuição a reestruturação curricular na Escola Pública. Monografia de Especialização, Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, 1993.
- ZALUAR, Alba. O Esporte na educação e na política pública. Educação e Sociedade. Campinas, SP: n. 38, p.19-44, abr. 1991.

